

24 a 27 de agosto de 2022

# XV ENCONTRO CLIO-PSYCHÉ

VI Congresso Brasileiro  
de História da Psicologia

Saber moderno, saber nativo:  
por histórias antropofágicas da Psicologia

## Anais



Realização:

Apoio:



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**Reitor** | Mario Sergio Alves Carneiro

**Pró-reitor de Graduação** | Lincoln Tavares Silva

**Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa** | Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

**Pró-reitora de Extensão e Cultura** | Cláudia Gonçalves de Lima

**Pró-reitora de Políticas e Assistência Estudantis** | Catia Antonia da Silva

**Centro de Educação e Humanidades** | Diretor: Bruno Rego Deusdará Rodrigues

### **Instituto de Psicologia**

**Diretora** | Ana Maria Jacó-Vilela

**Vice-Diretor** | Ricardo Vieiralves de Castro

### **Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché**

**Coordenadora** | Ana Maria Jacó-Vilela

**Coordenador Adjunto** | Filipe Degani-Carneiro

### **Sociedade Brasileira de História da Psicologia – SBHP**

**Presidente** | Rodrigo Lopes Miranda

**Vice-presidente** | Filipe Degani-Carneiro

**Secretário** | Sandro Rodrigues Gontijo

**Segundo Secretário** | Rodolfo Luís Leite Batista

**Tesoureira** | Maira Allucham Goulart Trevisan Naves Vasconcellos

**Segundo Tesoureira** | Jaqueline de Andrade Torres

## CATALOGOÇÃO NA FONTE

### UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/E

E56	<p>Encontro Clio-Psyché (15.: 2022: Rio de Janeiro, RJ). Anais do XV Encontro Clio-Psyché: Saber moderno, saber nativo: por histórias antropofágicas da Psicologia; VI Congresso Brasileiro de História da Psicologia / Clio-Psyché - Laboratório de História e Memória da Psicologia. - Rio de Janeiro, RJ: UERJ/Instituto de Psicologia, 2022. 116p.</p> <p>ISSN: 1982-632X</p> <p>Encontro realizado nos dias 24 a 27 de agosto de 2022, com o tema: Saber moderno, saber nativo: por histórias antropofágicas da Psicologia.</p> <p>1. Psicologia - História - Congressos. 2. Psicologia discursiva - Congressos. 3. Psicologia - História - Cooperação internacional - Congressos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Laboratório de História e Memória da Psicologia. III. Título.</p> <p>CDU 159.9(091)(063)</p>
-----	--

## XV ENCONTRO CLIO-PSYCHÉ

**Saber moderno, saber nativo: por histórias antropofágicas da Psicologia**

### **PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO**

Clio-Psyché – Laboratório de História e Memória da Psicologia

### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Presidente: Ana Maria Jacó Vilela  
Alice Helena do Nascimento  
Ana Maria Jacó-Vilela  
Ana Beatriz da Silveira  
Daniel Demétrios  
Fernanda Lima  
Fernando Tavares Saraiva  
Filipe Degani Carneiro  
Gabrielle de Moraes  
Guilherme Andrade  
Jaqueline de Andrade Torres  
Lucía González  
João Henrique Queiroz de Araújo  
Juberto de Souza  
Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos  
Maria Fernanda Ces  
Maria Luiza Lucena  
Monique Neves Impieri  
Rodrigo Lopes Miranda  
Tariq Augusto  
Yasmin Sena de Sales

### **COMITÊS**

#### **Comitê de Avaliação de trabalhos**

José Felipe Vitor Machado  
Daniel Arruda de Lima  
Isabella Oliveira dos Santos  
Letícia Oliveira Silva

#### **Comitê de Logística**

Rafael Peçanha da Costa  
Luccas da Silveira Marques  
Alice Helena do Nascimento  
Monique Neves Impieri

#### **Comitê de Finanças**

Filipe Degani-Carneiro  
Alice Helena do Nascimento  
Monique Neves Impieri

#### **Comitê de Comunicação**

Adriana Amaral do Espírito Santo  
Laura Araújo Delarue dos Santos  
Leonardo Eira Faraco  
Raphael Alves Cardoso

#### **Comitê de Certificados**

Wilk Farias Nobre  
Fernando Ben Oliveira da Silva  
Letícia Oliveira Silva  
Pedro Henrique Leal

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Adriana Amaral do Espírito Santo  
Ana Maria Jacó-Vilela  
Fernando Tavares Saraiva  
Filipe Degani Carneiro  
Jaqueline de Andrade Torres  
Maira Allucham Goulart Naves Trevisan  
Vasconcellos  
Rodrigo Lopes Miranda

### **APOIO**



### **REALIZAÇÃO**



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	4
PROGRAMAÇÃO.....	6
RESUMOS.....	21
A. CONFERÊNCIAS .....	21
B. SIMPÓSIOS .....	22
C. SESSÃO DEPOIMENTO .....	27
D. APRESENTAÇÃO DE LIVROS .....	27
E. OFICINAS .....	30
F. SESSÕES COORDENADAS .....	32
ÍNDICE REMISSIVO DE AUTORES .....	115

## APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2022 voltamos a nos “encontrar” presencialmente. Desde o último Encontro, em 2020, quando as circunstâncias exigiram que o XIV Encontro Clio-Psyché/IV Congresso Brasileiro de História da Psicologia ocorresse de forma remota, e por todas as dificuldades que temos enfrentando ao longo deste período, o Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché celebra e deseja boas-vindas ao XV Encontro Clio-Psyché/VI Congresso Brasileiro de História da Psicologia – Saber moderno, saber nativo: por histórias antropofágicas da Psicologia.

O XV Encontro, excepcionalmente realizado no mês de agosto, entre os dias 24 e 27, tem como pontos de partida para as reflexões que propomos as comemorações em torno dos 60 anos da regulamentação da Psicologia como profissão no Brasil, o bicentenário da Independência e o centenário da Semana de Arte Moderna, com suas proposições artísticas, culturais e sociais inovadoras e, poderíamos dizer, hoje, decoloniais. Dessa forma, como não poderia deixar de ser, nosso Laboratório reúne, neste Encontro, pesquisadores e pesquisadoras da História da Psicologia para refletir e analisar o campo de construção da psicologia e seus atravessamentos históricos e sociais, tanto no Brasil como na América Latina. Nesse sentido, propusemos três eixos que congregam os trabalhos a serem apresentados e discutidos nas Sessões Coordenadas.

No Eixo 1: História da Psicologia, Modernidade e modernização, as temáticas do movimento modernista, notadamente a antropofagia, representando a ideia de incorporação de algo para produção do novo, servem de pressuposto para se pensar a História da Psicologia relacionando as dinâmicas de apropriação, indigenização e hibridismo presentes em tais contextos e atores locais, examinando os saberes psicológicos como localizados na fronteira entre “saber moderno” e “saber nativo”.

O Eixo 2: Histórias da formação e atuação profissional em Psicologia, reflete sobre as contribuições a respeito do processo de formação e consolidação da profissão de psicólogo, em suas diferentes áreas de atuação, de forma crítica e histórica, portanto, atravessada pelos contextos político, econômico, cultural e social. Isto faz com que, neste Eixo, estejam incluídos trabalhos que discutem gênero, raça, etnicidade, classe social e sexualidade como parte do processo de construção e formulação de novos campos de interesse dentro de uma Psicologia que se pretenda plural e local ou decolonial.

No Eixo 3: Histórias das teorias, objetos e práticas psicológicas, discute-se a construção histórica dos objetos, métodos, técnicas e práticas (disciplinares, científicas e/ou profissionais) do conhecimento psi (Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise), relacionando-os criticamente à história social, história intelectual ou história conceitual, buscando refletir sobre a recepção, difusão e circulação do conhecimento psicológico em cenários socioculturais específicos.

Nossa Programação contará com atividades culturais, como as visitas guiadas ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, no Instituto Municipal Juliano Moreira, e ao Museu de Imagens do Inconsciente, no Instituto Municipal Nise da Silveira, lançamento de livros e três Oficinas (Fontes primárias, Bibliometria, História oral). Além destes, o Encontro terá Simpósios, Mesas e Conferências realizadas por pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, da América Latina e da Europa, e a tradicional Sessão Depoimento, em que entrevistaremos e poderemos compartilhar a trajetória de Cecília Coimbra. O Encontro ocorrerá em conjunto com o VI Congresso Brasileiro de História da Psicologia. Assim, teremos a Assembleia da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, para a qual convidamos todos os participantes.

O XV Encontro Clio-Psyché – Saber moderno, saber nativo: por histórias antropofágicas da Psicologia, através da importância das temáticas que entrelaçam os diversos trabalhos que serão compartilhados, propõe, desse modo, uma discussão crítica dos processos que desvelam os diferentes desdobramentos da Psicologia na história e as complexas relações entre ciência, sociedade e política na produção dos saberes psicológicos no Brasil e na América Latina, sobretudo no contexto atual, com o desmonte das políticas públicas, crescimento da violência e de discursos e práticas de cunho fascista. Mais uma vez nos reunimos, novamente e felizmente, como gostamos que seja, presencialmente, desejando que os encontros, os debates, as reflexões e as conexões que, acreditamos, serão produzidas aqui continuem a propiciar nosso fortalecimento frente aos desafios contemporâneos, tendo em vista a responsabilidade, assim como as contribuições que o campo da História da Psicologia pode nos conceder.

Um ótimo Encontro!

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2022

**ANAIS DO XV ENCONTRO CLIO-PSYCHÉ**  
**Saber moderno, saber nativo: por histórias antropofágicas da Psicologia**

UERJ, 24 a 27 de agosto de 2022

**PROGRAMAÇÃO**

**DIA 24/08 (QUARTA-FEIRA)**

<p><b>10h - 12h: Atividades culturais</b></p> <p>Visita guiada ao <b>Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea</b> (Instituto Municipal Juliano Moreira)</p> <p>[20 vagas - Necessário inscrição]</p>
<p><b>13h: Credenciamento</b></p> <p><i>Local:</i> Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché</p>
<p><b>14h - 16h30: Oficinas Pré-Congresso</b></p> <p><i>Local:</i> Cepuerj (ao lado do Laboratório Clio-Psyché)</p> <p><b>Oficina 1 - O uso de fontes na pesquisa e no ensino de História da Psicologia</b> Facilitador: Rodrigo Lopes Miranda (UCDB - Campo Grande, MS) <i>Local:</i> Cepuerj, sala 1</p> <p><b>Oficina 2 – Novos desafios de pesquisa na História e Sociologia da Ciência: Aspectos epistêmicos, metodológicos e técnicos</b> Facilitador: Fernando Andrés Polanco (UNSL - San Luis, Argentina) <i>Local:</i> Cepuerj, sala 2</p> <p><b>Oficina 3 - Psicologia, História do presente e oralidade</b> Facilitador: Gabriel Vieira Cândido (UFSCAR - São Carlos, SP) <i>Local:</i> Cepuerj, sala</p>
<p><b>17h: Mesa de Abertura</b></p> <p><i>Local:</i> Capela Ecumênica</p> <ul style="list-style-type: none"><li>● Bruno Rego Deusdará Rodrigues – Diretor do Centro de Educação e Humanidades da UERJ</li><li>● Ana Maria Jacó-Vilela – Diretora do Instituto de Psicologia da UERJ &amp; Coordenadora do Clio-Psyché – Laboratório de História e Memória da Psicologia</li><li>● Rodrigo Lopes Miranda – Presidente da Sociedade Brasileira de História da Psicologia</li><li>● Laura Cristina de Toledo Quadros – Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ</li></ul>

- Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega – Presidenta do Conselho Federal de Psicologia
- Mônica Valéria Affonso Sampaio – Presidenta do Conselho Regional de Psicologia da 5ª Região
- Hildeberto Vieira Martins – Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Social, representando o Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia no Brasil (FENPB)

### **18h: Conferência de Abertura**

*Local:* Capela Ecumênica

### **Da arte dos alienados à arte moderna: percursos da história da psicanálise no Brasil (1852-1948)**

Conferencista: Cristiana Facchinetti (FIOCRUZ)

*Coordenação:* Rodrigo Lopes Miranda (UCDB)

### **19h30: Confraternização**

*Local:* Subsolo da Capela Ecumênica

**DIA 25/08 (QUINTA-FEIRA)**

### **9h: Sessões Coordenadas**

#### **Sessão 1 - História dos saberes psi e suas contribuições teóricas e conceituais**

*Local:* Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché

- **A conformação da Enfermeira moderna brasileira e as interfaces com os saberes "Psi": um estudo historiográfico 1932-1988** - Kely Cristina Garcia Vilena e Rodrigo Lopes Miranda (UCDB)
- **Abordagem psicológica às experiências anômalas e religiosas: uma revisão bibliográfica** - Maycon Rodrigo da Silveira Torres, Matheus Coutinho dos Santos Alves, Julia Ravizzini Pereira e Isadora Alves da Costa Santos (Faculdade Maria Thereza / Universidade Federal Fluminense)
- **Mais que cognitivo: Uma psicologia corporificada cartesiana** - Milena Pedrosa Viana Ferreira e Thiago Constâncio Ribeiro Pereira (UFF)
- **A importância do estudo de Lorraine Daston sobre objetividade aperspectivística para pensar a produção dos corpos que importam** - Luisa Barros Bonelli, Isadora Almeida Dutra e Roberto de Oliveira Preu (UFF)
- **A noção de corpo nos primórdios da psicanálise** - Alessandra Silveira Ferreira, Rafaella Nóbrega Esch de Andrade e Ingrid Vorsatz (UERJ)
- **História e Psiquê nas obras de Walter Benjamin e Marcel Proust** - Eduardo Carli de Moraes (UFG)

*Coordenação:* Maria Eugenia González (UNC)

#### **Sessão 2 - História da Psicologia e a Formação em perspectiva**

*Local:* sala 1 -Cepuerj

- **O saber moderno e o saber nativo: a formação em Psicologia e o Controle Social nas margens** - Conrado Neves Sathler e Esmael Alves de Oliveira (UFGD)
- **Relato de experiência: formação do psicólogo educacional e sua função na escola** - Carolina Esteves Alves, Maria de Lourdes Peluso e Carolyne Machado (Faculdade Maria Thereza)
- **Postura do psicólogo nas organizações: relato de experiência na formação em Psicologia** - Carolina Esteves Alves, Matheus Coutinho, Yasmin Castro e Vanessa Carine Gil de Alcântara (Faculdade Maria Thereza)
- **Deseducação da Psicologia hegemônica a partir da perspectiva de terreiro** - Kathleen dos Santos Galvão e Bruno Meloni Esturião (UFF)
- **Compreendendo o Discriminacionismo Afetivo: definições básicas e conceitos preliminares** - Luiz Eduardo Prado da Fonseca (UFRJ)

*Coordenação:* Daniel Arruda de Lima (UERJ)

### **Sessão 3 - Psicologia, divulgação científica e novas mídias**

*Local:* sala 2 -Cepuerj

- **Atendimento remoto on-line: a construção e a adoção desta modalidade na prática clínica em psicologia** - Jade Vellinha Lemos e Ingrid Vorsatz (UERJ)
- **Mídias sociais como ferramenta de divulgação científica da história da psicologia** - Adriana Amaral do Espírito Santo, Rafael Peçanha da Costa e Raphael Alves Cardoso (UERJ)
- **Portal História da Psicologia: integrando ensino, pesquisa e extensão em história da psicologia** - Andre Elias Morelli Ribeiro (UFF)
- **Psicologia não é coaching: Uma análise das capturas neoliberais dos saberes e práticas psi** - Lucas Bourdette Ferreira, Gabriela dos Santos Melo Bonfim, Giuliana Volfzon Mordente, Maurício Coutinho Pereira e Paulo Vitor Goulart Gama (UFRJ)
- **Gastão Pereira da Silva e João Peregrino Jr. e alguns exemplos de divulgação de teorias médico-psicológicas em revistas cariocas** - Ede Conceição Bispo Cerqueira, Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes (Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz)
- **Emilio Rodrigué e o grito primal** - Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes (Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz)

*Coordenação:* Jaqueline de Andrade Torres (UCDB)

### **Sessão 4 - Psicologia e análises políticas e sociais**

*Local:* sala 3 -Cepuerj

- **A experimentação de pesquisa em psicologia com juventudes faveladas** - Raiane Barreto Teixeira Gonçalves Pereira (UFRJ)
- **Subjetividades en primera línea: Aspectos de la subjetividad que sostienen la actual actitud objetora de la juventud. Caso PRIMERA LÍNEA** - Carlos Alberto Rincón Oñate (Universidad Cooperativa de Colombia)
- **Adoecimento psíquico e vulnerabilidade no contexto da assistência social** - Amanda Pinho Nunes da Silva Pereira e Ingrid de Mello Vorsatz (UERJ)
- **Ensamblajes sobre la subjetividad del insurgente liberal en la época de la Violencia en Colombia** - Joan Sebastian Soto Triana (Fundación Universitaria Los Libertadores)

<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>O perfil psicológico do subversivo urbano no Peru: a apropriação da psicologia pelas Forças Armadas brasileiras para o estudo do Sendero Luminoso</b> - Juberto Antonio Massud de Souza e Letícia Oliveira Silva (UERJ) <i>Coordenação:</i> Juberto Antonio Massud de Souza (UFGD)</li> </ul>
<p><b>11h: Simpósio</b></p> <p><b>O ISOP 75 anos depois: suas práticas, sua influência</b> <i>Local:</i> Capela Ecumênica</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>O ISOP da Fundação Getúlio Vargas - uma história ainda a ser contada</b> - Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ)</li> <li>● <b>Mira y López para além das margens do Rio (de Janeiro)</b> - Rosane Maria Souza e Silva (IFBA)</li> <li>● <b>A contribuição do ISOP para a psicologia do esporte brasileira: Sessenta anos do bicampeonato mundial de futebol</b> - Adriana Amaral do Espírito Santo (UERJ)</li> </ul> <p><i>Coordenação:</i> Hildeberto Vieira Martins (UFF)</p>
<p><b>12h30: Almoço</b></p>
<p><b>14h: Depoimento de Cecília Coimbra</b> (UFF) [transmissão virtual] <i>Local:</i> Capela Ecumênica <i>Entrevistadores:</i> Fernando Ben, Rafael Peçanha e Lucia Gonzalez (Clio-Psyché / UERJ)</p>
<p><b>15h30: Pausa para o Café &amp; Lançamento de Livros</b></p> <p><b>“Para além da psicofísica: Fechner e as visões diurna e noturna” (Nau, 2022).</b> <i>Organizadores:</i> Arthur Arruda Leal Ferreira, André Elias Morelli Ribeiro, Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos <i>Local:</i> sala 2 -Cepuerj</p> <p><b>“Para orientar a juventude: a construção de um projeto salesiano de Psicologia Escolar e Educacional” (Appris, 2022).</b> <i>Autor:</i> Rodolfo Luís Leite Batista <i>Local:</i> sala 3 - Cepuerj</p>
<p><b>16h: Simpósio</b></p> <p><b>Os saberes psi em regimes de exceção</b> <i>Local:</i> Capela Ecumênica</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>El gen rojo: psiquiatría y represión en la España franquista</b> - Omar Bravo (ICESI, Colômbia)</li> <li>● <b>O Serviço Nacional de Informações (SNI) e a criação do Conselho Federal de Psicologia (CFP)</b> - Juberto de Souza (UFGD)</li> </ul> <p><i>Coordenação:</i> Maria Cláudia Novaes Messias (FASP)</p>
<p><b>17h30: Simpósio</b></p> <p><b>Profissionalização da Psicologia: uma mirada latino-americana</b></p>

*Local:* Capela Ecumênica

- **Psicologia brasileira - 60 anos de regulamentação - a formação em debate** - Jefferson Bernardes (UFAL)
- **En defensa de la psicología: ciencia y profesión autónoma, de relevancia social** - Maria Andrea Piñeda (CONICET/ UNSL - Argentina)

*Coordenação:* Maira Allucham Vasconcellos (PUC-Minas/UNIFAE)

**19h: Assembleia da Sociedade Brasileira de História da Psicologia**

*Local:* Auditório do Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché

**DIA 26/08 (SEXTA-FEIRA)**

**9h: Sessões Coordenadas**

**Sessão 5 - Mulheres e Relações de gênero como perspectiva de análise na História da Psicologia**

*Local:* Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché

- **Contribuições dos Direitos Humanos e epistemologia feministas e decoloniais para pensar sobre a ética na pesquisa em História da Psicologia** - Josiane Sueli Béria e Fernando Andres Polanco (Universidad Nacional de San Luis)
- **Un retrato crítico de la obra "La inferioridad mental de la mujer" de Paul Julius Mobius (1900)** - Fernando Andres Polanco e Josiane Sueli Beria (Universidad Nacional de San Luis)
- **Contracultura e a liberação sexual: O impacto da cultura psicanalítica nas histórias em quadrinhos underground (Estados Unidos, décadas de 1960 e 1970)** - Diego Luiz dos Santos (Unioeste)
- **Incantatrix tropical: poderes ocultos e estratégias de resistência das mulheres no Brasil colonial** - Maria Cláudia Novaes Messias e Ana Maria Jacó-Vilela (Faculdade Sul Fluminense)
- **As mulheres e as práticas psicológicas no Serviço de Orientação e Seleção de pessoal de Minas Gerais durante os anos de 1950 e 1970** - Deolinda Armani Turci e Ana Maria Jacó-Vilela (UEMG)
- **As trajetórias de Maria Lúcia da Silva e Maria de Jesus Moura: do ativismo negro às ciências psicológicas no Brasil** - Fernanda Britto Pinheiro Cerqueira (UnB)

*Coordenação:* Josiane Sueli Béria (UNSL)

**Sessão 6 - Psicologia social e História da Psicologia em análise**

*Local:* sala 1 -Cepuerj

- **Célio Garcia e a Psicologia Social** - Marília Novais da Mata Machado (UFMG/UFESJ)

- **Trajatória Intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações Sociais** - José Felipe Vitor Machado e Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ)
- **As trajetórias de Helmuth Ricardo Krüger e Celso Pereira de Sá no campo da Psicologia Social** - José Felipe Vitor Machado e Isabella Oliveira dos Santos (UERJ)
- **O social na história do Instituto de Psicologia da UERJ** - Isabella Oliveira dos Santos e Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ)
- **Psicologia social Abrapsiana e emancipação humana: alguns apontamentos** - Gervásio de Araújo Marques da Silva (UFRJ)
- **Estudo teórico-metodológico de duas abordagens da relação entre emoções e linguagem: Engelmann e Vigotski** - Gisele Toassa (UFG)

*Coordenação:* Isabella Oliveira dos Santos (UERJ)

### **Sessão 7 - Contribuições teórico-metodológicas na História da Psicologia**

*Local:* sala 2 -Cepuerj

- **Traduções em série: uma proposta de história cultural a partir das transformações do conceito de ikigai** - Andre Elias Morelli Ribeiro e Viviane da Silva Gomes (UFF)
- **História do behaviorismo no Brasil antes da década de 1960: Um tema negligenciado na historiografia nacional** - Gabriela Godoi Damineli, Guilherme dos Santos Teixeira Rocha, Leonardo Grilli Belinotte, Luanna dos Santos Demitrov, Paloma Suellen Paiola e Bruno Angelo Strapasson (UFPR)
- **Contribuições do pragmatismo para o campo das ciências da cognição** - Paula Parada Oliveira, Geórgia Superti Maia, Milena Pedrosa Viana Ferreira e Gustavo Cruz Ferraz (UFF)
- **Vivendo e Aprendendo: o que o livro do mundo informa acerca da união corpo-alma** - Ingrid Santos e Thiago Pereira (UFF)
- **A Derrocada do Estruturalismo Titcheneriano: Uma Nova Hipótese de Explicação** - Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (UFRJ)
- **As críticas da 'Nova História da Psicologia' nos EUA e a Historiografia Brasileira da Psicologia** - Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos, Yuri Pereira Antunes Vieira, Gunther Mafra Guimarães, Luiz Eduardo Prado da Fonseca e André Elias Morelli Ribeiro (UFRJ)

*Coordenação:* Fernando Tavares Saraiva (UFPA)

### **Sessão 8 - Psicologia e Psiquiatria e seus atravessamentos históricos**

*Local:* sala 3 -Cepuerj

- **Controvérsias do Campo Psi: Psicologia Clínica e Psiquiatria nos Arquivos Brasileiros de Psicologia (1949-1968)** - Roberta Garcia Alves, Anna Carolina Rodrigues Capilé, Izabella Tognini Corrêa e Rodrigo Lopes Miranda (UCDB)
- **A relação entre as práticas institucionais em saúde mental e a literatura testemunhal** - Nataly Soares de Araujo Neves e Ingrid Vorsatz (UERJ)

- **Los psiquiatras de la Beneficencia de Cundinamarca (Colombia) en las encrucijadas de los saberes psi. Una lectura historiográfica de la gestión de las enfermedades mentales durante el periodo 1950-1970** - María del Carmen Castrillón Valderrutén
- **A Psicologia do século XIX a partir de Ellen White** - Hugo de Nilson Damasceno e Ana Maria Jacó Vilela (UERJ)
- **Uma História da Rede de Atenção Psicossocial em Campo Grande – MS** - Ana Camila Marcelo e Rodrigo Lopes Miranda (UCDB)
- **Os presos políticos nos manicômios durante o período da ditadura empresarial-militar** - Letícia Oliveira Silva e Juberto Antonio Massud de Souza (UERJ)

*Coordenação:* Letícia Oliveira Silva (UERJ)

**11h30: Conferência** [transmissão virtual]

*Local:* Capela Ecumênica

- **Jerome Bruner entre o público e o privado** - Pina Marsico (Universidade de Salerno, Itália / Universidade Federal da Bahia)

*Coordenação:* André Morelli (UFF - Rio das Ostras)

**12h30: Almoço**

**14h: Sessões Coordenadas**

**Sessão 9 - Psicanálise e História da Psicologia**

*Local:* Laboratório de História e Memória da Psicologia - Clio-Psyché

- **A Neurose de Guerra e o Quinto Congresso Internacional Psicanalítico de Budapeste de 1918** - Pedro Felipe Neves de Muñoz e Silvia Correia (PUC-Rio)
- **A remissão freudiana ao conto O homem da areia na construção da noção do infamiliar (das Unheimliche)** - Sabrina Varella Soares, Rafaela Antunes Fernandes Petrone, Rafaella Nóbrega Esch de Andrade e Ingrid Vorsatz (UERJ)
- **Um breve percurso da angústia na teoria freudiana** - Catarina Miranda de Barros e Ingrid Vorsatz (UERJ)
- **A noção de realidade psíquica: sua construção e sua especificidade na psicanálise** - Arthur Teixeira Pereira e Ingrid Vorsatz (UERJ)
- **A cultura em questão: As vicissitudes do conceito de Mal Estar freudiano, a crítica Nietzscheana e seus desenlaces na atualidade** - Mauro Silva de Carvalho (Universidade Veiga de Almeida)
- **Uma revisão do olhar em Freud a partir de Luce Irigaray** - Gabriela Vieira Brasil de Araújo, Mary Emily Mattoso Silva Suzano e Roberto de Oliveira Preu (UFF)

*Coordenação:* Pedro Muñoz (PUC-Rio)

**Sessão 10 - Interfaces da Psicologia com a infância e a educação no Brasil**

*Local:* sala 1 -Cepuerj

- **Orientação Vital na Faculdade Dom Bosco: análise preliminar de um serviço – décadas de 1950 a 1960** - Julia Fiuza Franco Monteiro Prado e Denner Luiz da Silva (UFSJ)
- **Mito da educação “inovadora”: neoliberalismo escolar e o papel da psicologia crítica** - Giuliana Volfzon Mordente (UFRJ)
- **A Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais em jornais de Barbacena entre 1962 e 1978** - Rodolfo Luís Leite Batista, Eduardo Henrique Marques de Oliveira, Gabriela Viveiros Dornelas e Isabela Corine Celestino Nogueira (Centro Universitário Presidente Antônio Carlos)
- **As práticas psicológicas e a participação da família na Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais entre 1962 e 1971** - Rodolfo Luís Leite Batista, Maria Eduarda Copatti Lopes e Sabrina Cristina de Oliveira (Centro Universitário Presidente Antônio Carlos)
- **"Queixa escolar": origem, circulação e apropriação do conceito no campo da Psicologia Escolar e Educacional** - Renato Batista da Silva e Marilene Proença Rebello de Souza (USP)
- **Palácios da miséria: a institucionalização da infância no Brasil desde a colônia até a república** - Daniel Arruda de Lima e Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ)

*Coordenação:* Rodolfo Luís Leite Batista (UFJF)

### **Sessão 11 - História da Psicologia no Brasil e seus atores**

*Local:* sala 2 -Cepuerj

- **Notas historiográficas sobre a psicologia clínica no Brasil: A partir de Elso Arruda (1945-1985)** - Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota e Rodrigo Lopes Miranda (Unigran)
- **Considerações para o reconhecimento de Elisabeth da Boêmia na História da Psicologia** - Mary Emily Mattoso Silva Suzano, Gabriela Vieira Brasil de Araújo e Thiago Constâncio Ribeiro Pereira (UFF)
- **"Popularização da Psicologia enquanto ciência: Emilio Mira y López na imprensa Brasileira entre 1940 e 1960"** - Filipe Degani-Carneiro, José Felipe Vitor Machado, Laura Araújo Delarue dos Santos e Lucía Rodríguez González (UERJ)
- **Pelas memórias de um pioneiro: a trajetória de Waldir dos Santos Costa na história da Psicologia no Amazonas** - Selma Barboza Perdomo (UEAM)
- **“Mirando” Freud: a Psicanálise na obra de Emilio Mira y López** - Fernando Ben Oliveira da Silva, Ana Maria Jacó-Vilela e Filipe Degani-Carneiro (UERJ)
- **Maria Brasília Leme Lopes: Contribuições para a Psicologia no Brasil (1928-1936)** - Luiz Eduardo Prado da Fonseca (UFRJ)

*Coordenação:* Fernando Ben Oliveira da Silva (UERJ)

### **Sessão 12 - Loucura e saberes psi em interface histórica**

*Local:* sala 3 -Cepuerj

- **A coleção bibliográfica de obras especiais do Instituto de Psiquiatria da UFRJ como fonte para a história dos saberes Psi.** - Cátia Maria Mathias (Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz)
- **O uso de testes psicológicos na psiquiatria no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX** - Pedro Henrique Leal Cardoso, Luccas da Silveira Marques, Ana Beatriz Andrade da Silva e Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ)
- **As primeiras gerações de psicólogos da Bahia: entre convergências e divergências com o campo médico psiquiátrico** - Rosane Maria Souza e Silva (IFBA)
- **Dos porões da Santa Casa de Misericórdia a Assistência a Alienados em Minas Gerais** - Aline Moreira Gonçalves e Marcos Vieira Silva (UFSJ)
- **Os discursos psicológicos no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro no século XX** - Letícia Oliveira Silva e Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos (UERJ)
- **A belle époque suburbana: a criação do primeiro ambulatório de profilaxia da América Latina no Rio de Janeiro** - Rafaela Antunes Fernandes Petrone, Renata Patricia Forain de Valentim, Pedro Henrique Abreu da Silva e Vitor Oliveira Braga (UERJ)

*Coordenação:* José Felipe Vitor Machado (UERJ)

#### **16h: Pausa para o Café & Lançamento de Livros**

##### **“Metodologia qualitativa técnicas e exemplos de pesquisa”**

*Organizadores:* Adriana Benevides Soares, Maria Eduarda de Melo Jardim, Cesar, Augusto Cobellas de Medeiros, Maria Luzia Rocha da Silva, Paulo Roberto Soares da Silva Alves, Rejane Ribeiro.

#### **16h30: Simpósio**

##### **Colonização e descolonização na história da Psicologia**

*Local:* Capela Ecumênica

- **La descolonización cultural y la primera Psicología de la Liberación en Latinoamérica. La obra de Antonio Caparrós.** - Hugo Klappenbach (UNSL/Argentina)
- **Temas y tareas para una Historia de la Psicología Militar** - Javier Bandrés (Universidad Complutense de Madrid)

*Coordenação:* Filipe Degani-Carneiro (UERJ)

#### **18h: Conferência de Encerramento**

*Local:* Capela Ecumênica

**Con el centro en todas partes: Modernismo y Psicología en México.** - Salvador Iván Rodríguez Preciado (ITESO/Guadalajara, México)

*Coordenação:* Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ)

**19h30 Encerramento:** Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ) e Rodrigo Miranda (SBHP)

DIA 27/08 (SÁBADO)

**11h -13h: Atividades culturais**

Visita guiada ao **Museu de Imagens do Inconsciente** (Instituto Municipal Nise da Silveira)

[20 vagas - Necessário inscrição]

## SESSÕES

QUINTA-FEIRA, 24/08 ÀS 09H

### **Sessão 1 - História dos Saberes Psi e suas contribuições teóricas e conceituais**

Coord: Maria Eugenia González (UNC)

1. A conformação da Enfermeira moderna brasileira e as interfaces com os saberes "Psi": um estudo historiográfico 1932-1988 - Kely Cristina Garcia Vilela e Rodrigo Lopes Miranda.
2. Abordagem psicológica às experiências anômalas e religiosas: uma revisão bibliográfica - Maycon Rodrigo da Silveira Torres, Matheus Coutinho dos Santos Alves, Julia Ravizzini Pereira e Isadora Alves da Costa Santos.
3. Mais que cognitivo: Uma psicologia corporificada cartesiana - Milena Pedrosa Viana Ferreira e Thiago Constâncio Ribeiro Pereira.
4. A importância do estudo de Lorraine Daston sobre objetividade aperspectivística para pensar a produção dos corpos que importam - Luisa Barros Bonelli, Isadora Almeida Dutra e Roberto de Oliveira Preu.
5. A noção de corpo nos primórdios da psicanálise - Alessandra Silveira Ferreira, Rafaella Nóbrega Esch de Andrade e Ingrid Vorsatz.
6. História e Psiquê nas obras de Walter Benjamin e Marcel Proust - Eduardo Carli de Moraes.

### **Sessão 2 - História da Psicologia e a Formação em perspectiva**

Coord: Daniel Arruda de Lima (UERJ)

1. O saber moderno e o saber nativo: a formação em Psicologia e o Controle Social nas margens - Conrado Neves Sathler e Esmael Alves de Oliveira.
2. Relato de experiência: formação do psicólogo educacional e sua função na escola - Carolina Esteves Alves, Maria de Lourdes Peluso e Carolyne Machado.
3. Postura do psicólogo nas organizações: relato de experiência na formação em Psicologia - Carolina Esteves Alves, Matheus Coutinho dos Santos Alves, Yasmin Castro e Vanessa Carine Gil de Alcântara.
4. Deseducação da Psicologia hegemônica a partir da perspectiva de terreiro - Kathleen dos Santos Galvão e Bruno Meloni Esturião.
5. Compreendendo o Discriminacionismo Afetivo: definições básicas e conceitos preliminares - Luiz Eduardo Prado da Fonseca.

### **Sessão 3 - Psicologia, divulgação científica e novas mídias**

Coord: Jaqueline de Andrade Torres (UCDB)

1. Atendimento remoto on-line: a construção e a adoção desta modalidade na prática clínica em psicologia - Jade Vellinha Lemos e Ingrid Vorsatz (UERJ)
2. Mídias sociais como ferramenta de divulgação científica da história da psicologia - Adriana Amaral do Espírito Santo, Rafael Peçanha da Costa e Raphael Alves Cardoso.

3. Portal História da Psicologia: integrando ensino, pesquisa e extensão em história da psicologia - Andre Elias Morelli Ribeiro.
4. Psicologia não é coaching: Uma análise das capturas neoliberais dos saberes e práticas psi - Lucas Bourdette Ferreira, Gabriela dos Santos Melo Bonfim, Giuliana Volfzon Mordente, Maurício Coutinho Pereira e Paulo Vitor Goulart Gama.
5. Gastão Pereira da Silva e João Peregrino Jr. e alguns exemplos de divulgação de teorias médico-psicológicas em revistas cariocas - Ede Conceição Bispo Cerqueira e Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes.
6. Emilio Rodrigué e o grito primal - Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes.

#### **Sessão 4 - Psicologia e análises políticas e sociais**

Coord: Juberto Antonio Massud de Souza (UFGD)

1. A experimentação de pesquisa em psicologia com juventudes faveladas - Raiane Barreto Teixeira Gonçalves Pereira.
2. Subjetividades en primera línea: Aspectos de la subjetividad que sostienen la actual actitud objetora de la juventud. Caso PRIMERA LÍNEA - Carlos Alberto Rincón Oñate.
3. Adoecimento psíquico e vulnerabilidade no contexto da assistência social - Amanda Pinho Nunes da Silva Pereira e Ingrid de Mello Vorsatz.
4. Ensamblajes sobre la subjetividad del insurgente liberal en la época de la Violencia en Colombia - Joan Sebastian Soto Triana.
5. O perfil psicológico do subversivo urbano no Peru: a apropriação da psicologia pelas Forças Armadas brasileiras para o estudo do Sendero Luminoso - Juberto Antonio Massud de Souza e Letícia Oliveira Silva.

**SEXTA-FEIRA, 25/08 ÀS 09H**

#### **Sessão 5 - Mulheres e Relações de gênero como perspectiva de análise na História da Psicologia**

Coord: Josiane Sueli Béria (UNSL)

1. Contribuições dos Direitos Humanos e epistemologia feministas e decoloniais para pensar sobre a ética na pesquisa em História da Psicologia - Josiane Sueli Béria e Fernando Andres Polanco.
2. Un retrato crítico de la obra "La inferioridad mental de la mujer" de Paul Julius Mobius (1900) - Fernando Andres Polanco e Josiane Sueli Beria.
3. Contracultura e a liberação sexual: O impacto da cultura psicanalítica nas histórias em quadrinhos underground (Estados Unidos, décadas de 1960 e 1970) - Diego Luiz dos Santos.
4. Incantatrix tropical: poderes ocultos e estratégias de resistência das mulheres no Brasil colonial - Maria Cláudia Novaes Messias e Ana Maria Jacó-Vilela.
5. As mulheres e as práticas psicológicas no Serviço de Orientação e Seleção de pessoal de Minas Gerais durante os anos de 1950 e 1970 - Deolinda Armani Turci e Ana Maria Jacó-Vilela.
6. As trajetórias de Maria Lúcia da Silva e Maria de Jesus Moura: do ativismo negro às ciências psicológicas no Brasil - Fernanda Britto Pinheiro Cerqueira.

## **Sessão 6 - Psicologia social e História da Psicologia em análise**

Coord: Isabella Oliveira dos Santos (UERJ)

1. Célio Garcia e a Psicologia Social - Marília Novais da Mata Machado.
2. Trajetória Intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações Sociais - José Felipe Vitor Machado e Ana Maria Jacó-Vilela.
3. As trajetórias de Helmuth Ricardo Krüger e Celso Pereira de Sá no campo da Psicologia Social - José Felipe Vitor Machado e Isabella Oliveira dos Santos.
4. O social na história do Instituto de Psicologia da UERJ - Isabella Oliveira dos Santos e Ana Maria Jacó-Vilela.
5. Psicologia social Abrapsiana e emancipação humana: alguns apontamentos - Gervásio de Araújo Marques da Silva.
6. Estudo teórico-metodológica de duas abordagens da relação entre emoções e linguagem: Engelmann e Vigotski - Gisele Toassa.

## **Sessão 7 - Contribuições teórico-metodológicas na História da Psicologia**

Coord: Fernando Tavares Saraiva (UFPA)

1. Traduções em série: uma proposta de história cultural a partir das transformações do conceito de ikigai - Andre Elias Morelli Ribeiro e Viviane da Silva Gomes.
2. História do behaviorismo no Brasil antes da década de 1960: Um tema negligenciado na historiografia nacional - Gabriela Godoi Damineli, Guilherme dos Santos Teixeira Rocha, Leonardo Grilli Belinotte, Luanna dos Santos Demitrov, Paloma Suellen Paiola e Bruno Angelo Strapasson.
3. Contribuições do pragmatismo para o campo das ciências da cognição - Paula Parada Oliveira, Geórgia Superti Maia, Milena Pedrosa Viana Ferreira e Gustavo Cruz Ferraz.
4. Vivendo e Aprendendo: O que o livro do mundo informa acerca da união corpo-alma - Ingrid Vieira Oliveira Santos e Thiago Constâncio Ribeiro Pereira.
5. A Derrocada do Estruturalismo Titcheneriano: Uma Nova Hipótese de Explicação - Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos.
6. As Críticas da “Nova História da Psicologia” nos EUA e a Historiografia Brasileira da Psicologia - Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos, Yuri Pereira Antunes Vieira, Gunther Mafra Guimarães, Luiz Eduardo Prado da Fonseca e André Elias Morelli Ribeiro.

## **Sessão 8 - Psicologia e Psiquiatria e seus atravessamentos históricos**

Coord: Letícia Oliveira Silva (UERJ)

1. Controvérsias do Campo Psi: Psicologia Clínica e Psiquiatria nos Arquivos Brasileiros de Psicologia (1949-1968) - Roberta Garcia Alves, Anna Carolina Rodrigues Capilé, Izabella Tognini Corrêa e Rodrigo Lopes Miranda.

2. A relação entre as práticas institucionais em saúde mental e a literatura testemunhal - Nataly Soares de Araujo Neves e Ingrid Vorsatz.
3. Los psiquiatras de la Beneficencia de Cundinamarca (Colombia) en las encrucijadas de los saberes psi. Una lectura historiográfica de la gestión de las enfermedades mentales durante el periodo 1950-1970 - María del Carmen Castrillón Valderrutén.
4. A Psicologia do século XIX a partir de Ellen White - Hugo de Nilson Damasceno e Ana Maria Jacó Vilela.
5. Uma História da Rede de Atenção Psicossocial em Campo Grande – MS - Ana Camila Marcelo e Rodrigo Lopes Miranda.
6. Os presos políticos nos manicômios durante o período da ditadura empresarial-militar - Letícia Oliveira Silva e Juberto Antonio Massud de Souza.

**SEXTA-FEIRA, 25/08 ÀS 14H**

### **Sessão 9 - Psicanálise e História da Psicologia**

Coord: Pedro Muñoz (PUC-Rio)

1. A Neurose de Guerra e o Quinto Congresso Internacional Psicanalítico de Budapeste de 1918 - Pedro Felipe Neves de Muñoz e Silvia Correia.
2. A remissão freudiana ao conto O homem da areia na construção da noção do infamiliar (das Unheimliche) - Sabrina Varella Soares, Rafaela Antunes Fernandes Petrone, Rafaela Nóbrega Esch de Andrade e Ingrid Vorsatz.
3. Um breve percurso da angústia na teoria freudiana - Catarina Miranda de Barros e Ingrid Vorsatz.
4. A noção de realidade psíquica: sua construção e sua especificidade na psicanálise - Arthur Teixeira Pereira e Ingrid Vorsatz.
5. A cultura em questão: As vicissitudes do conceito de Mal Estar freudiano, a crítica Nietzscheana e seus desenlaces na atualidade - Mauro Silva de Carvalho.
6. Uma revisão do olhar em Freud a partir de Luce Irigaray - Gabriela Vieira Brasil de Araújo, Mary Emily Mattoso Silva Suzano e Roberto de Oliveira Preu.

### **Sessão 10 - Interfaces da Psicologia com a infância e a educação no Brasil**

Coord: Rodolfo Luís Leite Batista (UFJF)

1. Orientação Vital na Faculdade Dom Bosco: análise preliminar de um serviço – décadas de 1950 a 1960 - Julia Fiuza Franco Monteiro Prado e Denner Luiz da Silva.
2. Mito da educação “inovadora”: neoliberalismo escolar e o papel da psicologia crítica - Giuliana Volfzon Mordente.
3. A Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais em jornais de Barbacena entre 1962 e 1978 - Rodolfo Luís Leite Batista, Eduardo Henrique Marques de Oliveira, Gabriela Viveiros Dornelas e Isabela Corine Celestino Nogueira.
4. As práticas psicológicas e a participação da família na Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais entre 1962 e 1971 - Rodolfo Luís Leite Batista, Maria Eduarda Copatti Lopes e Sabrina Cristina de Oliveira.

5. "Queixa escolar": origem, circulação e apropriação do conceito no campo da Psicologia Escolar e Educacional - Renato Batista da Silva e Marilene Proença Rebello de Souza.
6. Palácios da miséria: a institucionalização da infância no Brasil desde a colônia até a república - Daniel Arruda de Lima e Ana Maria Jacó-Vilela.

### **Sessão 11 - História da Psicologia no Brasil e seus atores**

Coord: Fernando Ben Oliveira da Silva (UERJ)

1. Notas historiográficas sobre a psicologia clínica no Brasil: A partir de Elso Arruda (1945-1985) - Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota e Rodrigo Lopes Miranda.
2. Considerações para o reconhecimento de Elisabeth da Boêmia na História da Psicologia - Mary Emily Mattoso Silva Suzano, Gabriela Vieira Brasil de Araújo e Thiago Constâncio Ribeiro Pereira.
3. "Popularização da Psicologia enquanto ciência: Emilio Mira y López na imprensa Brasileira entre 1940 e 1960" - Filipe Degani-Carneiro, José Felipe Vitor Machado, Laura Araújo Delarue dos Santos e Lucía Rodríguez González.
4. Pelas memórias de um pioneiro: a trajetória de Waldir dos Santos Costa na história da Psicologia no Amazonas - Selma Barboza Perdomo.
5. "Mirando" Freud: a Psicanálise na obra de Emilio Mira y López - Fernando Ben Oliveira da Silva, Ana Maria Jacó-Vilela e Filipe Degani-Carneiro.
6. Maria Brasília Leme Lopes: Contribuições para a Psicologia no Brasil (1928-1936) - Luiz Eduardo Prado da Fonseca.

### **Sessão 12 - Loucura e saberes psi em interface histórica**

Coord: José Felipe Vitor Machado (UERJ)

1. A coleção bibliográfica de obras especiais do Instituto de Psiquiatria da UFRJ como fonte para a história dos saberes Psi. - Cátia Maria Mathias.
2. O uso de testes psicológicos na psiquiatria no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX - Pedro Henrique Leal Cardoso, Luccas da Silveira Marques, Ana Beatriz Andrade da Silva e Ana Maria Jacó-Vilela.
3. As primeiras gerações de psicólogos da Bahia: entre convergências e divergências com o campo médico psiquiátrico - Rosane Maria Souza e Silva.
4. Dos porões da Santa Casa de Misericórdia a Assistência a Alienados em Minas Gerais - Aline Moreira Gonçalves e Marcos Vieira Silva.
5. Os discursos psicológicos no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro no século XX - Letícia Oliveira Silva e Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos.
6. A belle époque suburbana: a criação do primeiro ambulatório de profilaxia da América Latina no Rio de Janeiro - Rafaela Antunes Fernandes Petrone, Renata Patricia Forain de Valentim, Pedro Henrique Abreu da Silva e Vitor Oliveira Braga.

## RESUMOS

### A. CONFERÊNCIAS

#### Da arte dos alienados à arte moderna: percursos da história da psicanálise no Brasil (1852-1948)

Cristiana Facchinetti

FIOCRUZ

Coordenação: Rodrigo Lopes Miranda (UCDB)

Acompanhando a tese de que a loucura teve sua linguagem interdita pelo campo do alienismo, grande parte da historiografia afirma que a produção criativa dos alienados, fora do registro da verdade e da obra, teria se tornado um resto invisível aos saberes que alicerçaram o hospício. Na contramão dessa ideia, esta apresentação trata da presença da manifestação artística dos internos em instituições psiquiátricas brasileiras e de seus usos pela psiquiatria local desde o seu nascimento, em meados do século XIX. Mergulhando na racionalidade psiquiátrica de modo a historicizar as concepções de loucura e arte, busca-se demonstrar suas construções e desconstruções, observando como a circulação entre os saberes psicanalíticos, psiquiátricos e estéticos no Brasil do entreguerras foi capaz de produzir novos arranjos para a produção artística dos loucos, impactando as representações de loucura, arte moderna e brasilidade.

#### Jerome Bruner entre o público e o privado

Pina Marsico

Universidade de Salerno e Universidade Federal da Bahia

Coordenação: André Morelli (UFF - Rio das Ostras)

Aqueles que conheceram Jerome S. Bruner em algum momento de sua longa vida (1915–2016) sabem como é difícil falar sobre ele enquanto um gigante da psicologia contemporânea sem falar dele também como um homem. Em sua trajetória, os componentes profissional e pessoal são indissociavelmente entrelaçados. No entanto, há quem fale de Jerome Bruner sem tê-lo conhecido pessoalmente e outros que são relutantes em falar sobre ele precisamente porque o conheciam e sabem como foi revolucionária a sua contribuição para construir perspectivas em constante mudança sobre o mundo e sobre os seres humanos. Jerome Bruner muitas vezes começava a conversar com as pessoas ao seu redor dizendo “Deixe-me contar uma história”. A minha apresentação tenta oferecer uma narrativa sintética da trajetória acadêmica de Bruner, apresentando também alguns aspectos particulares de sua vida incrível.

## **B. SIMPÓSIOS**

**Simpósio: O ISOP 75 anos depois: suas práticas, sua influência**

Coordenação: Hildeberto Vieira Martins (UFF)

### **O ISOP da Fundação Getúlio Vargas - uma história ainda a ser contada**

Ana Maria Jacó-Vilela

UERJ

O Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas foi criado em 1947, dentro do projeto originado ainda no Governo Vargas de constituição de um centro de estudos e pesquisas (a própria FGV) que assessorasse o governo em suas políticas. Com a percepção da relevância do “fator humano” na produção, Emilio Mira y López (1896-1964) foi convidado para sua organização e direção. Dedicado à psicotécnica e à divulgação da psicologia no período inicial, sob a gestão de Mira – quando foram criadas a Associação Brasileira de Psicotécnica e os Arquivos Brasileiros de Psicotécnica -, o ISOP tornou-se, depois, um importante centro de pesquisas psicossociais e de formação pós-graduação. Extinto formalmente aos 44 anos de vida, em 1990, sua contribuição à psicologia brasileira perpassa várias áreas e todo o processo de institucionalização da profissão e do curso.

### **Mira y López para além das margens do Rio (de Janeiro)**

Rosane Maria Souza e Silva

IFBA

Um dos aspectos mais notáveis da extensa biografia de Emilio Mira y López é o seu papel na difusão da psicologia aplicada, não só em termos internacionais, a partir da Espanha e em vários outros países onde trabalhou durante seu período de exílio, mas, sobretudo, expandindo institucionalmente a psicologia em vários estados brasileiros. Para além do Rio de Janeiro, onde implantou o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), em 1947, na FGV, Mira y López visitou várias capitais e cidades brasileiras, ministrando palestras, cursos e seminários, abordando variados temas ligados ao campo psicológico. Sob sua direção ou supervisão, o modelo do ISOP foi referência para a criação de outros institutos de orientação profissional e seleção de pessoas no país. Destaca-se o Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP), criado em 1949 na capital mineira e o Instituto de Orientação Vocacional (IDOV), implantado em 1958, na Bahia, que revelam o papel de Mira y López na disseminação da psicologia aplicada ao trabalho e à educação, nesses estados.

### **A contribuição do ISOP para a psicologia do esporte brasileira: Sessenta anos do bicampeonato mundial de futebol**

Adriana Amaral do Espírito Santo

UERJ

O ano de 2022 marca um período de 60 anos desde a atuação de Athayde Ribeiro da Silva com a seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo do Chile. A descoberta de sua importância para a psicologia do esporte no maior evento de futebol do mundo, após a atuação considerada pioneira de João Carvalhaes, em 1958, traz também a relevância do ISOP na avaliação dos jogadores. Carvalhaes

já fizera cursos no ISOP, mas Ribeiro da Silva foi diretamente indicado pela instituição à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para aplicação de testes psicotécnicos nos atletas, após a recusa de Emilio Mira y López, que indicou o aluno e amigo, conforme comprovam documentos da Fundação Getúlio Vargas e reportagens de jornais da época. Além destes documentos, os cadernos de Alice Mira, psicóloga e esposa de Emilio Mira y López, complementam as informações sobre diversas ações do ISOP na área da psicologia do esporte, muitas delas encabeçadas por Athayde Ribeiro da Silva, como a própria avaliação dos jogadores (da qual Alice Mira e outros psicotécnicos do ISOP também participaram), a presença em congressos internacionais, publicações de livros e de artigos em sua revista e a criação de uma associação. Este papel ativo de psicólogos do ISOP na área esportiva lança nova luz sobre o importante papel desta instituição para a psicologia no Brasil, contribuindo para ampliar a história da psicologia do esporte conhecida até então e complementando o saber já consolidado sobre as atividades do ISOP antes mesmo da regulamentação da profissão.

### **Simpósio: Profissionalização da Psicologia: uma mirada latino-americana**

Coordenação: Maira Allucham Vasconcellos (PUC-Minas/UNIFAE)

#### **Psicologia brasileira - 60 anos de regulamentação - a formação em debate**

Jefferson de Souza Bernardes

UFAL

Proponho discutir produções e marcos da psicologia brasileira nos 60 anos da regulamentação da profissão, focando questões vinculadas à formação. A partir de uma dimensão histórica, debato sobre a constituição da psicologia brasileira, problematizando os modelos tecnicistas e neoliberais que imperam nesse processo, apresentando movimentos, lutas, resistências e transformações que produzem processos marcados por conflitos, avanços e recuos, permanências e rupturas. Argumento que a crise de relevância social da psicologia brasileira foi fundamental para a constituição de psicologias libertárias, críticas e transformadoras, mas que ainda pouco se refletiu na formação.

#### **En defensa de la psicología: ciencia y profesión autónoma, de relevancia social**

María Andrea Piñeda

FaPsi UNSL - CONICET (Argentina)

Se ha documentado que en la mayoría de los países de América Latina, la educación universitaria en psicología comenzó a formalizarse a mediados del siglo XX, tras la segunda guerra mundial. Hasta entonces, la psicología era ejercida por profesionales de la medicina, la filosofía, la educación y el derecho, entre otros. Estos realizaban tareas de investigación, enseñanza y aplicación de la ciencia psicológica a diferentes áreas.

En el referido contexto de posguerra, en alternancia de gobiernos autoritarios y populistas, América Latina asistió a un proceso de industrialización acompañado de aumento de población de centros urbanos y mejora del nivel general de educación. Desde una concepción desarrollista emanada de la Comisión Económica para América Latina (CEPAL), se sostenía que las ciencias y las universidades jugarían un papel central en el desarrollo socioeconómico. En ese sentido, las carreras universitarias de psicología se crearon por la demanda de formación para el ejercicio profesional aplicado a temas estratégicos para dicho desarrollo, en el ámbito educativo, laboral y clínico. Se ha

analizado que el modelo que inspiró el diseño de los planes de estudio de los programas de formación de la región fue el resultante de la Conferencia Boulder sobre el entrenamiento en psicología clínica (1949). Dichos lineamientos seguían vigentes en los debates de 1974 sobre el modelo latinoamericano de formación científica y profesional que tuvieron lugar en Bogotá durante la Primera Conferencia Latinoamericana para el Entrenamiento en Psicología.

Sin embargo, en estas latitudes, el modelo de formación científico y profesional en psicología, parece no haberse desarrollado armónicamente en sus dos dimensiones. Se ha informado sobre las condiciones culturales, ideológicas y de infraestructura que sistemáticamente limitaron la formación de capacidades científicas en psicología de la región en este período. En efecto, desde la década de 1960 en Latinoamérica se gestaron políticas públicas modernizadoras de las universidades otorgando un papel central a la investigación. Se organizaron institutos, programas de formación de posgrado y se fomentaron cargos docentes universitarios con dedicación exclusiva. Pero, al mismo tiempo que se masificó la matrícula, los presupuestos resultaron insuficientes para atender las demandas. Se desfinanció y deterioró la investigación universitaria, produciéndose desarticulaciones entre esta y el sistema científico.

En consonancia con los procesos en curso en la región, en Argentina se organizaron las primeras carreras de psicología hacia mediados de 1950 en Facultades de Filosofía y de Humanidades en las que carecieron de condiciones estructurales para formar capacidades científicas. Entre 1950 y 1953 existían tres carreras de perfil psicotécnico que antecedieron a la organización de la primera carrera de Psicólogo en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional del Litoral en 1954. En la primera década, este programa también se organizó en otras 13 universidades. Bajo la denominación de Psicólogo o de Licenciado en Psicología, el título de grado habilitaba al ejercicio de la profesión liberal cuyo perfil fue cambiando desde 1960. En efecto, los discursos modernizadores de este período, desplazaron el modelo psicotécnico ligado a las políticas de Estado de las décadas anteriores. Se fortaleció un enfoque de formación en psicología predominantemente clínico y psicoanalítico que puso en crisis la hegemonía médica sobre ese campo profesional. La autonomía respecto del médico en el ejercicio de la profesión de psicólogo en el área clínica recién fue legalizada a mediados de 1980. La disputaban tanto los médicos psicoanalistas que abundaban en los planteles docentes de psicología contribuyendo al sesgo, como aquellos críticos de la cientificidad de ese perfil que se encontraban más próximos a la Facultad de Medicina de la Universidad de Buenos Aires (UBA) y al Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET).

En este contexto, ¿resulta posible atender la creciente demanda social de intervención profesional de psicólogos en áreas tan sensibles para el desarrollo de las naciones y para el ejercicio de los derechos ciudadanos, sin una adecuada formación científica? Tal es el planteo que emergía de diferentes sectores académicos. Algunos de estos encontraban en los déficits de la formación universitaria de grado en psicología el argumento para la dependencia de esta disciplina del campo médico. Contrariamente, aún reconociendo esas limitaciones de la formación local, otras voces defendían la autonomía de la psicología y la necesidad de fortalecer la formación científica de estos profesionales requeridos para la resolución de problemas de gran relevancia social. Enarbolaban la bandera de la modernidad desde una perspectiva internacional avalada por trayectorias en universidades y centros de investigación estadounidenses y europeos.

En esta presentación, daremos cuenta de estas posturas críticas sobre la formación universitaria en psicología que se esbozaban en Argentina en la década de 1960. Su relevancia radica en que estas

quedaron plasmadas en culturas institucionales y en políticas universitarias y de ciencia y tecnología de incidencia para las décadas posteriores. Las mismas se ven reflejadas en correspondencia que analizaremos. Por un lado, personal del Hospital de Clínicas de la UBA y del CONICET, entre los que se encontraban Jorge Insúa, Ives Lys Danna y Dionisio Cámola. Estos pedían asesoramiento a Horacio Rimoldi sobre la formación de posgrado de psicólogos con el fin de remediar déficits de la carrera de grado y desarrollar la ciencia psicológica. Por su parte, Rimoldi, médico argentino doctorado en psicología en la Universidad de Chicago y especializado en psicometría, residía en Estados Unidos como catedrático de la Universidad de Loyola. Desde allí, enviaba recomendaciones acordes a las modernas universidades y centros de investigación. Defendía una psicología autónoma de la medicina, la filosofía y la educación, que exigía la formación de adecuadas capacidades científicas, ya sea para el ejercicio de la investigación como de la profesión en psicología.

### **Simpósio: Colonização e descolonização na história da Psicologia**

Coordenação: Filipe Degani- Carneiro (UERJ)

### **La descolonización cultural y la primera Psicología de la Liberación en Latinoamérica. La obra de Antonio Caparrós.**

Hugo Klappenbach

Universidad Nacional de San Luis (UNSL)

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET)

Más de una década antes que la conocida propuesta de la psicología de la liberación realizada por Ignacio Martín-Baró, el hispano-argentino Antonio Caparrós en 1976, publicó junto con Nicolás Caparrós una obra titulada Psicología de la Liberación. La presentación analiza los antecedentes y las características más salientes de esa obra que reconoce al menos dos vertientes de pensamiento. Por un lado, el pensamiento nacional que teorizó acerca de la conciencia nacional y la liberación nacional. El pensamiento nacional formaba parte de una corriente de pensamiento que procuraba un debate al mismo tiempo epistemológico, filosófico, cultural y político y que reconocía matices con expresiones afines como pensamiento decolonial o pensamiento de la descolonización. La psicología de la liberación de los Caparrós reconocía el impacto de la colonización pedagógica de Arturo Jauretche y de la formación de la conciencia nacional de Juan José Hernández Arregui. Por otro lado, la obra de los Caparrós se inscribía en el marco de una fundación epistemológica para la psicología, que había partido de la obra de Henri Wallon y de la psicología concreta de Georges Politzer pero que demostraba una creciente autonomía, en lo científico y en lo praxiológico. La primera psicología de la liberación latinoamericana surgió de ese cruce particular de ideas.

### **Temas y tareas para una Historia de la Psicología Militar**

Javiér Bandrés

Universidad Complutense de Madrid

En este trabajo se propone el estudio de las grandes líneas de investigación en la Historia de la Psicología Militar Española: Psicología Colectiva: Relaciones sociales y Moral militar, Efectos psicológicos del combate militar, Patología psíquica en el personal militar, Detección de la simulación de defectos y enfermedades, Selección y orientación profesional. Análisis psicológico del enemigo.

Guerra psicológica y Psicología Étnica aplicada (colonial). En el capítulo dedicado al análisis psicológico del enemigo se estudiarán particularmente las investigaciones desarrolladas en los campos de concentración durante la guerra civil para determinar los rasgos de personalidad peculiares de los voluntarios extranjeros de las Brigadas Internacionales. En el capítulo de la Psicología Étnica colonial se incidirá especialmente en las investigaciones sobre la mentalidad de los habitantes de las colonias españolas en África, que sugerían, con distintos matices e interpretaciones, la inferioridad del cociente intelectual del nativo en comparación al del europeo.

**Simpósio: Os saberes psi em regimes de exceção**

Coord: Maria Cláudia Novaes Messias (FASP)

### **El gen rojo: psiquiatría y represión en la España franquista**

Omar Bravo  
ICESI (Colômbia)

En el año 1939 accede al poder en España Francisco Franco a través de un golpe de estado dirigido contra el gobierno progresista de la Segunda República. Se cerraba así una experiencia progresista y comenzaba un período de intensa represión y oscurantismo que se prolongó hasta la muerte del dictador en 1975 y las el víctimas, entre personas fusiladas, desaparecidas, encarceladas o asesinadas. Los tímidos proceso de memoria histórica posteriores no tuvieron la extensión y potencia necesarios para esclarecer esos y contribuir a la reparación de las personas afectadas. Durante este período también la psiquiatría franquista tuvo un carácter brutal y oscurantista. Su máximo representante, Vallejo Nágera, también coronel del bando golpista, afirmó la existencia de una condición genética que determinaría que ciertas personas adoptasen conductas y pensamientos de izquierda. Esta supuesta condición patológica sería la responsable de los problemas del país y se debería corregir con encierro y represión. Resulta interesante analizar la manera en que se encuentran, en una conciliación forzada, algunos principios de las teorías de Morel y Lombroso sobre el determinismo físico de las conductas consideradas asociales y la moral católica dominante en ese período. Esta última influencia limita en parte la eliminación física de estos sujetos, como lo haría más tarde el nazismo, y lleva a retomar algunos principios del tratamiento moral pineliano, atravesado por un discurso religioso. Esto fue aplicado con particular énfasis en niños/as y adolescentes hijos/as de republicanos, por considerar que la influencia genética podía ser corregida por medio de una intervención temprana. De esta forma, el análisis de este encuentro entre teorías y otros discursos en el marco político que los posibilitaron constituye el objetivo de esta propuesta.

### **O Serviço Nacional de Informações (SNI) e a criação do Conselho Federal de Psicologia (CFP): quando o Conselho da profissão foi hipotecado a um governo de Generais**

Juberto Antonio Massud de Souza  
Universidade Federal da Grande Dourados, MS, Brasil.

O trabalho tem por objetivo apresentar parte da documentação presente nos arquivos do Serviço Nacional de Informações (SNI) em que é revelada a troca de informações entre os agentes de informação da ditadura empresarial-militar e suas atuações na eleição do I Pleno do Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 1973. Após criarem listas de psicólogos impedidos de concorrer ao CFP, colocar agentes

infiltrados em eventos internacionais para intervirem em mesas e apresentações de trabalho, como no caso do XIVº Congresso Interamericano de Psicologia, e ameaçar fisicamente uma psicóloga eleita por seus pares, mas impedida de estar presente na eleição do I Pleno, o CFP emergiu como Conselho da categoria dos psicólogos. Utilizamos como fonte primária a documentação do SNI que foi disponibilizada recentemente nos arquivos do Ministério da Justiça. A partir desta documentação é possível afirmar que a forma que o CFP tomou foi exatamente aquela negociada com o SNI, através da delação e afastamento de opositores do processo de eleição, mostrando a existência de posições do CFP desde sua criação até o final da ditadura, alinhadas aos militares que comandavam o país, . O nome desta apresentação é retirado de uma carta assinada pelo primeiro Presidente do CFP, Arrigo Leonardo Angelini, que após uma reunião com Virgínia Leone Bicudo, Geraldo Servo e Halley Alves Bessa, enviou para o general Ernesto Geisel a seguinte mensagem: “os membros do Conselho Federal de Psicologia reunidos em Brasília, decidiram levar até Vossa Excelência [General Ernesto Geisel] cumprimentos e aplausos pelo honroso e importante mandato de que foi investido para conduzir os destinos de nossa Pátria”. E ainda, “em nosso nome e de todos os colegas profissionais da Psicologia no Brasil, hipotecamos apoio ao Governo de Vossa Excelência e colocamo-nos à sua disposição para colaborar, com o desempenho de nossas tarefas profissionais, no desenvolvimento psico-social do Brasil”.

### **C. SESSÃO DEPOIMENTO**

Cecília Maria Bouças Coimbra foi escolhida pela Comissão Científica do evento para registro de seu Depoimento acerca de sua trajetória na Psicologia. Cecília Coimbra é Aposentada como Professora Adjunta 4 pela Universidade Federal Fluminense (UFF); militante na causa dos Direitos Humanos; fundadora e membro da diretoria colegiada do Grupo Tortura Nunca Mais Rio de Janeiro; e membro do conselho editoria da Fractal: Revista de Psicologia da UFF. Formou-se em História, em 1966, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e em Psicologia, em 1974, pela Universidade Gama Filho. Realizou mestrado em Psicologia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas (1980), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano na Universidade de São Paulo (1992) e pós-doutorado em Ciência Política na Universidade de São Paulo (1999). Dentre suas publicações, destacam-se suas teses de doutorado “Guardiães da Ordem, uma viagem pelas práticas psi no Brasil do milagre” (1995); e de pós-doutorado “Operação Rio: o mito das classes perigosas” (2001).

### **D. APRESENTAÇÃO DE LIVROS**

**Para além da psicofísica: Fechner e as visões diurna e noturna. Nau, 2022**

Arthur Arruda Leal Ferreira (UFRJ)

André Elias Morelli Ribeiro (UFF)

Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa (UFRJ)

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (UFRJ)

Desde 2003, um grupo formado por pesquisadores e estudantes na UFRJ começou um esforço de tradução de textos de Gustav Fechner (1801-1887), de alguns comentadores do trabalho deste autor e mesmo de um documentário sobre este personagem. A fonte deste interesse vinha não apenas do curioso papel que Fechner desempenhava nos textos de história da psicologia (uma espécie de herói científico,

mas a partir de uma produção minoritária contrastante com um grande conjunto de textos metafísicos), como também da publicação em língua portuguesa de um pequeno livro com textos satíricos: *A anatomia comparada dos anjos*. Neste momento, só havia em português a tradução deste pequeno livro e extratos de textos em coletâneas como *Textos Básicos em História da Psicologia*. Apesar do esforço de tradução ter se iniciado neste período, o salto significativo para transformação deste trabalho em livro se deu apenas em anos recentes. O grande impulso para a elaboração deste livro veio de duas fontes: 1) O encontro com o pesquisador em História da Psicologia David Robinson em 2007, atual presidente da Cheiron Society; 2) A formação de um jovem grupo de pesquisadores em 2016, dos quais boa parte se encontra presente neste trabalho de edição. Um dos temas que consideramos centrais no trabalho dos historiadores é a discussão da figura do autor, trabalhada de forma bem original por Foucault em *O que é um autor?* A colocação da figura do autor como marcada por uma raridade histórica radical, leva-nos a repensar vários modos distintos de propô-la politicamente, distante de abordagens centradas acriticamente no presente. O caso de Fechner é particularmente especial, pois em geral este autor é pensado em boa parte dos manuais de história da psicologia como uma espécie de super-homem da ciência, responsável por conferir formalização e dignidade científica aos saberes psi (por meio de sua psicofísica), mas ostentando ao mesmo tempo escritos sobre temas os mais diversos a esta vontade de fazer ciência: anjos de anatomias diversas, espíritos em conluio entre os corpos, plantas com vida espiritual, sessões espíritas e um desejo de nos despertar do entrelaçamento com uma visão moderna materialista e noturna. Mais do que dividir por inteiro os interesses de um autor (a partir de figuras consagradas no presente) não haveria aí uma forma singular de nos propor questões, que nos serviriam para repensar nossa atualidade? É este exercício que desejamos pôr a prova neste livro, trazendo não somente um raro texto de Fechner não traduzido para português (*O pequeno livro da vida após a Morte*), publicado em 1836, seu prefácio para língua inglesa escrito por William James, como também uma primeira leva de textos que refletem sobre este autor gerados a partir de um evento organizado por Horst Gundlach na Universidade de Passau em 1987 em celebração ao centenário do falecimento do psicofísico alemão. Neste conjunto de autores convocados ao evento encontramos um dos historiadores da psicologia mais fecundos das primeiras gerações de estudiosos do campo no Brasil, Antônio Gomes Penna, além de um autor ainda em atividade, Hannes Stubbe, que, para esta edição, ampliou seu texto sobre a presença de Fechner no Brasil. Assim, o livro foi composto de quatro partes: o livro de Fechner de 1836 com o prefácio de William James à edição em língua inglesa, alguns textos escolhidos do seminário de Passau de 1987, discussões mais recentes apresentadas nas últimas duas décadas vinculadas ao nosso grupo de história e a David Robinson, além de repercussões estéticas propostas pela artista plástica e fotógrafa Simone Rodrigues e pelo poeta Éder Rafael de Araújo. A perspectiva deste trabalho é a reinvenção da figura do autor em diferentes escalas temporais e em que ele não seja apenas um distante personagem do passado a legitimar um estado atual, mas alguém com protagonismo para colocar questões, e trazer novas versões a nosso presente. E principalmente liberar as heranças artísticas e literárias ativadas pelo Dr. Mises (pseudônimo de Fechner para os textos satíricos) e pelos trabalhos com estética experimental. De maneira mais direta a apresentação do livro conteria duas partes: 1) A apresentação geral do livro; 2) A apresentação de Hannes Stubbe do seu trabalho sobre a presença de Fechner no Brasil, especialmente da 2ª parte do texto, que não foi publicada no seminário de Passau. Esta atividade com o historiador alemão, que já lecionou no Brasil, seria importante não apenas para apresentação do livro, mas para termos um claro cenário referente a toda retomada dos trabalhos históricos de Fechner a partir dos anos 1980.

**Para orientar a juventude: a construção de um projeto salesiano de Psicologia Escolar e Educacional. Appris, 2022**

Rodolfo Luís Leite Batista (UFJF)

Para orientar a juventude: a construção de um projeto salesiano de Psicologia Escolar e Educacional apresenta o processo de constituição e disseminação de uma Psicologia Escolar e Educacional a partir de instituições de ensino e pesquisa de Itália e Brasil entre as décadas de 1930 e 1960. Em uma narrativa baseada em documentos inéditos e amplamente ilustrada com fotografias da época, este livro analisa aspectos sociais que permitiram a construção de uma rede de sociabilidade de conhecimento científico entre intelectuais brasileiros e italianos, bem como detalha as diferentes concepções de Educação, Pedagogia e Psicologia engendradas em meio a leituras do neotomismo e da Escola Nova e aos debates pela profissionalização da Psicologia. Esta obra debate a proposição de uma educação integral da juventude em contexto escolar e a aplicação de conhecimento psicológico para a resolução de problemas educativos. Baseada na história social do conhecimento, esclarece aspectos contemporâneos das relações entre Educação e Psicologia em contexto brasileiro e internacional e amplia a produção especializada em História da Psicologia. Este livro é um convite a educadores, historiadores, professores, psicólogos e demais interessados a aprofundar sua compreensão acerca da atuação de grupos de conhecimento em favor da orientação, escolarização e educação da juventude.

**Metodologia qualitativa técnicas e exemplos de pesquisa, EDITORA, 2022.**

Adriana Benevides Soares (UERJ)

Maria Eduarda de Melo Jardim (UERJ)

Cesar Augusto Cobellas de Medeiros (UERJ)

Maria Luzia Rocha da Silva (UERJ)

Paulo Roberto Soares da Silva Alves (UERJ)

Rejane Ribeiro (UERJ)

Diante da multiplicidade de métodos de pesquisa existentes, divididos não simplesmente entre quantitativo e qualitativo, mas também tendo cada uma dessas categorias uma miríade de diferentes técnicas e estratégias, este livro vem para elucidar e exemplificar meios de aplicação das múltiplas técnicas incluídas nesta segunda categoria. O desenvolvimento da ciência moderna e a ideia de produzir ciência a partir de um saber experimental, propiciou que emergissem diversas formas de investigação científica. Entretanto, ainda hoje a pesquisa qualitativa é erroneamente tomada como antagonista à pesquisa quantitativa, revelando a fragilidade no entendimento da investigação científica. Entende-se, então, que a pesquisa qualitativa é um campo vasto complementar ao quantitativo, muitas vezes sendo empregada na exploração de áreas até então ignoradas. Sua aplicação muito viabiliza e facilita um posterior emprego de métodos quantitativos de análise. Ademais, da mesma forma como os métodos quantitativos são múltiplos e complexos, igualmente o são os qualitativos. De técnicas qualitativas como o Grupo Focal e a Análise de Discurso a técnicas mais quali-quantitativas como a Análise Lexical, a atual obra procura introduzir o leitor iniciante na pluralidade de técnicas de análise qualitativa, bem como fomentar o discernimento para quando tais técnicas são mais convenientes em comparação a outras, e amplificar o instrumental técnico disponível para o pesquisador experiente que procura encontrar novas formas de se debruçar sobre os fenômenos que pesquisa. O livro tem como objetivo atender a uma demanda de conhecimento metodológico e apresenta 16 capítulos, elaborados

por um leque diversificado de autores, em sua maioria professores e pesquisadores vinculados a diversas universidades do país. Espera-se que no decorrer das técnicas apresentadas, o estudo dessas possa ser atrativo a bem aproveitado por todos os estudantes e profissionais que venham a se interessar pela Metodologia Qualitativa.

## **E. OFICINAS**

### **Oficina 1 - Fontes primárias**

#### **○ uso de fontes na pesquisa e no ensino de História da Psicologia**

Rodrigo Lopes Miranda

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB (Campo Grande/MS)

Marc Bloch, em seu livro *Apologia da História: Ou o ofício do historiador*, que marcou o movimento da História Nova, nos alerta que aquilo que as pessoas dizem, constroem e escrevem pode nos dizer sobre a sociedade. Ou seja, tudo aquilo que as pessoas produzem pode ser tomado como vestígios das sociedades e, para os(as) historiadores(as), tais produtos podem ser apropriados como fontes de pesquisa. Nessa seara, entendemos que o(a) historiador(a) opera com tais vestígios do passado a fim de descrever e interpretar os jogos de forças para produção e manutenção de tais registros a partir de seus condicionantes sócio-históricos do passado. Essa operação se torna possível, portanto, pela existência e acesso às fontes, bem como pelo reconhecimento de que a operação do(a) historiador(a) ocorre pressionada pelo tempo presente na articulação com o regime de historicidade em análise. Considerando que o campo da História dos Saberes Psi – Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise – está inserida como prática e discurso da Historiografia, nós também dependemos das fontes para compreendermos os objetos Psi em diferentes regimes de historicidade. Nesse sentido, o objetivo desta oficina é apresentar diferentes tipos de fontes históricas e como podemos operar com as mesmas na pesquisa e no ensino de História da Psicologia. Assim, estimamos que, ao final, possamos entender que temos diversas histórias da Psicologia capazes de desnaturalizar algumas ideias fixas e contestar, criticamente, os “fatos” históricos a elas vinculados.

Palavras-chaves: Ensino de Psicologia; Fontes primárias; História da Psicologia.

### **Oficina 2 - Bibliometria**

#### **Novos desafios de pesquisa na história e sociologia da ciência: aspectos epistêmicos, metodológicos e técnicos**

Dr. Fernando Andres Polanco

Universidad Nacional de San Luis/CONICET

Os estudos da ciência, ao longo do século passado e início deste foi incluindo perspectivas disciplinares como os epistemológicos, históricos, antropológicos e sociológicos, gerando uma grande variedade de abordagens que podem ser integrados para executar uma análise complexa do desempenho da ciência como um espaço humano: filosófico, lógico, social, cultural, político e econômico. Dentro desses avanços, um dos principais eixos de desenvolvimento foi em torno das ideias de fazer uma métrica de diferentes características da atividade e produtos chamados de científicos. É assim que, em uma inclinação tripla, podemos observar o desenvolvimento da Bibliometria, da Infometria e da

Cienciometria como os principais aspectos emergentes da revolução da informação experimentada nas últimas décadas. Em combinação com diferentes elementos de matemática discreta e estatísticas, eles geram uma série de ferramentas, a fim de conseguir sintetizar a grande massa de informações que circulam em diferentes áreas do mundo acadêmico e científico. Essas ferramentas foram desenvolvidas em três diferentes gerações, sendo a primeira relacionada ao estudo estatístico básico da produção científica. Contempla as primeiras conceituações inferencial de leis bibliométricos perguntando sobre as características gerais da produção escrita principalmente por identificar os principais intervenientes na produção, referências intelectuais, seu campo de trabalho, bem como a identificação das principais instituições envolvidas. Na segunda geração de ferramentas, encontramos as do campo social, que através da teoria dos grafos desenvolveram a chamada análise das redes sociais, e passou a ser chamada no campo como os estudos de faculdades invisíveis. Essas ferramentas visam analisar a relação entre os atores, instituições e países que produzem conhecimento, sua posição no mapa geral do campo estudado, tanto a frequência de sua participação quanto a importância ou centralidade dos mesmos. Na terceira geração, resgatando as ideias anteriores, mas acrescentando as contribuições dos estudos de conteúdo, foram desenvolvidas as técnicas de coocorrência de palavras. O que permite um layout espacial e estatístico das conceituações e o significado de seu uso. Isso nos permite obter uma visualização dos conceitos que emergem e desaparecem, os conceitos metodológicos usados principalmente e aqueles que têm uma frequência (densidade) e importância (centralidade) fundamental. Finalmente, graças aos mais recentes avanços em técnicas computacionais, a dimensão longitudinal pode ser adicionada, permitindo ver o estado e o desenvolvimento das comunidades acadêmicas e científicas em sua evolução sócio-histórica. Na presente oficina abordaremos estas ferramentas que permitem que diferentes especialistas na área de estudo da ciência, como historiadores da psicologia ou sociólogos da ciência, possam avançar em uma análise complexa do desenvolvimento dos campos, especialidades, espaços acadêmicos, de interesse para eles.

Palavras-chave: bibliometria, redes, sociais, conceptuais, historia, sociologia, psicologia

### Oficina 3 - História oral

#### Psicologia, História do presente e oralidade

Gabriel Vieira Cândido

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (São Carlos/SP)

Psicologia e História são duas áreas do conhecimento com diferentes possibilidades de interfaces. O objeto de ambos são fenômenos históricos localizados nas dimensões tempo e espaço. Do ponto de vista da pesquisa, o campo da História da Psicologia é um exemplo de interface que apesar de seus muitos desafios, traz contribuições tanto para o campo da Psicologia quanto para o da História. Assim, o objetivo desta oficina é apresentar a História Oral como um método de pesquisa que apresenta, pelo menos, duas contribuições: a) produzir conhecimento sobre histórias recentes; e b) produzir documentos sobre a história de uma pessoa ou de um grupo. Para tanto, serão abordados aspectos metodológicos importantes para a pesquisa histórica produzida com método da história oral. São eles: 1) o problema de acesso ao objeto de interesse pelo pesquisador em História será apresentado para, em seguida, se discutir o recurso a diferentes tipos de fontes, sejam elas orais ou não orais; 2) o processo de construção de documentos a partir de fontes orais, considerando aspectos psicológicos presentes na díade entrevistado-entrevistador e na entrevista em si; 3) o registro da entrevista e a transcrição da entrevista;

e 4) a interpretação das informações levantadas ao longo do processo de pesquisa. Espera-se, com esta oficina, auxiliar pesquisadores interessados na História da Psicologia (como um campo científico) ou de fenômenos psicológicos, como aqueles ligados à saúde mental, questões culturais, desenvolvimento, intervenções etc. Isso se dará pela discussão do processo de identificação de fontes, dos cuidados e formas de tratamento das fontes, do processo de compreensão das informações e da escrita da história.

Palavras-chaves: Documentos; Fontes; História oral.

## **F. SESSÕES COORDENADAS**

### **Sessão 1 - História dos saberes psi e suas contribuições teóricas e conceituais**

#### **A conformação da Enfermeira moderna brasileira e as interfaces com os saberes "Psi": um estudo historiográfico 1932-1988.**

Kely Cristina Garcia Vilena

Rodrigo Lopes Miranda

Universidade Católica Dom Bosco

É consenso entre historiadores da enfermagem que o marco da institucionalização da profissão tal qual se apresenta contemporaneamente, denominado enfermagem moderna, foi a partir de Florence Nightingale (1820-1910), na Inglaterra. Esse modelo de formação foi adaptado por enfermeiras estadunidenses e ficou conhecido como Sistema Nightingale. O aspecto disciplinar era a tônica desse modelo e os principais objetivos eram desenvolver nas alunas, (a) um rigoroso aprendizado teórico e prático nos mesmos moldes de ensino da medicina, porém realizados por uma enfermeira treinada e (2) traços de caráter considerado desejáveis a uma boa enfermeira. Sob influência estadunidense o Sistema Nightingale se tornou hegemônico na conformação da enfermagem no mundo ocidental. No caso brasileiro, o marco da institucionalização da enfermagem moderna foi o ano de 1923 com a criação da Escola de Enfermeiras vinculado ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que em 1926, passou a chamar-se Escola Anna Nery e posteriormente Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A preocupação central deste trabalho é apresentar resultados parciais de uma pesquisa historiográfica em andamento sobre a circulação dos saberes "Psi" no processo de conformação da enfermagem brasileira. Para isso, utilizamos como fonte primária textos que circularam na revista *Annaes de Enfermagem* entre 1932 e 1988. O periódico foi escolhido por ser o primeiro veículo oficial da enfermagem brasileira criado para comunicação e divulgação da profissão. O recorte temporal compreende o ano de circulação do primeiro fascículo, 1932 e 1988 ano de criação do SUS. Analisar esse período se justifica pois desde sua institucionalização a enfermagem esteve alinhada as políticas públicas vigentes à época, desse modo estamos analisando um período de conformação da profissão anterior ao Sistema Único de Saúde (SUS), no qual um dos primeiros objetivos foi formar enfermeiras visitadoras de Saúde Pública que pudessem inculir na população os princípios de educação sanitária e controle das epidemias. Sobretudo, formar enfermeiras em um período no qual o sistema público de saúde era centralizado e de responsabilidade federal e aqueles que não contribuíam para a Previdência Social e não possuíam recursos dependiam da caridade e da filantropia para assistência em saúde. Nossos primeiros resultados indicaram, que os saberes "Psi" foram sendo apropriados para compor o processo de conformação da enfermeira moderna por pelo menos três mecanismos a saber: (1) ensino de Psicologia para formação moral e comportamental

da enfermeira, (2) ensino de Psicologia para capacitação da enfermeira na assistência ao doente além da saúde do corpo, i.e., um cuidado social e psíquico e (3) ensino de Psiquiatria para capacitar a enfermeira no cuidado com o doente mental. Exemplo do primeiro mecanismo são textos que circularam no periódico sobre a aplicação da Psicologia para enfermagem no sentido de moldar um comportamento ideal de uma enfermeira, e.g., a comparação da enfermeira com um “anjo bom” e outro “mau”; a influência do “psíquico” sobre o corpo e a necessidade da enfermeira possuir uma bela alma senhora do seu corpo. Segundo exemplo são textos que falam da necessidade de a enfermeira conhecer o doente integralmente, não só cuidar de suas moléstias corporais, i.e., cuidados com curativos e administração de medicamentos, mas considerar seu estado emocional que ficaria alterado pelo seu estado de saúde confluindo com o desajustamento do indivíduo ao meio, o qual prejudicaria o processo de reabilitação. Por fim, textos sobre a necessidade do conhecimento em psiquiatria, conhecimento especialmente dos transtornos do doente mental para que a enfermeira contribuísse junto ao médico no ajustamento daquele indivíduo. Desse modo, os saberes “Psi” foram sendo apropriados com o intuito de construir um perfil de enfermeira ideal e instrumentalizados por meio do ensino teórico e prático das disciplinas que passaram a compor a grade curricular das alunas nas escolas de enfermagem do país.

Palavras-chave: História da Psicologia, História da Enfermagem, História da Saúde, Educação em Enfermagem, Psiquiatria.

### **Abordagem psicológica às experiências anômalas e religiosas: uma revisão bibliográfica**

Maycon Rodrigo da Silveira Torres

Matheus Coutinho dos Santos Alves

Julia Ravizzini Pereira

Isadora Alves da Costa Santos

Faculdade Maria Thereza/ Universidade Federal Fluminense

A religião é um importante campo de manifestação subjetiva, compreendido como um fenômeno universal à experiência humana. A graduação em Psicologia no Brasil ainda não instituiu obrigatoriedade de abordar este assunto em uma disciplina específica, ficando a discussão diluída em pontos mais abrangentes ao longo da formação dos estudantes. Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns pontos sobre a abordagem da Psicologia à Religião. O método escolhido foi de revisão bibliográfica concernente à produção acadêmica no campo da Psicologia das Religiões, mais especificamente aquelas relacionadas às experiências consideradas anômalas, uma experiência que é diferente das consideradas comuns e/ou é apartada de explicações cientificamente aceitas, como presentes em uma Psicologia Anomalística, como as experiências fora do corpo (extracorpóreas) e as experiências dissociativas de teor espiritual/místico-religioso e suas implicações na clínica psicoterapêutica, conforme estabelecidas em cinco artigos publicados no recorte temporal de 2015 a 2020. As experiências anômalas, que podem tender a vieses de compreensão espiritual ou psicológica, estão presentes na literatura através de relatos de casos oriundos de entrevistas semi-estruturadas, sendo uma delas uma pesquisa autoetnográfica e outra a aplicação de uma escala de experiências dissociativas em uma amostra não clínica. Dois dos artigos investigam o manejo dos profissionais de saúde com questões de cunho religioso e espiritual em contexto da clínica psicológica e das comunidades terapêuticas. O trabalho tece considerações acerca do estado da arte do campo da Psicologia da religião e da espiritualidade no meio acadêmico nacional, partindo de definições de conceitos-chaves como

religião, religiosidade, espiritualidade e suas implicações nas experiências anômalas e psicopatológicas relacionadas, como a dissociação, a despersonalização e as alterações de consciência, enquanto propostos na literatura, para investigar a concepção científica atual dos fenômenos místico-religiosos, como a mediunidade e a possessão, e sua conjectura enquanto presentes nos âmbitos de atuação dos profissionais da saúde mental, mas para além disso, abordando em igual medida noções gerais acerca de uma abordagem ética e respaldada de assuntos espirituais e religiosos quando apresentam-se relevantes, temática considerada de grande importância para a Psicologia. Como produto deste esforço temos um panorama histórico do desenvolvimento deste campo da ciência no Brasil, que transpassa pesquisas de cunho fenomenológico das experiências anômalas, nominalmente das experiências extracorpóreas e dissociativas, até considerações neuropsicológicas acerca destas mesmas. O trabalho também explora a associação entre o uso de drogas psicoativas, como a Ayahuasca, substância considerada enteógena e culturalmente importante e quase singular ao Brasil, e suas influências nas práticas místico-religiosas e as alterações de consciência que são consequência de seus usos, tendo determinado estudo classificado-as em sete categorias diferentes de análise. O texto aborda o fenômeno cultural das comunidades terapêuticas e sua utilização no tratamento de dependência química de seus usuários, destacando o caráter religioso destas instituições e como isto se relaciona ao seu modo de operação enquanto atuante nos processos de cura dos transtornos, o que se relaciona com a problemática do manejo psicoterapêutico das questões espirituais e religiosas. Investigando considerações de psicólogos sobre a influência da religiosidade e da espiritualidade no contexto psicoterapêutico, compreende-se as considerações éticas que norteiam o tema, enquanto analisa possibilidades propostas de estratégias e recursos terapêuticos como meio de abordar essas esferas da constituição do sujeito, que cada vez mais vem tomando uma proporção de importância enquanto sua influência na manutenção da saúde integral. Por último, abordando o percurso histórico da relação entre ciência e religião, nota-se expressa uma necessidade de inclusão e discussão mais ampla desta temática no meio acadêmico e de formação na Psicologia.

Palavras-Chaves: Psicologia, Religião, Espiritualidade, Experiências Anômalas.

### **Mais que cognitivo: Uma psicologia corporificada cartesiana**

Milena Pedrosa Viana Ferreira  
Thiago Constâncio Ribeiro Pereira  
Universidade Federal Fluminense

Este trabalho é produto do projeto de pesquisa “O Corpo nas Teorias Psicológicas”, coordenado pelo Prof. Dr. Thiago Constâncio Ribeiro e vinculado ao FHIPsi - Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia. O objetivo do projeto é fazer um exame do tratamento dado à dimensão corporal nas teorias psicológicas ao longo da história da psicologia. Na sua primeira fase, foi contemplado o pensamento psicológico de R. Descartes (1596-1650), que inaugurou o racionalismo moderno buscando na razão a ferramenta apropriada para o alcance da certeza científica e da sabedoria de vida. Tendo recebido uma formação fortemente religiosa, não é de se estranhar que, em suas *Meditações* (1641), Descartes tenha acabado por colocar o conhecimento da existência divina como o pilar que fundamenta todo o conhecimento científico e por separar a substância física, material, daquela imaterial e pensante: a alma. Mas, embora seja reconhecido principalmente por seu dualismo corpo-alma, notou-se, ao longo desta pesquisa, que a concepção cartesiana do corpo e da vida humanos deu muito mais importância à

união dessas duas substâncias do que a uma delas isoladamente. Mais que isso, é possível notar que seu trabalho sobre essa união se assemelha muito ao que hoje nomeamos Psicologia, o que se evidencia sobretudo em seu tratado *As Paixões da Alma* (1649) e na *Correspondência entre Descartes e a Princesa Elisabeth da Boémia* (1643-1649). Em que pese o amplo reconhecimento do autor, particularmente no campo da filosofia ocidental, nota-se que seu pensamento psicológico ainda é pouco discutido no campo da historiografia da psicologia, especialmente no Brasil. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo fazer uma análise da psicologia de Descartes, e com isso trazer também um questionamento sobre a abrangência do conceito de psicologia científica. Um certo conteúdo psicológico já pode ser encontrado nas *Meditações*, embora ainda com forte teor metafísico e focado na alma. O corpo e a união entre corpo e alma comparecem na *Meditação Sexta*, mas sem uma exploração profunda do assunto. Estas questões começam a se desenvolver nas correspondências entre Descartes e Elisabeth, e tomam um aspecto prático que veremos com mais força em *As Paixões da Alma*. Mas é visível, mesmo nas cartas, um viés psicológico - Elisabeth considera-o médico de sua alma e, nas soluções para os diversos males que a afligem, a influência mútua entre corpo e alma é a base do remédio cartesiano. Cabe salientar aqui a mudança de postura epistêmica realizada pelo autor, que se afasta da meditação contemplativa própria aos estudos da alma para uma atitude empírica de investigação dos fenômenos mentais. No tratado *das Paixões da Alma*, Descartes realiza um tratamento sistemático destas incluindo, além de suas formulações anteriores, a sua ontogênese, a importância do hábito e até mesmo a ocorrência de processos que se poderiam chamar de inconscientes. Todos esses conteúdos são trabalhados sempre a partir da lógica da ação mútua entre alma e corpo, onde as condições de um interferem nos estados do outro. O tratado cartesiano sobre as paixões evidencia, portanto, não apenas um rico material psicológico como também a importância do corpo nos processos mentais; o que, somado à exploração empírica que emprega na produção desse conhecimento, resulta na imagem de um Descartes menos mentalista e dualista do que normalmente se supõe. Tal mudança faz aparecer certa incompreensão do trabalho do autor e tem uma implicação importante para a pesquisa em historiografia da psicologia: compreendê-lo nesses termos tensiona os limites entre esta e a filosofia, deixando entrever que essa distinção é ainda menos natural ou clara do que se convencionou até o momento.

Palavras-chave: R. Descartes, história da psicologia, união corpo-alma, paixões da alma

### **A importância do estudo de Lorraine Daston sobre objetividade a perspectivística para pensar a produção dos corpos que importam**

Luisa Barros Bonelli

Isadora Almeida Dutra

Roberto de Oliveira Preu

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho, que se enquadra no eixo temático 3, história das teorias, objetos e práticas psicológicas, resulta do projeto de pesquisa *Corpo e Sexualidade nas Encruzilhadas da História da Psicologia e da História Social*, coordenado pelo Prof. Dr. Roberto de Oliveira Preu (UFF), cujo objetivo é avaliar de quais modos específicos, na história da psicologia e da psicanálise, se configurou a naturalização de processos engendrados e formatados pelas necessidades da história do trabalho no que tange à diferença sexual e sob que circunstâncias as modulações das relações humanas contemporâneas põem em conflito esses saberes até então tomados como naturais interferindo em seu processo de constituição no contemporâneo. Posto isso, durante a pesquisa, consideramos imprescindível estudar a

obra de Judith Butler, uma vez que esta faz inúmeras contribuições a nosso campo de interesse. E, neste percurso, buscamos compreender de quais modos as elaborações de Lorraine Daston sobre objetividade aperspectivística poderiam contribuir para pensarmos a produção dos corpos que importam, como demarca Butler, na contemporaneidade. Nos detivemos, com maior atenção, no livro *CORPOS QUE IMPORTAM: Os limites discursivos do “sexo”* (2019), onde Judith Butler questiona a materialidade do corpo e introduz a noção de matter que, em inglês, compila alguns significados: matéria, o verbo importar, e assunto/ problema dentro de um discurso. Sua tese, neste momento da obra, consiste em compreender a construção enquanto produção de restrições, onde o corpo, por exemplo, é construído a partir de restrições produtivas de esquemas de gênero regulatórios. Desse modo, estas restrições produzem tanto o domínio de corpos inteligíveis, corpos que importam [matter], quanto um domínio excluído e abjeto. É importante destacar que este resto não se encontra em par de oposição, na medida em que se apresenta enquanto limite para a inteligibilidade, sendo, pois, ilegível. Por outro lado, ambos os polos de uma oposição são inteligíveis. Lorraine Daston, por sua vez, em *Historicidade e Objetividade* (2017), defende a tese segundo a qual a objetividade aperspectivística, tal como a compreendemos no uso corrente, fora importada para as ciências naturais apenas no século XIX, sendo originariamente princípio da filosofia da moral e da estética da segunda metade do século XVIII. Por objetividade aperspectivística, Daston entende a camada do conceito que pretende sua comunicabilidade. Em outras palavras, explica como no século XIX as ciências naturais encontravam-se num momento de intenso intercâmbio de pensamentos. Crescia a interação entre cientistas de diferentes países e, com isso, a necessidade de tornar padronizado e universal os conhecimentos. Daston diz bastante de um interesse no coletivo em detrimento do pessoal. Dessa forma, motivou-se a preferência por métodos e observações mecanizadas no fazer ciência e como resultado, exclui-se as idiossincrasias e perde-se parte significativa da habilidade do cientista e observador. É mais ou menos neste momento também que objetivo se torna oposto a subjetivo, uma vez que no passado o termo não consistia em algo independente da percepção. Daston, contudo, pauta as maneiras como esta objetividade distancia-se da imparcialidade e mesmo da neutralidade, inclusive, por serem princípios inalcançáveis. Nesse sentido, deve-se enfatizar que esta objetividade aparentemente “de lugar nenhum” tem suas raízes na moral, por isso a carrega como parte constitutiva. Soma-se a isso, o fato de compreendermos a ciência como produtora de mundo, para além de descritiva. A crítica à cientificidade é, portanto, importante no jogo de inclusão/ exclusão dos corpos que importam, pois, ao passo que a ciência produz um mundo inteligível, ela define simultaneamente quais corpos não importam.

Palavras-chave: objetividade, corpo, história.

### A noção de corpo nos primórdios da psicanálise

Alessandra Silveira Ferreira

Rafaella Nóbrega Esch de Andrade

Ingrid Vorsatz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho tem por objetivo investigar a constituição da noção de corpo nos primórdios da psicanálise a partir do encontro de Sigmund Freud com o enigma que a histeria apresentava à medicina da época. Esta investigação se faz pertinente na medida em que o esforço de Freud na compreensão do sintoma histérico o levou ao afastamento da concepção de organismo vigente,

conforme o saber anatomofisiológico, e à formulação das bases teórico-clínicas do que mais tarde se tornaria o *corpus* da psicanálise. Foi realizado um levantamento bibliográfico de obras que tratam desta problemática, por meio de consulta às bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Periódicos CAPES através dos descritores "psicanálise", "corpo", "histeria", "anatomofisiologia" e "representação". Também foi realizada uma revisão narrativa na obra freudiana sobre o tema publicadas entre 1886 e 1895. Freud se depara com o fenômeno histérico no estágio realizado na cidade de Paris, na França, com o renomado neurologista francês Jean-Martin Charcot, responsável pelo Serviço de Neurologia do *Hôpital de La Salpêtrière*. Escreve sua principal obra sobre o tema, intitulada *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), com seu colega vienense Josef Breuer, na qual consolidam os resultados do tratamento clínico de cinco casos de histeria entre os anos de 1880 e 1892. Antes de fundar o campo da psicanálise, Freud atuava como médico neurologista e sua compreensão dos fenômenos clínicos era consoante o saber médico do final do século XIX, fundamentado na anatomofisiologia. Todavia, ao se deparar com o enigma apresentado pela entidade clínica histeria, Freud percebeu a insuficiência do saber médico vigente em Viena, que não a considerava uma patologia, mas, sim, uma simulação por parte das pacientes, por não encontrar um substrato anatômico que a legitimasse como entidade clínica. A fim de instituir uma prática clínica que pudesse tratar a histeria e uma teoria que sustentasse tal prática, Freud foi levado a abandonar os pressupostos anatomofisiológicos que constituíam a sua formação médica e a submeter-se ao fenômeno clínico que se apresentava em sua prática médica. Viajou à França, país em que vigoravam as teorias dos neurologistas Charcot e Hippolyte Bernheim. Charcot demonstrou que a sintomatologia histérica era regida por leis gerais, afirmando a histeria como uma entidade clínica legítima. Bernheim postulou a histeria como um fenômeno de natureza estritamente psíquica e decorrente de efeitos sugestivos presentes na relação médico-paciente, propondo um tratamento baseado no uso da hipnose e da sugestão. Influenciado pelos estudos de ambos, Freud considera a histeria como uma entidade clínica legítima. Ao observar os fenômenos clínicos desta patologia, percebe que os sintomas apresentados pelas pacientes – tais como paralisias, contraturas musculares, cegueira e surdez temporárias, entre outros – não respeitavam o funcionamento anatômico, as regiões cerebrais e suas conexões nervosas. Nota que o padrão dos sintomas histéricos corresponde à compreensão do senso comum de funcionamento dos órgãos e membros do corpo. Freud conclui que a entidade clínica histeria se comporta como se a anatomia não existisse, apartando-se da concepção biológica de organismo. Segundo sua hipótese, na histeria o braço não equivale a um dos membros superiores do corpo, cujo funcionamento é descrito pela anatomofisiologia, mas, sim, à sua representação psíquica – que, por sua vez, é idiossincrática. Propõe que os sintomas histéricos não decorrem de uma lesão anatômica, mas, de uma lesão - termo inicialmente utilizado por Freud - concernente à representação psíquica do órgão ou do membro afetado. Esta 'lesão' consistiria na exclusão da representação psíquica do trânsito associativo da consciência, impedindo-a de se associar às demais representações psíquicas. Esta exclusão decorreria de uma experiência traumática cujo afeto (*Affekt*) não pôde ser escoado através de uma ação motora. Como resultado, o afeto atrelado à representação psíquica seria convertido em um sintoma corporal, cuja expressão manteria uma relação simbólica com o evento que o originou. Conclui-se que a noção de corpo surge a partir do afastamento de Freud da concepção vigente de organismo, fundamentada no saber anatomofisiológico. A etiologia do sintoma histérico é considerada por Freud como sendo de natureza estritamente psíquica, o que antecede a formulação do conceito de inconsciente (*das Unbewusste*).

Palavras-chave: Corpo, Anatomofisiologia, Histeria, Representação, Psicanálise.

## História e Psiquê nas obras de Walter Benjamin e Marcel Proust

Eduardo Carli de Moraes  
Universidade Federal de Goiás

Este trabalho dedica-se a uma reflexão sobre o tempo, tanto histórico quanto psíquico, refletindo sobre os elos e pontes que possam vincular os domínios de Clio e Psiquê através dos entrelaçamentos entre as obras de Walter Benjamin e Marcel Proust. Em virtude dos trabalhos realizados sobretudo por Jeanne Marie-Gagnebin e pesquisadores a ela afiliados, vem ganhando cada vez mais relevo nos estudos acadêmicos brasileiros a interlocução entre o autor de "Em Busca do Tempo Perdido", conjunto de romances repletos de reflexões psicológicas, e a obra Walter Benjamin. Este foi, durante seu período no exílio em Paris, tradutor da "Recherche..." e crítico da produção intelectual de um de seus escritores prediletos, a exemplo do artigo "Imagem de Proust" (lançado recentemente no país no livro "Diário Parisiense e outros escritos", ed. Hedra, 2020). Nesta pesquisa, temos como objetivo sobretudo este texto Benjaminiano e também o já clássico "Sobre o conceito de história", de 1940, no intento de demonstrar, como argumenta Bruna Della Torre, que estas páginas Benjaminianas "estão impregnadas de Proust" e que seria vão tentar compreender a concepção de tempo em Benjamin apenas apelando para o marxismo ou para o misticismo judaico. A presença de Proust, argumentamos com base em crescente fortuna crítica sobre o tema, é fundamental na determinação do conceito de História e seus impactos sobre a psiquê humana veiculados por Walter Benjamin. Tendo em vista a compreensão aprofundada de uma certa concepção de memória, em que cabe distinguir entre o voluntário-consciente e o involuntário-espontâneo, buscamos fundamentar qual seria a concepção Benjaminiana de Tempo, altamente inspirada por sua leitura da "Recherche". Além do estudo propriamente dito dos dois textos Benjaminianos supracitados e também de trechos de Proust, recorreremos não apenas a comentadores como Gagnebin e Della Torre, mas também faremos recurso a Stuart Jeffries, autor que, em sua monumental historiografia crítica da chamada Escola de Frankfurt, "Grande Hotel Abismo", afirmou: "Benjamin apoderou-se da noção de memória involuntária de Proust, o trabalho da recordação espontânea em contraste com a recordação intencional": "Proust tinha buscado redimir sua infância das devastações do tempo tirando-a, pela obra imaginativa do romance, do continuum da história. Benjamin encontrou inspiração nesse projeto, mas sua memória tinha um propósito diferente. (...) Para Proust, a memória era um meio de recriar a felicidade, de fazer parar a flecha do tempo; para Benjamin, o ato de lembrar por meio da escrita tinha o caráter dialético de um palimpsesto, que corria no tempo para a frente e para trás, tecendo juntos eventos temporalmente díspares, o que ele chamou de trabalho de Penélope da memória." (JEFFRIES, p. 36). Em resumo, este trabalho explora entrelaçamentos entre Clio e Psiquê nas obras dos autores, afirmando que a memória humana é um fenômeno complexo e multifacetado, cuja compreensão demanda de nós um esforço transdisciplinar no qual romancistas, poetas e artistas são interlocutores válidos. A memória não é uma linear acumulação de tesouros que seriam ordeiramente classificados em um arquivo, tornando-se depois plenamente acessáveis/acessíveis, através da vontade consciente do sujeito, que iria à memória para recuperar dados e fatos tal qual aconteceram como quem visita um armazém. Esta é a visão ilusória que tanto Benjamin quanto Proust combatem e descontrolam, sugerindo algo que tome seu lugar: assim como a mortalha de Penélope, a memória tem em si imbricada o esquecimento, assim como a história é passível de "retrocesso", ou seja, de dissolução daquilo que havia sido construído, de uma queda em catástrofe do que haviam sido os maiores orgulhos – documentos e monumentos – da civilização. Benjamin denuncia o quanto há de barbárie no cerne da civilização e também aponta o quanto há de esquecimento na

memória e de história coletiva no que aparenta ser apenas lembrança individual. Através de um pensamento impregnado de Proust, Benjamin também utilizou-se de imagens do pensamento que comunicar uma visão utópica - tal qual se expressa em "Sobre o Conceito de História", Tese IV: "Tal como as flores se voltam para o sol, assim também, por força de um heliotropismo secreto, o passado aspira a poder voltar-se para aquele sol que está a levantar-se no céu da história."

Palavras-chave: Memória, História, Tempo, Walter Benjamin, Marcel Proust

## Sessão 2 - História da Psicologia e a Formação em perspectiva

### O saber moderno e o saber nativo: a formação em Psicologia e o Controle Social nas margens.

Conrado Neves Sathler

Esmael Alves de Oliveira

Universidade Federal da Grande Dourados

Neste texto apresentamos alguns recortes de falas colhidas em um evento do Controle Social da cidade de Dourados - MS, evento promovido pelo Conselho Municipal de Saúde como etapa local da Conferência Nacional de Saúde Mental de 2022. O objetivo geral foi contribuir com a formação em Saúde em contexto multicultural e os objetivos específicos foram: discutir os princípios de Equidade e Integralidade - focos dos enunciados analisados – e avaliar os resultados da participação de estudantes de Psicologia em um cenário de prática de construção de Políticas Públicas em contexto multicultural. O território de nossa atuação se caracteriza por suas fronteiras nacionais e pela presença de populações indígenas, principalmente das etnias Guarani, Guarani-Kaiowá e Terena. A fundamentação teórica empregada para a descrição de nosso campo se ampara, sobretudo, nos pensamentos decoloniais e pós-coloniais e nossa concepção de ensino se baseia na Educação Crítica. A análise dos enunciados colhidos foi fundamentada na teoria da subjetividade de Michel Foucault. O evento analisado, Plenária Municipal de Saúde Mental, foi realizado em abril de 2022 e contou com a presença de professoras(es) dos cursos de Psicologia e de Enfermagem, entre outros das universidades federal, estadual e particulares, acadêmicas(os) dos cursos de Psicologia e de Medicina da UFGD, residentes da Residência Multiprofissional em Saúde da UFGD, gestoras(es) municipais e estaduais, políticas(os), profissionais da Saúde (indígenas e não indígenas) - muitas(os) delas(es) formadoras(es) de estagiárias(os) -, lideranças indígenas, usuárias(os) e suas(seus) familiares, representantes da sociedade civil organizada e populares inscritos para auxiliar na formulação de Políticas Públicas locais e de propostas para o Estado e para a Federação. Os excertos registrados para análise foram colhidos anonimamente, sendo nosso interesse preservar as individualidades e destacar a exterioridade discursiva – o que foi dito na conferência é dito também em outros lugares e compõem dispositivos de circulação discursiva e relações de poder. Consideramos ser privilegiado o contexto fronteiro e multicultural para a discussão das Políticas Públicas de Saúde e para a avaliação da efetividade dos princípios de Equidade e Integralidade do Sistema Único de Saúde. Percebemos como a coabitação territorial pluriétnica e a coexistência de saberes e remédios tradicionais e modernos exigem negociações culturais e produções híbridas de modelos de Assistência, de equipamentos e de tecnologias de Atenção à Saúde Diferenciada, resultando também em subjetividades híbridas. Avaliamos que, nessa atividade, os estudantes de Psicologia se enriquecem na medida em que se empenham na elaboração de propostas para a Saúde e para a Saúde Mental carregadas de conflitos relativos às diferenças culturais, à postura do Estado no

fazer valer a equidade e a integralidade em contexto de diferenças abissais culturais e socioeconômicas. Além disso, a participação em pé de igualdade com as(os) demais profissionais e usuárias(os) credenciados proporciona o desenvolvimento de um engajamento ético e político nas Políticas Públicas, fortalece a compreensão dos compromissos políticos da própria profissão e articula habilidades e competências dispostas nos Projetos Políticos Pedagógicos do curso, avaliando a adequação e a efetividade de saberes ligados aos componentes curriculares do campo da Saúde.

Palavras-Chave: Educação Multicultural; Ensino em Saúde; Formação em Psicologia; Políticas Públicas; Saúde Indígena.

### **Relato de experiência: formação do psicólogo educacional e sua função na escola**

Carolina Esteves Alves

Maria de Lourdes Peluso, Carolyne Machado

Faculdade Maria Thereza

O Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução CFP n° 013/2007, estabelece a Psicologia Escolar/Educacional como uma especialidade deste campo de conhecimento. O Psicólogo Escolar atua em ambientes educacionais colaborando para a compreensão e mudança de comportamento de alunos e educadores, realiza pesquisas, intervém em processos de ensino-aprendizagem, participa da elaboração de planos e projetos político-pedagógicos entre outras atribuições. Este trabalho apresenta as reflexões que surgiram ao longo do desenvolvimento de uma produção acadêmica na disciplina Psicologia Educacional do curso de Psicologia da Faculdade Maria Thereza, em Niterói/RJ. Trata-se do desenvolvimento e apresentação da temática abordada no texto “Por que crianças e adolescentes?”, do livro "Convivências e Conflitos na Escola", no qual uma professora faz inferências sobre o futuro de uma aluna, apelidada como “de menor”, após uma briga em sala de aula. Segundo a docente, era possível e até provável que a menina viesse a ter conflitos com a lei pelo comportamento que demonstrava em sala de aula e pelo ambiente socioeconômico em que vivia - uma favela. A professora baseava-se na teoria da hereditariedade patológica da marginalidade, segundo a qual, pessoas que possuem em seu histórico social e familiar algum acontecimento julgado criminoso estariam fadadas a cometer algum ato ilícito. Importante destacar que o termo “de menor”, usado pela professora, tem caráter pejorativo e é inadequado segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Todas as pessoas menores de 18 anos deveriam ser chamadas de crianças ou adolescentes, de acordo com a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Segundo o relato, após o mau comportamento em sala de aula, as estratégias punitivas foram postas em prática, retirando-se a criança da sala com o objetivo de dar-lhe um “susto” e cogitou-se, inclusive, o acionamento do conselho tutelar. Na análise, faz-se uma extrapolação da situação e discute-se sobre a necessidade de redução da maioridade penal ou ainda sobre a utilização da judicialização ou da medicalização como ferramentas para a mediação dos conflitos. Acredita-se que no debate apresentado pelo texto em questão, desconsiderou-se que há muitos fatores no nosso cotidiano que trazem vários “sintomas” para as crianças como o fato de elas terem pouco contato com a natureza, pouco convívio com os pais, alimentação desequilibrada, uso excessivo de eletrônicos, pouco apoio socioemocional. Há uma tendência de parte da população em valorizar processos judicializantes, punitivos ou medicalizantes de crianças e adolescentes como forma de resolver questões que são entendidas como problemas. O breve relato proporcionou uma longa discussão sobre a judicialização da rotina escolar, a medicalização dos alunos, a problemática envolvida

na proposta de redução da maioria penal, o histórico da construção sócio-jurídica dos termos criança e adolescente. Além disso, foi problematizada a atuação do psicólogo educacional, como prevê o Projeto de Lei 13.935/2019 que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e serviço social nas redes Públicas de Educação Básica. O que poderia ser diferente se o ambiente escolar dispusesse do profissional psicólogo?

Palavras-Chave: Judicialização do ambiente escolar, Medicalização, Conflitos na escola, Psicólogo escolar, Estatuto da Criança e do Adolescente.

### Postura do psicólogo nas organizações: relato de experiência na formação em Psicologia

Carolina Esteves Alves  
Matheus Coutinho dos Santos Alves  
Yasmin Castro  
Vanessa Carine Gil de Alcântara  
Faculdade Maria Thereza

Este é o relato da experiência de alunos de Psicologia da Faculdade Maria Thereza, localizada em Niterói/RJ, para a confecção do relatório da disciplina Estágio Básico em Psicologia Organizacional. Destaca-se que a disciplina foi cursada no segundo semestre de 2020, em meio a um cenário pandêmico e de muitas incertezas. Pautando-se no objetivo de que o estágio deve contribuir para o aprendizado de uma postura ética e profissional e considerando a liberdade na definição do tema, decidiu-se colocar a atuação profissional do psicólogo organizacional e do trabalho como analisador, bem como a psicodinâmica do trabalho. Segundo esta perspectiva, o trabalho pode trazer consequências para a saúde mental dos indivíduos. A partir de autores como Christophe Dejours, Vincent de Gaulejac e Fernando Gastal, foram discutidas algumas características do trabalho no século XXI, como a competitividade e individualidade extremadas, o paradigma gerencialista, a sobrecarga de tarefas, o *home office* e a perda de privacidade durante a pandemia de Covid-19. Problematizou-se o fato de vivermos em uma sociedade que não aceita o fracasso, de forma que o sucesso é buscado incessantemente e em detrimento da ética, das relações pessoais. Ao mesmo tempo, as relações de trabalho são inevitavelmente permeadas por imprevistos físicos, materiais e humanos, de forma que o colaborador está sempre lutando contra a falibilidade inerente à condição humana. Em 2020, durante a pandemia de Covid-19 o trabalho invadiu o ambiente domiciliar e todos os integrantes da família ficaram imersos no ambiente organizacional. Microfones e câmeras desligados não foram suficientes para impedir que as clivagens fossem expostas. Percebeu-se que, quanto mais o homem se envolve nas tarefas laborais de forma automática, menos é capaz de se conectar aos ritmos e necessidades próprias. Neste contexto, caberia ao psicólogo organizacional um compromisso maior com o trabalhador e com o fato de ele ser humano e não máquina. Além da preocupação com as questões fisiológicas individuais, são importantes os aspectos sociais e psicológicos que causam adoecimentos coletivos. Concluiu-se que é preciso humanizar as relações nas organizações para que seja entendida a natureza do sofrimento, se conheça quem sofre e sejam determinadas quais as possibilidades individuais e coletivas de cada colaborador. Desta forma, acredita-se ser necessário que o ensino da Psicologia Organizacional e do Trabalho na formação em Psicologia seja mais crítico, incluindo questões relacionadas à psicodinâmica do trabalho e fomentando o desenvolvimento de pesquisas na área. Propõe-se uma abordagem mais ampla do trabalho nas organizações: como é instituído, quais os seus produtos como fenômeno social, político e

cultural. Isto pode ser feito a partir de uma investigação histórica e sociológica dos alicerces da compreensão do trabalho e sua presença no campo acadêmico nacional. Consta-se que é dever do psicólogo não se deixar desumanizar pelas rotinas impostas e é também sua obrigação munir-se das ferramentas teóricas para suportar o grande peso de ir contra a corrente corporativa, seus lucros e metas. O mundo do trabalho não é fácil e, se conquistar relações mais humanas e justas for um objetivo, deve-se estar preparado. A formação acadêmica de Psicólogos deveria refletir essa realidade.

Palavras-Chave: Psicologia, subjetividade e trabalho, Processo de trabalho, Saúde mental do trabalhador, Trabalho e pandemia

### Deseducação da Psicologia hegemônica a partir da perspectiva de terreiro

Kathleen dos Santos Galvão

Bruno Meloni Esturião

Universidade Federal Fluminense (UFF)

O presente estudo visa se desconfiar das certezas que o saber hegemônico cristaliza no campo da Psicologia, dando condição frutífera para a ignorância que possibilitará uma abertura crítica dentro de nossa formação, usando como alicerce as filosofias que nascem nos terreiros, encantando-nos com os saberes que a macumba pode nos proporcionar. Adotando uma perspectiva exusíaca, encruzamos vieses diaspóricos africanos para apontar os descompassos da Psicologia enquanto perpetuadora de uma herança colonial. As marcas de domínio europeias sobre a Psicologia são evidentes, basta acessarmos o início da construção destes saberes. No Brasil, durante o período colonial, as primeiras ideias psicológicas foram disseminadas pelo clero, em seguida, durante os anos de 1800, o discurso de divulgação católico foi substituído pelo científico através de intelectuais que traziam da Europa atualizações de diversas doutrinas. Em uma tentativa de curar um Brasil que estava supostamente adoecido pela falta de “civilidade europeia”, visto a grande demarcação negra no país, a elite intelectual se voltava à limpeza das cidades e, não obstante, a Psicologia auxiliou nesta movimentação. Historicizando nosso campo de formação, se faz urgente desnaturalizar o modo como apagamos a diversidade de saberes fora do antro hegemônico branco que ignora toda existência fora de sua demarcação. Nesse sentido, acreditamos que o terreiro possui potência de transformação desse espaço, visto que sua filosofia e práticas de cuidar são bloqueadas pelo racismo e, por consequência, não acessadas pela Psicologia. Adotamos, portanto, a postura de pesquisadores cambonos, em outros termos, iremos nos equilibrar na desconfiança da certeza Psi e reivindicaremos outras formas de pensar e cuidar, construindo um saber cismado aliado da dúvida e pronto a se deseducar. Dessa forma, ao pensarmos a deseducação e uma aproximação com a perspectiva do terreiro, nos embasamos em panoramas e conceitos úteis para repensar as bases da psicologia. Ao problematizar a história da Psicologia e sua formação enquanto campo, pensamos no panorama histórico da mesma, traçando o percurso de sua constituição em um contexto nacional, desde seu aparecimento no período colonial até meados de 1950, onde já haveria um campo de saber em institucionalização. Após uma contextualização histórica, pensamos na problematização atual da nossa formação, apontando críticas sobre ainda sustentarmos um saber que em sua prática inicial servia às elites. Tais apontamentos nos servem como base de crítica para uma proposta de deseducação. Por isso, pensamos em uma aproximação do campo Psi com saberes e tradições geralmente ignorados, nesse caso especificamente a perspectiva do terreiro. Ao pensar que tanto esse campo como o terreiro se preocupam com a questão da subjetividade,

seguimos na proposta de uma aproximação, com a aposta de que a psicologia, ao olhar para as encruzilhadas da macumba, amplie sua visão para além do saber majoritário branco que subalterniza e exclui outras formas de conhecimento. Para avançarmos na perspectiva do terreiro, nos utilizamos de conceitos como Exu, síncope, encruzilhada, encanto e desencanto, traçando um caminho para a transgressão dos saberes ocidentais, que buscamos nos servir para pensar o ensino e a formação na Psicologia. Daí o termo deseducação, como uma proposta de transgressão, pensando novos caminhos para uma prática mais ampla e situada. Desde o início de nossa encruzilhada a proposta não é promover um resultado uno para a criação de uma nova certeza, isto é, queremos ter a astúcia de acolher o inacabado e reivindicar a dúvida como principal fonte de criação para novas aberturas, que possibilitem uma Psicologia que se encante conjuntamente aos princípios constituintes dos terreiros. Por conta desses apontamentos, acreditamos que nossa produção se encruzilhe com a proposta do eixo 2, ao questionarmos sobretudo nossa formação enquanto futuros psicólogos, requerendo um futuro preto a esse campo do saber. Ademais, é importante destacar que, por se tratar de construções iniciáticas, nosso estudo não possui fonte de financiamento, sendo este um recurso que consideramos ser fundamental para que futuramente possamos dar continuidade a esta abertura de caminhos.

Palavras chaves: Psicologia, Terreiro, Encruzilhada.

### Compreendendo o Discriminacionismo Afetivo: definições básicas e conceitos preliminares

Luiz Eduardo Prado da Fonseca  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A história da psicologia no Brasil conta com inúmeros personagens responsáveis pela difusão de uma série de conceitos, técnicas e métodos que fizeram parte do desenvolvimento teórico e institucional do saber psicológico em solo brasileiro. Médicos, filósofos e professores, dentre outros, foram responsáveis pela introdução de problemas da Filosofia, Psiquiatria e da Psicologia produzidas fora do Brasil, acrescentando a estes conhecimentos uma adequação aos problemas brasileiros em sua difusão e aplicação. Porém, um caso que desponta é o de Waclaw Radecki, psicólogo polonês que imigrou para o Brasil em 1923 e que, de 1924 até 1932, dirigiu o laboratório da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro. Em sua passagem pelo país, Radecki se destacou pela direção do laboratório da Colônia de Psicopatas, posteriormente articulando sua transformação num Instituto de Psicologia. Tal instituto, inaugurado e fechado via decretos em 1932, é sem dúvidas sua maior contribuição para a história da psicologia no país. Entretanto, uma parte importante de sua produção é o sistema psicológico que dizia defender, o Discriminacionismo Afetivo. Contando, atualmente, com apenas dois textos recentes que tratam do sistema, ambos de autoria de Rogério Centofanti, o presente trabalho se propõe a retomar o sistema de Radecki no intuito de compreender não apenas seu significado, mas suas formulações teóricas mais fundamentais. Através do levantamento de fontes primárias e da seleção cuidadosa dos textos que podem contribuir para a discussão, foi realizado um estudo dos principais escritos de Radecki sobre a psicologia e os conceitos a ela relacionados. Centofanti, em seu trabalho de 2003, “O Discriminacionismo Afetivo de Radecki”, estabelece uma compreensão dos termos que dão nome ao sistema, indicando que este seria algo como uma “indicação de caminho metodológico” que não veio a formar escola, produzir discípulos ou ter um corpo de publicações mais coeso. Partindo desse ponto, foram localizados os principais textos de Radecki que pudessem ter informações sobre o sistema. Do seu “Tratado de Psicologia (Resumido)” publicado em

1929, ao “Resumo dos Cursos de Psicologia”, de 1928, além de volumes avulsos, como o “Introdução à Psicoterapia”, de 1926, foram retiradas as definições mais básicas que Radecki propõe para a ciência psicológica. Em seguida, foram levantados os diversos livros produzidos por seus assistentes em 1930, totalizando cinco volumes que tratam dos temas da sensação, atenção, pensamento, vida afetiva e exame psicológico da criança. Também foram levantadas as principais publicações de Radecki no Uruguai e na Argentina, onde viveu e continuou sua produção de 1933 até 1953, ano de seu falecimento. Este material, em parte inédito no Brasil, conta com definições sobre psicopatologia, um manual de psiquiatria, um volume sobre psicologia da representação, além de reedições de livros publicados no Brasil e um volume de um aluno, Alfredo Cáceres, intitulado “La Obra Psicologica de Radecki”, que resume os principais conceitos do polonês. Os resultados parciais do trabalho apontam para um sistema que impõe à Psicologia uma subordinação à Biologia geral, delimitando entre os fenômenos vitais (físicos, fisiológicos e psíquicos) o papel da Psicologia em estudar os fenômenos psíquicos. Radecki define a Psicologia como uma “ciência dos fenômenos subjetivos”, que surgem como unidades indivisíveis através da confluência de diferentes e concomitantes processos psíquicos. A análise de uma sensação, por exemplo, seria impossível no sentido de uma “sensação pura”, pois paralelamente ao processamento do sistema nervoso ocorrem correlações afetivas, evocação de memórias e juízos que levam à ação no indivíduo. Radecki então propõe que os clássicos termos da psicologia sejam utilizados no Discriminacionismo Afetivo, porém sob uma criteriologia própria que permita a redução do problema através de isolamento apenas metodológico. Assim, o sistema de Radecki se propõe como profundo crítico das teorias psicológicas que tendem à dispersão por focarem em determinados processos ou temas, o que acusa de serem apenas “doutrinas”. Já o Discriminacionismo Afetivo seria um “sistema” propriamente dito por ser capaz de hierarquizar os diferentes processos psíquicos através de uma criteriologia cuidadosa e imparcial, sem privilegiar nenhum fenômeno ou processo em especial. Esta comunicação visa iniciar um esforço para diminuir a barreira de entrada para a compressão do sistema do Discriminacionismo Afetivo e, assim, se for bem sucedida, contribuir para o entendimento desta teoria, ainda tão obscura para a história da Psicologia no Brasil.

Palavras-chave: Discriminacionismo Afetivo, Waclaw Radecki, História da psicologia no Brasil

### Sessão 3 - Psicologia, divulgação científica e novas mídias

#### Atendimento remoto on-line: considerações sobre a prática clínica em psicologia

Jade Vellinha Lemos

Ingrid Vorsatz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho busca situar o atendimento remoto na história da psicologia no Brasil e problematizar o seu uso nos dias atuais. A transposição do trabalho presencial para a modalidade home-office marcou o ano de 2020 com a intensificação do uso de tecnologias no contexto de pandemia da COVID-19. O distanciamento social, uma das estratégias combate do vírus SARS-CoV-2, transformaram a forma de se relacionar no cenário pandêmico. A interação pessoal passou a ser mediada por tecnologias digitais que proporcionam o contato, ainda que virtual. Diante da impossibilidade do contato presencial, psicólogos clínicos encontraram-se frente a um impasse: adotar a modalidade de atendimento online, isto é, virtualmente, ou interromper, sine die, o atendimento clínico. Dada as circunstâncias de alto risco de contágio pelo vírus Sars-Cov-2, sobretudo no início da pandemia quando

inexistiam vacinas contra este vírus de alta letalidade, o atendimento remoto obteve uma visibilidade considerável por tornar-se uma possibilidade neste contexto, mas a que preço? Embora mais evidente nos últimos anos, o atendimento remoto é uma modalidade discutida e estudada no Brasil desde 1998, momento em que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) chegaram ao país estimuladas pelo avanço tecnológico estadunidense. A criação de resoluções pelos órgãos de classe sobre o atendimento remoto vem influenciando e transformando o campo e a história da psicologia. Desde a Resolução nº 003/2000, essa modalidade de atendimento está regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP); contudo, seu emprego servia apenas ao caráter experimental de pesquisa no campo. Para analisar estas mudanças é necessário interrogar em que consistem os atendimentos remotos online. Como principal objetivo, procuramos analisar o impacto da adoção do atendimento clínico online durante pandemia de COVID-19 e a publicação de novas resoluções e regulamentações pelo CFP e pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP- RJ) em relação ao atendimento clínico por via remota. A saber, as Resoluções nº 003/2000, nº 012/2005, nº 011/2012 e nº 011/2018, anteriores à eclosão da pandemia de COVID-19, a Resolução nº 04/2020, em razão da adoção massiva do atendimento clínico online devido a pandemia de COVID-19. Esta última também trata da prática clínica mediada por novas tecnologias. Para tanto, foi realizada uma revisão comentada das resoluções supracitadas a fim de dialogar com o avanço tecnológico e o surgimento das TICs no campo da psicologia. Este percurso tem como finalidade situar a origem destas ferramentas na história da psicologia e como o atendimento remoto vem sendo inserido neste campo. Foram realizados um levantamento e uma revisão bibliográfica sistemática da literatura especializada através da busca em plataformas online de artigos científicos, sendo estas, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), utilizando os descritores ‘atendimento remoto’, ‘atendimento remoto em psicologia’, ‘psicologia e atendimento online’ e ‘pandemia de COVID-19 e atendimento remoto’. Esta revisão crítica da literatura especializada mostrou-se necessária para presente pesquisa, pois tornou-se fundamental problematizar a disseminação das TICs e sua relação com a prática clínica remota no país. A presente investigação aponta para a introdução das tecnologias digitais no campo da clínica psicológica e para a transposição – tanto parcial como total - dos atendimentos presenciais para o ambiente virtual. Como esta é uma prática regulamentada desde 2018 pelo CFP, trata-se de um fazer recente. A prestação de serviços psicológicos por psicólogos foi regulamentada com a Resolução nº 011/2018 que dispunha algumas ressalvas para os psicólogos sendo elas, 1) o cadastro no site do CFP e a especificação do recurso tecnológicos utilizado para esta modalidade e 2) o atendimento remoto por meio das TICs era inadequado em casos de pessoas em situação de emergência e urgência e vedado em situações de desastres, violação de direitos ou de violência. Devido as contingências da pandemia de COVID-19, a Resolução nº 04/2020 criada como solução possível ao distanciamento social, revogou estes artigos. Como esta é uma prática adotada e regulamentada recentemente, seus efeitos em relação ao fazer clínico ainda estão por serem aferidas, e, conseqüentemente, problematizadas entre os psicólogos clínicos.

Palavras-chave: Atendimento psicológico remoto, Pandemia de COVID-19, Clínica psicológica.

**Mídias sociais como ferramenta de divulgação científica da história da psicologia**

Adriana Amaral do Espírito Santo  
Rafael Peçanha da Costa e Raphael Alves Cardoso

A Psicologia, muitas vezes, é divulgada de forma estereotipada e a-histórica, atingindo o público leigo, ou mesmo de estudantes de Psicologia e psicólogos, com olhares pouco críticos. Também não raramente restringe-se à comunicação científica, ou seja, entre os pares, deixando de ser divulgada cientificamente a outros públicos periféricos à universidade. O trabalho ora apresentado relata os resultados do primeiro ano de um projeto que busca refutar esta imagem e colaborar para a construção de uma psicologia mais crítica e histórica, indo para além da comunicação científica. Assim como o ideário modernista, que completa cem anos em 2022, o projeto de extensão desenvolvido ousa romper com alguns padrões estabelecidos, principalmente no que diz respeito ao seu objeto – a saber, a história da psicologia –, quando se propõe a utilizar a linguagem dinâmica de vídeos, divulgados por meio de um canal no YouTube, para fazer divulgação científica de qualidade. Unindo o velho e o novo, o canal, que já existia, vem alcançando resultados significativos após um ano, a partir da implementação de uma nova metodologia, que incluiu: estabelecimento e manutenção da periodicidade de publicações; produção de novos vídeos, mais curtos e com linguagem mais acessível para divulgar as atividades do grupo de pesquisa; padronização estética (vinheta, miniaturas, paleta de cores, playlists, hashtags e legendas para maior acessibilidade); integração com outras mídias sociais, principalmente o Instagram, principal responsável pela divulgação dos vídeos semanais e com interação direta com os seguidores por meio de Stories, Reels e enquetes; lives periódicas. O objetivo é avaliar se e como a divulgação científica por meio das mídias sociais produz resultados significativos que possam impactar a psicologia e sua história. A metodologia utilizada para avaliar esses resultados foi uma análise das estatísticas fornecidas pelo próprio YouTube, que reúne informações detalhadas sobre o tráfego e aceitação dos vídeos publicados. Os dados fornecidos pela plataforma estão sendo relacionados ao conteúdo do vídeo, considerando características como: tema, ator (se é uma personalidade conhecida na psicologia, por exemplo), duração. As análises preliminares mostram que o canal observou um aumento de 56% no número de inscritos. Houve também um aumento significativo no número de visualizações dos vídeos postados, com destaque para as lives, que trouxeram grande movimentação ao canal. A regularidade das postagens vem ajudando a fidelizar os inscritos. Supõe-se que a integração com o Instagram, interagindo diretamente com o público e divulgando os vídeos semanais, seja uma ferramenta que vem ajudando a aumentar o número de visualizações, bem como a estratégia utilizada de mesclar vídeos mais recentes com vídeos do acervo mais antigo, com temáticas e tempo de duração distintos. Esta estratégia fornece mais dinamismo ao canal, atingindo um público mais diversificado. Embora os dados específicos sobre a faixa etária dos seguidores sejam imprecisos, é possível perceber a presença do público entre 18 e 24 anos nos vídeos mais recentes e nas lives produzidas pela equipe. Assim, acreditamos que as mídias sociais produzidas vêm cumprindo um papel de popularizar e deselitizar a psicologia, ao mesmo tempo realizando uma crítica social e histórica e informando seu público sobre temas pertinentes e de grande relevância social, muitos deles ainda pouco discutidos na Academia.

Palavras-chave: história da psicologia, divulgação científica, mídias sociais.

**Portal História da Psicologia: integrando ensino, pesquisa e extensão em história da psicologia**

Andre Elias Morelli Ribeiro  
Universidade Federal Fluminense

A universidade brasileira como espaço privilegiado das elites nacionais passou a ter seu papel questionado por diferentes setores da sociedade que exigiam maior diálogo. A partir da Constituição de 1988, as universidades passaram a ser fundamentadas pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, o que ressignificou seu papel. Postos como aspectos indissociáveis a serem desenvolvidas por estas instituições, à função tradicional universitária, a produção de conhecimentos, adicionou-se novos aspectos de formação e de aproximação e diálogo com as comunidades onde se insere, principalmente por meio da extensão. Um dos lugares onde a extensão pode se desenvolver é a internet, onde a universidade disputa espaço com os chamados produtores de conteúdo, que produzem materiais de diversos tipos, por vezes relacionados com temas caros às pesquisas e ensino universitário. Não acontece diferente com a história da psicologia, cujas temáticas de maior interesse social são por vezes trabalhadas de forma bastante prejudicada em qualidade, com pouco rigor científico. Assim, faz-se relevante a produção de conteúdos de nível acadêmico, num movimento de popularização de ciência e tecnologia, visando a apropriação social do conhecimento científico, essencial para a democracia, para a cidadania e para a qualificação técnico-científico da sociedade. No campo da história da psicologia, para responder esta demanda, foi criado o Portal História da Psicologia, um programa de extensão vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Rio das Ostras e conta com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFF. O Programa congrega três projetos de extensão: o website do Portal, a Enciclopédia Eletrônica de História da Psicologia (WikiHP) e o Canal História da Psicologia TV (HPTV). O presente trabalho apresenta os objetivos e o funcionamento dos três projetos, indicando ao final uma avaliação dos impactos do programa e suas perspectivas futuras. O website mantém links atualizados para as diferentes partes do Portal, incluindo suas redes sociais e a Editora do Portal. Na aba Recursos encontra-se links para obter materiais de estudo e pesquisa primários ou secundários. Na aba Links, ligações com museus, arquivos, sociedades e associações, além de coleções pessoais. O website do Portal é o espaço onde todos os serviços prestados pelo Programa, além de ligações para espaços relevantes para a história da psicologia na internet. Desde sua criação, em janeiro de 2020, o site já foi acessado por mais de três mil usuários diferentes em 121 países, a maioria oriundos do Brasil, o que indica a relevância dos serviços prestados. O Canal História da Psicologia conta com uma equipe voltada para a produção de vídeos ligados à História da Psicologia para serem exibidos em sala de aula como material complementar às aulas e para a divulgação e popularização da ciência psicológica e sua história. Os vídeos são criados após pesquisas conduzidas em fontes acadêmicas e revisadas por pesquisadores da área. O projeto conta com materiais adquiridos com recursos da Proex da UFF e com apoio de bolsas da mesma pró-reitoria. Em maio de 2022, dois anos após sua fundação, o HPTV conta com 1286 inscritos, seus vídeos foram visualizados mais de 36 mil vezes, em mais de três mil horas de exibição de seus 31 vídeos. A origem dos acessos mostra sua relevância acadêmica, com usuários vindos de universidades e instituições de ensino, além de usuários vindos de espaços não acadêmicos, de onde se conclui que os objetivos do Canal estão sendo atingidos. A WikiHP é uma enciclopédia eletrônica online do tipo colaborativa, ou seja, está aberta à edição e aperfeiçoamento constantes pela comunidade. O projeto tem o objetivo a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, então a criação de verbetes é uma estratégia avaliativa dentro de disciplinas de graduação e pós-graduação, de modo que os melhores são publicados na plataforma. A Editora do Portal lançou o e-book WikiHP: políticas, definições, orientações e estilo no intuito de ajudar discentes e outros colaboradores na criação de verbetes. A WikiHP já possui mais de 50 verbetes, incluindo também traduções de verbetes estrangeiros e produções originais. O programa de extensão Portal História da

Psicologia tem atingido seus objetivos e mostra crescimento consistente, constante e mantendo a qualidade de suas produções. Os desafios são vários, e incluem a necessidade de mais recursos – apesar do apoio da Proex/UFF – falta de conhecimento técnico sobre as ferramentas digitais e a falta de materiais para a melhoria da produção dos vídeos, de valor elevado. O Portal História da Psicologia apresenta-se como uma alternativa interessante para a promoção do ensino, pesquisa e extensão em história da psicologia no Brasil.

Palavras-chave: história da psicologia; extensão; extensão em história da psicologia

### **Psicologia não é coaching: Um análise das capturas neoliberais dos saberes e práticas psi**

Lucas Bourdette Ferreira

Gabriela dos Santos Melo Bonfim

Giuliana Volfzon Mordente

Maurício Coutinho Pereira

Paulo Vitor Goulart Gama

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O presente trabalho tem como objetivo discutir a aproximação e, principalmente, a diferenciação dos saberes e práticas psi com o fenômeno do coaching, a luz de uma análise crítica acerca do neoliberalismo. Buscamos explorar o surgimento e contexto em que o coaching se estabelece; as semelhanças com a psicologia, no que tange os saberes utilizados na sua fundamentação; assim como as relações de poder que atravessam a sua atuação. Para esta investigação, como metodologia de pesquisa, foi feita pesquisa bibliográfica pautada nos referenciais teóricos de Dardot e Laval (2016), Rose (2008) e Han (2017). Diante da falta de consenso na literatura a respeito da definição, origem e consolidação da prática do coaching, nos preocupamos em fazer uma delimitação conceitual inicial. Assim, em um primeiro momento, convocamos as reflexões de Silva (2019), que apresenta o coaching a partir de seu foco no desempenho, laboral ou pessoal, com grande responsabilização no cliente, a partir de lógicas de individualização. O surgimento do coaching ocorre em meio a ascensão do neoliberalismo a partir da década de 60. De acordo com Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo se apresenta como um tipo de racionalidade, uma dinâmica de poder que produz sujeitos que conduzem a si mesmo como empresas, a partir da lógica de máxima eficácia. Assim, o contexto que autoriza o surgimento e o estabelecimento do coaching como um campo de saber próprio se baseia em um discurso hegemônico individualizante e meritocrático. Sua prática se orienta a partir do imperativo propagandístico de “sucesso”, impondo ao indivíduo ser a sua “melhor versão” e “dar tudo de si”. Na chamada sociedade do cansaço, limitações ou quaisquer formas de negatividade (da proibição, da coerção, do não- ter-o-direito) tendem a ser abolidas, substituídas por um excesso de positividade. No lugar da proibição, do mandamento, da lei e repressão, temos a era do “yes, we can”, do projeto, da iniciativa e da motivação. A positividade do poder se torna bem mais eficiente que a negatividade do dever. Os adoecimentos psíquicos dessa sociedade de desempenho são as manifestações das pressões infinitas em corpos finitos. Assim, em uma sociedade em que se demanda metas impossíveis, são produzidas novas formas de sofrimentos endêmicos para aqueles desviantes do modelo ideal de sujeito empreendedor: surge o sujeito paralisado da depressão e o sujeito esgotado do burnout. Diante disso, apresentamos a seguinte indagação: por que psicologia e coaching se confundem no senso comum? Tendo em vista a constituição histórica do coaching enquanto prática dentro do contexto neoliberal e a

própria consolidação da Psicologia hegemônica enquanto uma ciência do indivíduo (ROSE, 2008), apresentamos uma análise sobre como a noção de individualizante de sujeito poderia ser uma pista para a “confusão” entre ambos os campos. Apostamos na relevância investigativa deste estudo, tendo em vista a escassez de produções que analisem a relação da psicologia e do coaching de forma crítica, em dissonância com o rápido crescimento e disseminação da prática do coach. Desse modo, defendemos que psicologia não é coaching, pois, embora possa ser utilizada em prol dos interesses neoliberais, promovendo a adequação dos sujeitos à ordem estabelecida, existe uma multiplicidade de psicologias (no plural). Destacamos aqui a consolidação de uma psicologia crítica, alinhada ao compromisso de transformação social, que questiona a subjetividade neoliberal e considera a dimensão política, econômica e social - bem como questões de raça, gênero e classe - presentes no sofrimento psíquico. No mais, diferentemente do coaching, os psicólogos estão submetidos ao Código de Ética (CFP, 2005) e possuem uma prática regulamentada. O nosso compromisso com a promoção da saúde e com o bem-estar físico, psicológico e social dos indivíduos, demonstra uma incompatibilidade com a prática do coaching, uma vez que suas bases estão ancoradas em lógicas de maximização do capital humano e aprimoramento do desempenho, produtoras de alienação coletiva. Como podemos disputar narrativas emancipadoras, em tempos em que tudo parece o mesmo? Como pensar a prática e legitimar o exercício de uma psicologia que aposte na produção de uma vida digna?

Palavras-chave: coaching, psicologia, neoliberalismo, psicologia crítica.

### **Gastão Pereira da Silva e João Peregrino Jr. e alguns exemplos de divulgação de teorias médico-psicológicas em revistas cariocas**

Ede Conceição Bispo Cerqueira  
Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes  
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Nesta comunicação, analisaremos o papel desempenhado por dois intelectuais brasileiros – os médicos e escritores João Peregrino Jr. e Gastão Pereira da Silva – que atuaram como mediadores culturais de teorias médicas e psicológicas, em revistas cariocas da década de 1930. O primeiro deles, João Peregrino Jr., participou ativamente da divulgação da teoria sobre os temperamentos do médico alemão Ernest Kretschmer, por meio de revistas e livros de divulgação. Neste texto, analisaremos a coluna assinada por ele, Block Notes, na revista Careta. Procuramos observar como Peregrino Jr. apresentou as teorias de Kretschmer para leitores não especializados em medicina, em uma linguagem clara e didática, ao mesmo tempo que aplicava tais teorias aos debates locais a respeito dos estudos sobre a personalidade e a obra de escritores e artistas e, também, sobre a relação entre medicina e literatura (ciência e arte). Para Peregrino Jr., as análises de Kretschmer sobre os tipos de personalidade e sua influência na produção artística poderiam ser aplicadas na elaboração de críticas, na literatura e nas artes plásticas, como também na escrita de estudos biográficos médicos e psicológicos, que se popularizavam no período, tornando-os mais completos do que aqueles embasadas em outras correntes médicas e psicológicas. Paralelamente, ele considerou que os médicos estariam mais aptos a desenvolver este tipo de literatura de divulgação, que empregava uma “tecnologia científica”, que os demais escritores.

No caso de Gastão Pereira da Silva, ele foi um dos principais divulgadores das teorias de Freud em revistas de grande circulação e em livros, na década de 1930. Esta comunicação está centrada em uma série de onze artigos publicados por ele na revista O Malho, em 1935 e 1936, sob o título geral de

“As curiosidades da psicanálise”. Nelas, Gastão apresentava algumas das teorias psicanalíticas de maneira didática, com uma linguagem simples e usando exemplos do cotidiano. Ao fazer isso, ele contribuiu para que conceitos freudianos, como o complexo de Édipo, os lapsos e a análise dos sonhos, alcançassem um público mais amplo e não especializado. Além disso, em duas das colunas, o autor analisava os artistas, utilizando a teoria da sublimação e concluindo que o artista “realiza na vida psíquica o que não pôde conseguir na vida real”. Desta maneira, Gastão e Peregrino Jr. utilizaram seu espaço em revistas de grande circulação para tratar de temas relacionados à arte e à literatura a partir de determinadas teorias psicológicas, defendendo seu direito de contribuir para a discussão desses temas a partir de sua posição de médicos.

Desta maneira, vemos como estes dois médicos e intelectuais se utilizaram de veículos de grande circulação para expor, traduzir e explicar teorias médico-psicológicas originariamente publicadas na língua alemã, produzindo assim leituras específicas dessas teorias com o intuito de legitimá-las, em primeiro lugar, e contribuir para a sua popularização. Os autores também contribuíram fortemente para a formação de um público leitor mais amplo, interessado em questões psicológicas e em aprimorar seu autoconhecimento, em um contexto em que outros autores estavam publicando obras sobre a temática psicológica, seja no campo propriamente dito da psicologia ou mesmo em romances literários, movimento que também foi incentivado pelas editoras do período.

Palavras-chave: Intelectuais mediadores, divulgação, Peregrino Jr., Gastão Pereira da Silva, teorias psicológicas

### Emilio Rodrigué e o grito primal

Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes  
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Esta comunicação busca apresentar alguns elementos da trajetória profissional do psicanalista argentino Emilio Rodrigué no início da década de 1970. É possível dividir a longa trajetória profissional de Rodrigué em dois grandes períodos: o primeiro vai de 1943, quando ele começou a fazer análise em Buenos Aires, até 1968, quando ele deixou a presidência da Asociación Psicanalítica Argentina (APA). Este período foi marcado por um movimento de inserção do autor em instituições e correntes psicanalíticas freudianas ortodoxas, o que podemos chamar de “Tradição” psicanalítica; já após 1968, sua trajetória foi marcada pela recusa em participar de instituições oficiais, pela crítica às mesmas instituições e correntes às quais havia se vinculado anteriormente e pela incorporação de novos referenciais teóricos para suas práticas terapêuticas, além da escrita de vários livros em um tom pessoal, que combinam elementos literários, autobiográficos e psicanalíticos. Além disso, Rodrigué se estabeleceu definitivamente em Salvador, Bahia, no início da década de 1970, atuando como analista e na formação de outros psicanalistas. Ele viveu e trabalhou na capital baiana até sua morte, em 2008.

Ao se estabelecer em Salvador, Rodrigué trazia, por um lado, sua experiência obtida na APA e em sua formação com Melanie Klein, na Inglaterra, como um importante psicanalista das escolas mais ortodoxas. Mas, ao mesmo tempo, ele utilizava outras terapias, combinadas com a psicanálise, em seu trabalho, que, nesse sentido, se diferenciava bastante da psicanálise freudiana mais ortodoxa praticada em sua época. Entre as outras terapias assim citadas, podemos encontrar o psicodrama, a bioenergética, as terapias reichianas, a Gestalt e o grito primal. Um exemplo dessa combinação de terapias é o caso do atendimento de um jovem psiquiatra baiano, Hélio de Castro, apelidado por Rodrigué de “Dorado”.

O caso é narrado no livro *O paciente das 50.000 horas*, publicado em 1978. Após alguns episódios de dramatização, Rodrigué sugeriu a Dorado que “assustasse seu pênis”. A sequência da narrativa necessita ser transcrita integralmente, revelando a mencionada cura em 90 minutos pelo grito:

Dorado olhou para seu púbis, franziu a testa, inclinou o rosto e disse para o pênis que ia cortá-lo em pedacinhos com uma gilete. Que fincaria agulhas. Falava com voz zangada e de modo suficientemente ameaçador para que meu escroto (contratransferencialmente) se franzisse em sinal de alarme. Tive vontade de por as mãos nas virilhas, dobrar o corpo e gritar uuuuuuu! Dramatizei essa vivência e pedi a Dorado que fizesse o mesmo.

Houve uma transformação na metade da representação, quando Dorado iniciou o grito. Deu para perceber um movimento que começou no baixo ventre e que ficou em suspenso na metade da garganta. Seu rosto ficou desfigurado enquanto continuava preso no uivo que o afogava. O grito estrangulado levou muitos segundos para sair num acesso de tosse que convulsionava seu sufoco, vindo com náuseas, ânsias e baba. Vomitou.

Corri para abraçá-lo quando o grito ficou preso na garganta e tive a necessidade imperiosa de dar-lhe o máximo de amparo físico possível; um contato envolvente mas que permitisse a entrada de ar. Com uma mão eu sustentava sua testa; com a outra, massageava a nuca e a base do pescoço.

Mas o acesso de tosse não pôde impedir o grito mais dilacerante que os vizinhos jamais ouviram, interminavelmente longo e selvagem, o próprio uivo da angústia de castração.

Eu percebia que seu corpo, apavorado a princípio, ia-se acalmando, com a avalanche de angústia gritada. Estatelou-se no chão; eu o protegia.

Ficamos assim alguns minutos sem dizer nada. Em silêncio, alguém trouxe um pano para limpar a baba. Um outro limpou a boca de Dorado. Todos nós nos recuperávamos da cena demonológica.

Alguns elementos que chamam a atenção nesta narrativa: embora a fundamentação teórica da cena fosse psicanalítica, a partir da ideia da “angústia de castração”, o processo terapêutico utilizou várias outras técnicas, como o psicodrama, o grito primal e as terapias corporais de base reichiana; a intensidade do acontecido surpreendeu e preocupou o próprio Rodrigué, que comentou depois que “estava com medo de ter ido longe demais”, de que a experiência tivesse se aproximado da morte e, por fim, a ideia que é repetida mais à frente, de que esse processo produziu uma “cura” de Dorado: “aos poucos, Dorado foi relaxando e sua distensão terminou com um soluço profundo em que certamente chorava por toda a angústia vivida momentos antes e, se assim podemos dizer, por toda a angústia do passado”.

Nesta comunicação, aprofundaremos mais, entre as terapias que Rodrigué combinou com a psicanálise, a teoria do grito primal, que teria permitido, segundo o autor e o paciente, uma “cura de 90 minutos”.

Palavras-chave: psicanálise, grito primal, Emilio Rodrigué

## Sessão 4 - Psicologia e análises políticas e sociais

### A experimentação de pesquisa em psicologia com juventudes faveladas

Raiane Barreto Teixeira Gonçalves Pereira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O presente trabalho apresenta de forma lacônica a experiência de uma pesquisa de mestrado concluída em 2021. Nosso objetivo foi acompanhar e cartografar a relação de jovens residentes do

Morro da Providência com a cidade e, como a partir dessa relação, eles/as produzem subjetividades. Enquanto pesquisadora e moradora desse campo, também afrouxamos algumas fronteiras que se misturam no cotidiano dessa experiência de pesquisa. Compreendendo que as juventudes faveladas, são, majoritariamente associadas a discursos que as estereotipam e generalizam suas vivências, a pesquisa buscou trazer suas narrativas enquanto produtores/as de conhecimento. Tomamos a cidade pela formulação do comum proposto por François Jullien (2009) que diz respeito ao lugar da partilha e não é sinônimo de conceitos como uniforme e universal. É através desse comum que pensamos em uma outra enunciação sobre a cidade, pois como coloca Milton Santos: “Falta o discurso coerente da cidade, pois o discurso incoerente, fragmentado e analiticamente indigente, já existe.” (SANTOS, 2014, p.161). O aporte teórico-metodológico que sustentou o bojo desta pesquisa foi a cartografia psicossocial (Guattari & Rolnik, 2013). Entendendo-a como uma postura em campo que nos viabilizou acompanhar processos e produzir em conjunto com nossos/as interlocutores/as tal produção de conhecimento. Proposta por Félix Guattari (2017), a cartografia psicossocial emana de um paradigma ético-político conhecido como ecosofia. A partir desse paradigma nos distanciamos de uma subjetividade entendida como algo individual e essencialista para compreendê-la em termos de produção, na qual coexistem o individual e social, não sendo portanto, uma elaboração dualista. Tomando a subjetividade enquanto processo composto por instâncias individuais e coletivas que se manifestam enquanto território existencial auto referenciado na relação com a alteridade que elucidam as múltiplas conexões entre diferentes máquinas de agenciamento (Guattari, 2017) Nossos/as interlocutores/as são juventudes faveladas, que por meio de uma estetização perversa (Souza, Barbosa e Simão, 2020) experienciam as desigualdades no seu acesso à cidade e na garantia de seus direitos, ou na falta deles. Utilizamos as conversações como recurso metodológico, destacamos que estas conversações não são uma simples transmissão e/ou coleta de dados. Foi através dessas conversações que parte das juventudes do Morro da Providência enunciaram suas experiências pelo tecido da cidade, e visibilizam que seu cotidiano e seus trajetos são formas de ocupar e estar na cidade que compõem essa polifonia das experiências e das relações que se compõem no território. A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada. (GUATTARI, 2017, p.14, grifo nosso) Diante das conversações foi possível acompanhar que no cotidiano das juventudes do Morro da Providência existe uma reivindicação do uso do espaço para além de uma lógica do capital. Os/as jovens discorreram sobre sua relação com a cidade a partir da cultura e do lazer, da educação, da violência, do medo que sentem, entre outros. Isso corrobora com a proposição de Guattari supracitada, pois vemos uma reivindicação do uso do espaço que não se sujeita a uma imposição capitalista, mas reinventa e ocupa a cidade de formas singulares e autênticas. Por intermédio dos trajetos e trajetórias destes jovens sentimos a possibilidade de construir um outro discurso sobre a cidade, como Santos (ano) defendia. Um discurso e um espaço da partilha e da participação política que François define. Essa pesquisa, portanto, foi uma prática de pesquisa em psicologia que se interessou em visibilizar a relação que produzimos com o território e como o desejo de pertencê-la, usufruí-la e construí-la se entrelaça entre os territórios existenciais e urbanos. Com esta pesquisa, foi possível evidenciar que, ao agenciar sentidos com nossos/as interlocutores/as, visibilizamos que: Produzir coletivamente o desejo pela cidade é algo possível e assim, possibilitamos nos reconhecer, habitar e nos sentirmos parte desse território. A

concretude dessa pesquisa ressalta a construção coletiva na qual essas juventudes, ao falarem da sua experiência na cidade, enunciam modos singulares e polifônicos de existência. (Pereira, 2021, p.121)

Palavras-chave: Juventudes; Favela; Cartografia Psicossocial; Produção de Subjetividade

### **Subjetividades en primera línea: Aspectos de la subjetividad que sostienen la actual actitud objetora de la juventud contemporánea. Caso PRIMERA LÍNEA EN COLOMBIA.**

Carlos Alberto Rincón Oñate

Universidad Cooperativa de Colombia

Los últimos años la movilización social en Latinoamérica ha sido motivo de muchos titulares de diarios y noticieros de televisión, toda vez que la masiva participación y sobre todo, la violencia con que se han enfrentado las marchas y los plantones por parte de los aparatos del estado, hacen que no pase desapercibido este tipo de situaciones. Chile, Bolivia, Ecuador y Colombia han descollado por una gran masa social que se da cita en las calles para protestar por razones que, a la luz de las reivindicaciones, permiten entender razones claramente similares. Dichas exigencias tienen a los jóvenes como protagonistas. Sin embargo, las lecturas que se realizaban desde diferentes orillas de las ciencias sociales y humanas afirmaban que, una de las grandes apuestas de un modelo neoliberal era precisamente incidir en la movilización social y la formación política de los jóvenes. Resulta esencial referirnos a la incidencia que tuvo la movilización estudiantil en los años 70 y 80, que, para el caso colombiano, permitieron la participación en distintos tipos de organizaciones sociales, culturales, políticas e insurgentes. Dicha incidencia en la formación actual, va de la mano no solamente con esta “despolitización”, sino con una insidiosa presión sobre proyectos de orden económico y financiero, que, desde lo académico, pretenden incidir en la formación crítica. Sin embargo, el “estallido social” presentó algo fundamentalmente diferente. Nunca antes en la historia del país, una movilización social tan arrogante en sus dinámicas y en su persistencia, había tenido escenario. Allí emerge un sujeto social que toma el nombre de “primera línea” y que se erige como protagonista, o mejor como antagonista de la pretensión neoliberal y que interroga de buena manera a los estudiosos del fenómeno social. ¿Qué le dice este sujeto contemporáneo con su actitud objetora a dichos estudiosos y particularmente a la psicología? El lugar del joven en la estructura y la dinámica social ha sido un fenómeno que interpela a diferentes disciplinas, las cuales, intentando dar cuenta del fenómeno cultural o económico, lo presentan en ocasiones como actor marginal o en calidad de sujeto más bien pasivo del acontecer histórico. Sin embargo, una mirada más queda, nos dirá que han sido los jóvenes, los protagonistas de momentos históricos que quedan como hitos en la recordación de las sociedades. El contexto colombiano y la denominada guerra sucia, el fenómeno del paramilitarismo y la muerte sistemática de líderes y lideresas, hizo que la movilización social en los 90 y el inicio del milenio fuera ensombrecida por un fenómeno emocional, el miedo, que opacó la naciente democracia participativa anunciada en la nueva constitución. Sin embargo, y este es el elemento particular que llama la atención, la segunda década del segundo milenio, ve cómo los jóvenes encabezan la movilización social en una reacción que, acompañada por las redes sociales, permite no solamente una presencia clara, sino una injerencia significativa; que trasciende lo meramente nacional y se instaura como fenómeno latinoamericano. Entendiendo que es un fenómeno novedoso y que irrumpe de manera violenta, acompañado con significantes como el de vándalos o extremistas, no puede soslayarse el hecho de que se convierte en un hecho significativo por su carácter masivo, su forma organizativa novedosa y sobre todo, por estar acompañado de manifestaciones estéticas que le imprimen no solamente una forma particular, sino un

fondo importante como hecho político, social y cultural de contenido. ¿Cuál es dicho contenido? Analizar conjuntamente con jóvenes participantes del llamado "estallido social", algunos elementos de la subjetividad comprometidos en su participación como vía para reconocer la emocionalidad juvenil contemporánea en el contexto social. Los nuevos acontecimientos sociales, las movilizaciones y la participación de los jóvenes en ellos permiten acercarnos a un fenómeno latinoamericano en el cual sus motivaciones se convierten en fundamento de una irrupción que, si bien ha sido violenta, también se acompaña de otros correlatos como la dinámica estética contenida en la pintura, la música o el baile, sin dejar de lado el importante lugar de la virtualidad y el acompañamiento que hacen otros sectores de la sociedad a dicha irrupción. Tenemos en suma un fenómeno social, cultural, político y estético que cuestiona a las ciencias sociales y políticas y que para la psicología no resulta ajeno, toda vez que interpela algo de la subjetividad contemporánea que se vislumbra con nuevas formas y nuevos discursos. Metodología Basada en la IAP, busca una participación protagónica de los jóvenes en cuatro momentos: **CHARACTERIZACIÓN:** Revisión documental y entrevistas de campo para realizar un corpus de **CHARACTERIZACIÓN** inicial como marco general de sentido sobre la subjetividad juvenil y el estallido social. **CONVOCATORIA Y PRIMEROS GRUPOS FOCALES:** Convocatoria y construcción de tres grupos focales en tres barriadas para poder discutir con los jóvenes el documento resultante del momento anterior. **CONSTRUCCIÓN DE HERRAMIENTAS Y SEGUDOS GRUPOS FOCALES:** Se construirá una guía de entrevista semiestructurada con los jóvenes que permita un segundo levantamiento de la información con grupos amplios de jóvenes en las barriadas. **ORDENACIÓN Y CATEGORIZACIÓN.** Sistematización de la información y la realización de reuniones en las barriadas para discutir los resultados.

Palabras clave: subjetividad, actitud objetora, jóvenes, primera línea, estallido social.

### **Adoecimento psíquico e vulnerabilidade no contexto da assistência social**

Amanda Pinho Nunes da Silva Pereira

Ingrid de Mello Vorsatz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a atuação do psicólogo em um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do município de Queimados - cidade do Rio de Janeiro. Como psicóloga e trabalhadora da Assistência Social, constato a dissonância entre a atuação profissional na área e a estruturação da política pública de assistência social atual, que, ao garantir o mínimo para a sobrevivência das pessoas em vulnerabilidade social, o faz desconsiderando a relação intrínseca entre adoecimento psíquico e vulnerabilidade social. O objetivo é o de problematizar a práxis profissional em consonância com a atual política neoliberal, caracterizada pela defesa de uma moral normativa e supostamente cristã, ancorada na concepção de uma “família tradicional brasileira” e de um “cidadão de bem”. A metodologia adotada é de caráter qualitativo e interpretativo, operacionalizada através da coleta de dados das diferentes composições familiares dos usuários em situação de extrema pobreza inscritos no Programa de Atenção Integral à Família (PAIF); temos até o presente momento, uma amostra de 71 famílias inscritas no programa, que tem por objetivo fortalecer vínculos familiares, bem como prevenir situações de risco e vulnerabilidade social. Os dados serão coletados através da leitura dos sumários que identificam cada família do PAIF - registros dos profissionais sobre os atendimentos individualizados compostos por identificação de cada membro familiar, etnia, idade, grau de

escolaridade, demanda trazida ao dispositivo e conduta adotada pelo profissional. Dados como encaminhamentos para a rede de saúde mental e seus desdobramentos serão comparados com atendimentos em que o foco se deu apenas sobre o suprimento das demandas de caráter emergencial, como doação de cesta básica ou retirada de documentação civil. Os escritos de Sigmund Freud ditos sociais serão utilizados para relacionar a problemática entre laço social e adoecimento psíquico, em diálogo com autores contemporâneos tais como Wladimir Safatle e Christian Dunker, que procuram ampliar a visão crítica do modelo neoliberal relacionando-o às diversas expressões do mal-estar contemporâneo, como os altos índices de crises de ansiedade e depressão. Já as considerações de Philippe Ariès permitirão a contextualização das transformações da noção de família ao longo dos últimos séculos. Para relacionar a pluralidade das composições familiares com a discrepância econômica entre elas, é necessário reconhecer que nossa profunda desigualdade social é fruto de um processo histórico - marcado por um passado escravocrata e por um golpe militar que instaurou uma ditadura no país entre os anos de 1964 a 1985, cujas formas de violência e de opressão podem ser rastreadas até o tempo presente - e vem sendo ampliada pela flexibilização das leis trabalhistas, pelo desgaste das condições laborais dos trabalhadores autônomos, pela falta de investimentos em educação, em saúde e pela redução das políticas públicas de enfrentamento e combate à fome. Diante disso, é preciso problematizar a atuação do psicólogo no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que - criado em 2005 e tornado lei em 2011 - não recebeu investimentos suficientes para resguardar o direito à cidadania dos seus usuários, dessa forma, a inépcia do Estado em promover a reparação das questões históricas que permeiam a situação de pobreza e marginalidade, gera para além de situações de extrema pobreza, adoecimento psíquico. Conclui-se, então, que sem o questionamento permanente sobre o modo de intervenção profissional, o psicólogo corre o risco de, por um lado, sucumbir a um conservadorismo refletido em preconceitos e por outro, reproduzir um fazer mecânico cujo objetivo é somente assegurar as necessidades básicas à sobrevivência. Embora seja essencial atender às demandas materiais destes usuários, a proposta aqui apresentada é que o profissional tenha uma escuta para além do que é considerado o mínimo necessário à sobrevivência, permitindo acolher o sujeito em sofrimento e refinar o fazer profissional no âmbito do CRAS de modo ético - considerando a pluralidade das existências e modos de ser dos usuários, assim como diversidade de configurações familiares que se apresentam no cotidiano do trabalho.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social, Adoecimento psíquico, Política pública, Assistência social.

### **Ensamblajes sobre la subjetividad del insurgente liberal en la época de la Violencia en Colombia**

Joan Sebastian Soto Triana

Fundación Universitaria Los Libertadores

El escrito muestra la manera en que la representación del insurgente liberal en la época de la Violencia en Colombia -década de los 50's del siglo XX-, se ve constituida por una serie de procesos de intereses traducidos en diferentes niveles de la política local, nacional e internacional. Con la ayuda de los conceptos derivados de los estudios sociales de ciencia y tecnología, se propone la materialidad de los discursos desde la perspectiva del ensamblaje que recoge las nociones de la traducción de intereses de la teoría del actor-red de Latour (1992) y la política de los usos de la tecnociencia de Winner (1983) con los elementos de co-producción de Jasanoff (2004) para comprender la manera en que desde

diferentes discursos se genera una imagen pública del insurgente en la década de los 50's del siglo pasado en Colombia. El concepto de subjetividad se propone desde la perspectiva de Michel Foucault (2004) que permite la comprensión de los dispositivos que atraviesan las prácticas de saber y verdad que se inscriben sobre ciertos sujetos en la sociedad a partir de la institucionalidad, en este caso del Estado y gobiernos de la época. Como sugiere Ferreira (2011), los dispositivos sociales se encuentran permeados por elementos sociotécnicos que hacen parte de los saberes psi y que definen al sujeto, lo que proyecta dispositivos de control que operan en diferentes niveles de la sociedad, en este caso sobre el insurgente, su imagen y su lugar en el discurso de la sociedad colombiana de los años 50's en Colombia. A partir de la revisión documental de fuentes primarias, secundarias y entrevistas, se observa la estabilización de un ensamblaje socio-técnico que describe la subjetividad del insurgente como un individuo rebelde, antisocial y desviado, esta noción produce arreglos jurídicos y disposiciones institucionales para ejercer el control sobre sus acciones y su influencia en la política de las localidades. Se generan políticas de persecución sobre los individuos, sus acciones y la ideología que soportan con el objetivo de mantener el control desde la institucionalidad y generar dispositivos de persuasión para otros sectores de la sociedad que mantengan el control sobre las ideas y comportamientos “normales” que se esperan del ciudadano. Se discute la pertinencia de algunos conceptos traídos de los estudios sociales de ciencia para el rastreo y configuración de la red del ensamblaje y el análisis de la subjetividad. Entre ellos se hace énfasis en la necesidad de visibilizar las redes que conectan los elementos políticos internacionales con las localidades y la traducción de intereses de poder que se sostienen en la idea de control y dominación de ciertos sectores populares de la ruralidad en la época en Colombia. Se aprecia la pertinencia de la utilización de las herramientas derivadas de la teorización foucaultiana para dar cuenta de cómo los intereses de Estado y sociedad remiten a la construcción de una imagen del insurgente como individuo “anormal” y “desviado”, que influenciado por discursos subversivos conectados con ideologías comunistas quiere perturbar el orden social y la jerarquía de las relaciones para generar caos y miedo en los espacios sociales. Estas consideraciones discursivas son criticadas y discutidas por ser argumentos construidos sobre la base de una política internacional que se vincula con el propósito de los gobiernos nacional y local para legitimar su accionar ante los reclamos de las personas sobre su situación social.

Palavras-chave: Subjetividad, Insurgencia, Conflicto Colombiano, Violencia, Estudios Sociales de Ciencia.

### **O perfil psicológico do subversivo urbano no Peru: a apropriação da psicologia pelas Forças Armadas brasileiras para o estudo do Sendero Luminoso**

Juberto Antonio Massud de Souza

Letícia Oliveira Silva

Universidade Federal da Grande Dourados

O trabalho a ser apresentado tem como objetivo central apresentar a análise do documento “O perfil psicológico do subversivo urbano no Peru”, a partir da pesquisa para a Tese de Doutorado intitulada “Os ásperos tempos da psicologia: do fechamento de espaços institucionais à luta revolucionária durante a ditadura empresarial-militar”. Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético, recompomos, no plano teórico, parte do movimento real que fez com que esse documento fosse a expressão ideológica das relações existentes entre a repressão militar e a psicologia no Brasil em período de distensão da ditadura na política nacional. Para tal, reconstruímos

historicamente, o movimento real que serviu como base para que se tornasse necessária a tradução de um estudo, que culminou com a elaboração de um perfil psicológico, realizado pelas Forças Armadas peruanas em uma instituição das forças repressivas do Estado brasileiro. O documento, datado de 1989, estava nos arquivos do Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão de inteligência e de centralização de informações da ditadura civil-militar brasileira. Data, portanto, de período em que o pacto das elites de 1985 já havia retirado a máscara mais feroz da repressão e trocado por uma com características suavizadas, que se expressaria mais nitidamente com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Por um lado, a mudança na aparência mostrava certa abertura e tolerância no campo político, em que a forma democrática de dominação de classe no Brasil resultou de um processo lento, seguro e gradual, com a passagem do poder executivo dos generais a um presidente civil eleito de forma indireta. Por outro, significou a manutenção da reprodutibilidade dos aparatos de repressão durante a democracia depois de impulsionada pelo processo de modernização conservadora nos anos ditatoriais. O processo de transição foi um acordo pactuado entre as elites econômicas para obter fins que a instrumentalidade militar já não poderia mais conseguir. No entanto, a preocupação dos militares continuava intocada, assim como parte da articulação com psicólogos dentro de espaços de repressão do Estado. O impedimento de que as forças radicais de esquerda, especialmente aquelas que possuíam um projeto de transformação revolucionária da sociedade, e não de pactuação com as classes dominantes, não ganhasse novo fôlego e incitasse as massas a nova radicalização era candente. A mais importante guerrilha da América do Sul no século XX, impulsionado Pelo Partido Comunista do Peru (PCP), conhecido como Sendero Luminoso, causava preocupações às Forças Armadas brasileiras. A coordenação de forças repressivas no continente, incluindo psicólogos à serviço das Forças Armadas, teve como objetivo impedir nova ascensão de formas mais combativas de luta. Não por acaso, Alberto Fujimori (1938 -), ditador terrorista da burguesia peruana articulada com o exército norte-americano, levaria a cabo o sequestro e a eliminação física de milhares de revolucionários na década de 1990. Neste sentido, o documento “O perfil psicológico do subversivo urbano no Peru” mostra parte da institucionalização e circulação das ideias e práticas psicológicas, e as áreas que ocupou no interior da manutenção da ordem no Brasil em seu processo de modernização conservadora da sociedade e da psicologia nacional, articulada com interesses estrangeiros que convergiam na repressão às forças revolucionárias. Concluímos que a modernização conservadora do Estado brasileiro durante os anos de ditadura empresarial-militar, articulada com outras ditaduras latino-americanas e financiadas com capital norte-americano, se refletiu também em um processo de modernização conservadora da psicologia brasileira, que se apropriou do trabalho de psicólogos estrangeiros ligados à repressão e, conseqüentemente, criou seu próprio aparato de colaboração com as Forças Armadas.

Palavras-chave: Perfil psicológico; história da psicologia; luta armada; ditadura militar; materialismo histórico-dialético.

## Sessão 5 - Mulheres e Relações de gênero como perspectiva de análise na História da Psicologia

### Contribuições dos Direitos Humanos e epistemologia feministas e decoloniais para pensar sobre a ética na pesquisa em História da Psicologia

Josiane Sueli Béria  
Fernando Andres Polanco

As teorias decoloniais, como outras teorias, fizeram uma série de críticas, por um lado, sobre a modernidade em si e, por outro lado, pelo modo em que esta é entendida pelos centros acadêmicos ocidentais, especialmente da Europa e da América do Norte, mas também de lugares da periferia ocidental que reproduzem esses discursos construídos desde estes centros. Dentro destas apreciações existem diversas vias de reflexão sobre a modernidade, entre as quais a ética é a que nos interessa abordar neste trabalho. Especialmente, a respeito do que- fazer das pessoas que investigam a História da Psicologia e como este atravessa a dimensão humana e sua dignidade. Especificamente, busca pensar sobre os padrões de dominação social, imersa em uma geopolítica diferencial que recategoriza, em uma base hierárquica, seres humanos e suas produções materiais e simbólicas, e como isso pode e deve ser visibilizado por uma historiografia da Psicologia. Para tal, o trabalho se divide em dois momentos metodológicos: o primeiro é o resgate de métodos, instrumentos, técnicas, estratégias e incorporados nas investigações em História da Psicologia, respondendo à categoria do ethos da comunidade científica deste campo; e em um segundo momento, à luz do encontrado, reflexiona a respeito através de documentos vinculados aos direitos humanos e dos aportes das epistemologias decoloniais e feministas, reconhecendo seu potencial analítico para repensar a História da Psicologia desde uma dimensão vinculada à noção de dignidade humana. Essa proposta, parte do entendimento de que não é possível a existência de justiça global sem a existência de justiça cognitiva global, algo com o qual a História da Psicologia pode aportar desde seu lugar e espaço acadêmico. Principalmente, quando entendemos a importância de que determinados grupos, historicamente invisibilizados, se convertam em objeto de investigação passando a serem reconhecidos seu lugar na construção de conhecimento que lhes foi negado durante séculos. Algo que responde eticamente em duas direções resgatar esses grupos relegados, mas também, contar uma história mais representativa de sua diversidade e em conformidade aos fatos ignorados pelos olhares atravessados e cegados pelo paradigma eurocêntrico. Isso responde não somente a um ato de isonomia para com determinados grupos, mas também com um ato de justiça com a própria História da Psicologia. Como resultados preliminares podemos destacar que: 1) existe uma diversidade de propostas de especialistas, principalmente considerando a historiografia crítica, que podem ser articuladas a noção de direitos humanos e práticas éticas; 2) Se pode observar relações entre os debates realizados no entorno social de algumas destas propostas; 3) emergiu, nas últimas décadas, debates em torno a valorização das histórias locais e uma crítica às histórias centrais com pretensão de serem universais; também nas últimas décadas; 4) emergiram debates em torno do resgate de grupos invisibilizados na história da psicologia, principalmente mulheres; 5) Constatou-se que existem preocupações éticas na investigação da História da Psicologia, no entanto, não foi possível encontrar nas bases de dados consultadas publicações específicas destinadas a este tema, nem apartados específicos sobre ética ao interior das publicações em História da Psicologia, demonstrando a pertinência deste debate.

Palavras-chave: História, Psicologia, ética, gênero, decolonialidade

**Un retrato crítico de la obra "La inferioridad mental de la mujer" de Paul Julius Mobius (1900)**

Fernando Andres Polanco  
Josiane Sueli Beria  
Universidad Nacional de San Luis.

En el último cuarto del siglo XIX, junto con el nacimiento de las primeras ideas de la psicología moderna occidental, se dieron en algunos países europeos, luchas por la emancipación de las mujeres. Donde partidarios y detractores, desarrollaron argumentos basados en diferentes fundamentos de los campos de poder de la época, que iba desde lo religioso, base en creencias y referencias bíblicas, hasta el científico, con conocimientos provenientes de los campos biológicos, fisiológicos, mentales, entre otros. En lo que dice respecto a este último, bajo los principios de la mente sexuada propuesta por Henry Maudsley, en 1874, se gestaron diferentes obras que intentaban conceptualizar al respecto de: cuáles eran las capacidades mentales de la mujer; cómo estas se diferenciaban de las del hombre; y, que implicancias tenía esto en las funciones sociales que correspondían a cada sexo. Por lo antes mencionado es que en el presente estudio, realizamos un análisis historiográfico de la obra *La inferioridad mental de la mujer* de Paul Julius Mobius, quién, inicialmente, realizó estudios en filosofía y teología, pero luego se inclinó por la medicina, siendo a partir de 1879 neurólogo y electroterapeuta. Entre 1883 y 1893, impartió clases en la Universidad de Leipzig, siendo contemporáneo de Wilhelm Wundt. Partiendo de la historia de la psicología, como historia crítica, con base en los aportes del feminismo decolonial, el presente trabajo, además del análisis a la referida obra, realiza una revisión de obras referenciadas en ella. Analizándolas a la luz de algunas bibliografías secundarias antecedentes, que desde otros campos y miradas, incluyeron el análisis sobre la obra, el autor y su contexto de producción. Presentamos como resultados, primeramente, el desarrollo de una breve biografía del autor. Este nació en una familia de intelectuales de clase alta acomodada -Bildungsbürger- de Leipzig. Su padre era profesor de secundaria clásica; mientras que sus dos abuelos fueron profesores de la Universidad de Leipzig; siendo su abuelo paterno, director del observatorio y creador de la banda de Mobius; y el materno, un especialista en el campo del derecho. Después de haber seguido los pasos de sus abuelos y trabajado en la misma universidad, se dedicó por completo al trabajo privado y a la realización de diversas publicaciones científicas de envergadura del campo de la medicina y la neuropsiquiatría. En segundo lugar, podemos destacar lo propio de su obra sobre las mujeres, que fue uno de los principales escritos desde el campo psiquiátrico que se presentaba como detractor de las luchas de los movimientos feministas. Dentro de las capas medias y altas de la sociedad, las mujeres de la época dentro de los movimientos feministas luchaban para la obtención de derechos, entre los que estaba el de poder llevar adelante carreras profesionales y artísticas autónomas y el del acceso a la educación en general, y a la educación superior en particular. Basado en sus conocimientos, el autor analiza la debilidad o daño del sistema nervioso, y las enfermedades psiquiátricas asociadas. Desde allí, el autor defiende que el hecho de que la mujer estudiara o ejerciera una profesión más allá de sus dotes naturales, requeriría un sobreesfuerzo mental, algo que llevaría a la mujer a tener problemáticas de tipo fisiológico y mental. Esto, a su vez, podría redundar en que heredaría a las próximas generaciones degeneraciones que implicaban un potencial peligro para la raza. Como podemos observar, en la presente obra en análisis, se interseccionan elementos de la raza y el género, teniendo como objetivo central para la manutención del estatus quo a través de argumentos científicistas, contraponiéndolos a los pedidos de emancipación y derecho de acceso a la educación y la autonomía profesional de la mujer de finales de siglo XIX y principios del XX. Estando estas teorías en la base de sus justificaciones, intentaban impedir que las mujeres desarrollasen funciones sociales diferentes a la de las familiares y de la maternidad, que según el autor, eran lo naturalmente establecido. Dichos principios y matices de estos fundamentos sé vieron, con mayor o menor dimensión, utilizados por otros especialistas de los campos de las ciencias naturales, políticas, humanas y sociales, para estructurar las bases argumentales

de una inferioridad que sustentara y mantuviese las restricciones imperantes de acceso de las mujeres a derechos civiles y políticos.

Palabras Clave: género, inferioridad, mujer, raza, psiquiatria

### **Contracultura e a liberação sexual: O impacto da cultura psicanalítica nas histórias em quadrinhos underground (Estados Unidos, décadas de 1960 e 1970)**

Diego Luiz dos Santos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

O trabalho tem como objetivo promover o debate acerca da influência da cultura psicanalítica na construção das subjetividades durante as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos. Historiadores da psicanálise e dos saberes psi em geral observam que no período pós- Segunda Guerra Mundial, em grande parte do Ocidente, a psicanálise não só foi apropriada pela psiquiatria, como passou a atravessar os mais diversos saberes locais. Nesta dinâmica, ideias psicanalíticas passaram a integrar esferas artísticas, publicitárias, jornalísticas, entre outras, influenciando e sendo influenciadas pela cultura de cada local onde foram apropriadas. Este fenômeno tornou possível a construção de modos não apenas científicos, mas populares, de interpretações acerca da loucura e da construção das subjetividades. Partindo desta premissa, a comunicação visa discutir as especificidades desta apropriação e seus impactos para a construção da história de pessoas comuns e de suas vidas, nos Estados Unidos na segunda metade do século XX. Para isso, utilizo com fontes principais as obras de artistas underground estadunidenses que, durante os anos 1960 e 1970, inseridos num contexto da contracultura, produziram e distribuíram histórias em quadrinhos de cunho autobiográfico com objetivo de contestar as normas sociais estabelecidas, o modelo de família nuclear patriarcal e reivindicar o afrouxamento das normas sexuais. A comunicação direciona suas lentes para artistas como Art Spiegelman (1948-) e Aline Kominsky (1948-), que na década de 1970 publicaram diversas histórias em quadrinhos marginais nas quais inspiraram-se em suas próprias vivências para criticar as instituições sociais apontando-as como as principais causadoras do sofrimento dos sujeitos. Contudo, mais que apontar as mazelas da sociedade, estes artistas também se lançaram ao exercício de pensar e propor as balizas para o estabelecimento de uma nova civilização, menos repressora e muito mais justa e pacífica. Neste exercício, a necessidade de construir novas formas de viver e explorar a sexualidade apresenta-se a estes artistas como uma das principais soluções. Assim como a maior parte dos jovens da contracultura estadunidense, Spiegelman e Kominsky cresceram nos Estados Unidos em meio a um período em que a ameaça nuclear era destaque nos principais noticiários e em que grande parte de seus amigos eram recrutados para a Guerra do Vietnã. Foi justamente neste cenário de violência e pessimismo que muitos jovens tiveram contato com a obra do filósofo Herbert Marcuse (1898-1979). Em sua filosofia, Marcuse apropria-se de conceitos vindos especialmente da psicanálise freudiana de modo a construir toda uma teoria segundo a qual novas relações de trabalho e novas formas de viver a sexualidade causariam as transformações culturais e sociais que poderiam culminar na construção de uma sociedade menos repressiva. Segundo ele, a oposição entre “civilização” e o “bem-estar” da humanidade, sugerido por Freud em O Mal- Estar na Civilização diz respeito a uma condição histórica e que poderia ser radicalmente transformada. Esta transformação se daria a partir da construção de uma nova racionalidade na qual a gratificação da libido fosse livre e mais importante que a atividade laboral, tornando possível a abolição dos controles repressivos da civilização. A filosofia de Marcuse acabou se tornando uma das principais inspirações para os jovens da contracultura estadunidense de 1960 e 1970 que, em suas críticas às normas sociais

estabelecidas, tornaram o sexo um tabu a ser quebrado e lançaram mão de uma sexualidade transgressiva como uma forma de linguagem visual e verbal capaz de desafiar o sistema. Os quadrinistas underground, como Art Spiegelman e Aline Kominsky, exerceram um importante papel neste desafio. Esta comunicação demonstra, portanto, as maneiras pelas quais a cultura psicanalítica na qual estavam inseridos permitiu a estes artistas contestarem as instituições sociais, bem como construírem propostas sobre novos modelos civilizacionais menos opressivos com base numa ressignificação da sexualidade. Os trabalhos de Spiegelman e Kominsky nos permitem ainda debater a circulação e popularização dos saberes psicanalíticos, atentando especialmente para a sua apropriação pela arte. Falar sobre circulação da psicanálise, neste sentido, é falar sobre um saber que não é construído unicamente por aqueles iniciados em alguma área dos saberes psi, mas também pelos meios sociais e culturais que se apropriam dela, assim como as histórias em quadrinhos.

Palavras-chave: cultura psicanalítica; histórias em quadrinhos; psicanálise; contracultura; liberação sexual.

### **Incantatrix tropical: poderes ocultos e estratégias de resistência das mulheres no Brasil colonial**

Maria Cláudia Novaes Messias

Ana Maria Jacó-Vilela

Faculdade Sul Fluminense

Este trabalho, fruto da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ, a partir da perspectiva da história das mulheres e das relações de gênero, procurou compreender os discursos e as práticas das mulheres, tanto quanto o imaginário produzido sobre o feminino durante o período colonial brasileiro, através da análise do fenômeno da bruxaria e de sua perseguição pelo Tribunal da Santa Inquisição. Tendo as crises e transformações profundas e irreversíveis da Modernidade como pano de fundo, a construção do estereótipo da bruxaria diabólica e a consequente perseguição marcaram o caminho das mulheres. Esta repressão sistemática ao feminino jamais havia ocorrido e, pode-se considerar que foi, fundamentalmente, uma perseguição aos saberes e costumes tradicionais das camadas populares. O estudo da bruxaria e das práticas mágicas, seus usos e a repressão que sofreram, guarda em si um grande potencial para lançar luz sobre a história do cotidiano e da religiosidade colonial, mas, sobretudo, sobre a história das mulheres e seus poderes subterrâneos. Neste sentido, o objeto de estudo deste trabalho foram as mulheres e os usos que elas fizeram das Práticas Mágicas e de Bruxaria em suas estratégias cotidianas para resistir as tentativas constantes de dominação pelas instituições de poder masculinas, assim como, através destas, sobreviverem, construindo espaços, ainda que limitados e temporários, de liberdade, de autonomia e solidariedade entre elas, no contexto do período colonial. No Brasil não foi instalada sede do Tribunal da Inquisição e a sua atuação, que havia se iniciado em Portugal em 1536, se estendeu às colônias portuguesas na América, fundamentalmente, por meio de três Visitações, vinculadas ao Tribunal de Lisboa: a Primeira, nas Capitânicas da Bahia e Pernambuco, entre 1591 e 1595; a Segunda, novamente na Bahia, nos anos de 1618 a 1620; e a Terceira, no Estado do Grão-Pará e Maranhão, entre 1763 e 1769. Destas Visitações, sete manuscritos foram encontrados entre a documentação da Santa Inquisição de Portugal no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, e publicados no Brasil. Estes constam de duas coleções fundamentais: as Confissões e as Denúncias feitas à Mesa do Santo Ofício diretamente ao Inquisidor-Visitador, chamados de Livros das Visitações, que representam uma parcela da documentação produzida pela

vinda do Tribunal ao Brasil. Trata-se, assim, dos depoimentos daqueles que se apresentaram para confessar ou denunciar culpas relativas à Inquisição. A análise dos Livros da Visitações do Tribunal do Santo Ofício ao Brasil revelou documentos de extrema importância para a construção da história do Brasil, especialmente da história das mulheres, com potencial de contribuir para a “desoficializar” e “desinstitucionalizar” a história do Brasil no período colonial, construindo uma história que não esteja embasada apenas em documentos oficiais, emitidos pelo aparelho de Estado, que refletem seus interesses e visão de mundo, uma história que não seja a transmissão somente do discurso das elites e que, sobretudo, não permaneça sendo, apenas, masculina. Assim, buscou-se analisar os usos que as mulheres fizeram das chamadas Práticas Mágicas e de Bruxaria, os modos pelos quais podem ter contribuído em suas estratégias clandestinas, secretas, para resistir; evidenciando como este o fenômeno atravessou a produção de subjetividades no processo de construção social do feminino em terras brasileiras. A história da bruxaria e da perseguição às mulheres-bruxas no Brasil colonial que se pôde contar, a história das mulheres como resistência, que se pretendeu reencontrar, emerge demonstrando os seus poderes ocultos e difusos; é uma história de conflitos, de marginalização e criminalização da cultura popular, de misoginia e tentativa de “adestramento” das mulheres às normas e aos interesses das camadas dominantes, mas é também a história da formação de um povo, a partir da interrelação entre diferentes culturas e etnias, de sua religiosidade sincrética, de seus saberes ancestrais e das mulheres, mulheres comuns, construindo estratégias cotidianas de resistência e subversão aos mecanismos de opressão de gênero, classe e raça, agravados nesta sociedade colonial, marcada pela exploração tanto da terra quanto pela escravização e genocídio dos povos nativos e dos africanos.

Palavras-chave: história, gênero, mulheres, bruxaria, Brasil colonial

### **As mulheres e as práticas psicológicas no Serviço de Orientação e Seleção de pessoal de Minas Gerais durante os anos de 1950 e 1970**

Deolinda Armani Turci

Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade do Estado de Minas Gerais

Apesar da formação e profissão em Psicologia no Brasil ser composta por mulheres em maior número, poucos são os trabalhos historiográficos que apontam a contribuição delas para a História da Psicologia local. Em uma busca na plataforma Scielo Brasil, utilizando os termos “História” e “Psicologia”, em 591 ocorrências identificamos apenas 9 artigos em que são mencionadas mulheres como protagonistas em estudos e /ou formação de psicólogas no país, sendo 8 destes de cunho biográficos. Este trabalho historiográfico ainda incipiente, tem como objetivo analisar as contribuições das mulheres para as práticas psicológicas em Belo Horizonte, a partir de seu papel e atuação no Serviço de Orientação e Seleção de Pessoal de Minas Gerais (SOSP) durante as décadas de 1950 e 1970, e se fundamenta nos estudos de gênero e da história das mulheres, discutidas em obras tais como as de Scott (1990), Soihet e Pedro (2007), Ostrovsky (2010), Winkler et al. (2007), Winkler (2012), Winkler e Reyes (2015), Falcone (2011, 2015, 2016, 2018, 2022), Falcone, Neira, Morera (2019), Jacó-Vilela et al. (2017), Curado e Jacó-Vilela (2021), Messias e Jacó-Vilela (2018), Oliveira e Jacó-Vilela (2017), Portugal e Jacó-Vilela (2012), Piñeda (2018), dentre outros. Estes trabalhos evidenciam fenômenos sociais e históricos como produtores de diferenças entre os sexos, lendo as relações sociais e de poder, bem como compreendendo que gênero como categoria de análise possibilita uma ressignificação do “tradicional” potencializando uma releitura histórica. Como recurso metodológico será feita uma

pesquisa documental em fontes primárias tais como atas, processos seletivos e documentos institucionais, disponíveis no acervo do SOSPE, atualmente sob a guarda da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, além de entrevistas semiestruturadas a ex-funcionárias do órgão. Para a análise dos documentos e das transcrições das entrevistas serão criadas categorias de análise, empregando-se técnicas usuais da análise de conteúdo. Resultados preliminares apontam que, criado no ano de 1949 e instalado no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), o SOSPE foi um locus expressivo de divulgação e produção de técnicas psicológicas durante sua existência, sendo, na ocasião de sua criação, o único órgão público direcionado à orientação escolar e seleção de pessoal para a administração pública mineira e para instituições particulares. Em seu acervo, nota-se que a maioria das atividades do SOSPE foram desenvolvidas por mulheres, apesar de ter sido chefiado por homens nos aproximadamente dez anos iniciais. Outrossim, do pessoal contratado pelo Estado de Minas Gerais para o primeiro ano de funcionamento do estabelecimento (1949), por exemplo, 10 (dez) eram mulheres e apenas 3 (três) homens, além de 10 (dez) estagiárias do curso de Administração Escolar que passaram por lá durante o mesmo ano. Vê-se ainda que no ano de 1975, a composição de profissionais era de 30 (trinta) mulheres e 1 (um) homem apenas. Observa-se que nos anos iniciais de funcionamento, os cargos ocupados por homens eram o de chefe, um assistente técnico e o de médico, cargo ocupado pelo mesmo profissional do IEMG. Durante o mesmo período, percebe-se que a maioria das colaboradoras eram ex-alunas, professoras e funcionárias oriundas da antiga Escola de Aperfeiçoamento e/ou do Curso de Administração Escolar do IEMG. Nos primeiros relatórios localizados, é possível observar que em algumas descrições de funções, inclusive já ocupada por mulheres e designadas como cargos técnicos utilizava-se o gênero masculino; em contrapartida nos mesmos documentos, cargos administrativos de secretaria e datilografia foram grafados utilizando-se o gênero feminino, ainda que vagos. Em uma das correspondências de 1952 do chefe do SOSPE para o Secretário de Educação do Estado, é possível constatar que foi solicitado a contratação de mão de obra técnica masculina para atender candidatos do mesmo “sexo”, apontando que alguns candidatos poderiam se sentirem constrangidos de serem atendidos por “moças”. Algumas análises preliminares apontam que funcionárias oriundas do SOSPE passaram a lecionar disciplinas de Psicologia no próprio IEMG e em dois cursos de Psicologia recém criados em Belo Horizonte, após a regulamentação da formação e profissão em 1962. Como em grande parte do período de funcionamento o corpo técnico do SOSPE foi constituído por mulheres, podemos dizer que elas foram as principais responsáveis pelo funcionamento, aplicação e produção das técnicas e práticas psicológicas, neste espaço de atuação, e que questões sociais da época influenciavam as relações de poder e de organização do órgão.

Palavras-chave: História da Psicologia, mulheres, SOSPE, gênero.

### **As trajetórias de Maria Lúcia da Silva e Maria de Jesus Moura: do ativismo negro às ciências psicológicas no Brasil**

Fernanda Britto Pinheiro Cerqueira  
Universidade de Brasília

Considerando que a história das ciências psicológicas é marcada por práticas eugenistas, higienistas e racistas, e que ainda hoje produções teóricas ignoram o fato de nós sujeitos brasileiros construirmos nossas subjetividades, interpeladas por uma sociedade pós-escravocrata com marcas visíveis de desigualdade socioeconômica e raciais deixadas por séculos de escravização. E ainda, com um olhar sobre os indivíduos como fruto de uma mesma história. Os avanços na área da saúde mental

nos mostram a importância das pesquisas no âmbito acadêmico, e das reivindicações e discussões articuladas pelos movimentos sociais, que tem como consequência, a construção e implementação de políticas públicas em torno desta pauta. Porém nestes contextos que promovem mudanças sociais e marcos históricos, percebe-se ainda o desconhecimento da atuação de intelectuais e ativistas negras e negros nas movimentações e produções que contribuem para o desenvolvimento deste tema na contemporaneidade. Diante disso, a partir do método da história oral e por meio da análise de trajetórias, irei apresentar duas psicólogas negras brasileiras, Maria Lúcia da Silva e Maria de Jesus Moura, que em suas ações e estratégias de resistência ampliam o debate das relações raciais sobretudo nas questões que tangem a saúde mental da população negra, desde o espaço do ativismo social até o das ciências psicológicas. De modo a evidenciar as contribuições ao campo da história social em diálogo com os estudos do pós-abolição, por meio da análise de trajetórias individuais articuladas que sinalizam para uma experiência coletiva. Estudar as trajetórias de Maria Lúcia e Jesus Moura tem a intenção de apresentá-las principalmente para pessoas negras, que adentram o espaço das instituições de ensino superior, muitas vezes por meio das cotas raciais, com dúvidas sobre seu pertencimento e identificação com o curso e a profissão escolhida. Por vezes sendo a única na sala de aula ou a primeira da família a adentrar este espaço. Um lugar muitas vezes de desconforto e deslocamento, diante dos discursos ali proferidos e de representações de profissionais e estereótipos constituídos. Estas intelectuais são mulheres negras que se formaram em psicologia no mesmo período entre as décadas de 1980-1985, uma no Sudeste outra no Nordeste do país, dentro de uma categoria, com a presença majoritária de mulheres brancas, de classe média com discurso elitista e teorias permeadas de concepções colonialistas sobre as diferenças raciais. Mais tarde intensificaram seus conhecimentos na teoria psicanalítica. Em 2001, o encontro entre Maria Lúcia e Jesus Moura impulsionou e pressionou a categoria de psicólogas/os a se posicionarem frente a luta antirracista. Assim, estiveram à frente na elaboração de normas de atuação frente ao preconceito racial, elaboradas na Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. Estas deram origem à Resolução nº 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia-CFP que estabelece normas de atuação dos profissionais em relação ao preconceito e a discriminação racial. As ações realizadas no Sistema Conselhos de Psicologia, a articulação do ativismo antirracista em diálogo com pesquisadoras/es dos estudos raciais culminou na realização do I Encontro Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es sobre Relações Raciais e Subjetividade no Brasil – I PSINEP em outubro de 2010, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Como um dos desdobramentos desse encontro ainda em 2010, foi criada a Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/os de Relações Raciais e Subjetividades (ANPSINEP), tendo como diretora executiva a psicóloga Maria Lúcia da Silva e na coordenação Jesus Moura. A ANPSINEP tem como objetivo articular a produção de conhecimento e a ação política no campo da psicologia, sobre o impacto do racismo na construção das subjetividades e nas relações raciais no Brasil. Desta forma neste trabalho veremos a importância de falar do percurso de Maria Lúcia e de Jesus Moura, duas intelectuais, de São Paulo e Pernambuco respectivamente, que atravessaram suas narrativas individuais para agregar à coletividade, contribuindo significativamente para transformações de paradigmas sociais e científicos na história das ciências psicológicas, em especial da psicologia brasileira, que foram forjadas sem o reconhecimento de pessoas negras como ativas nesse espaço.

Palavras-chave: Intelectuais negras; Pós-abolição; Psicólogas negras; Trajetórias.

### Célio Garcia e a Psicologia Social

Marília Novais da Mata Machado  
Lagir/UFMG; Lapip/UFSJ

Com o objetivo de resgatar parte da história do Setor de Psicologia Social da UFMG, em especial a contribuição do Prof. Célio Garcia (1930-2020), fundador do Setor e seu coordenador por 14 anos (de 1963 a 1977), examinou-se, dentre diversos outros textos inéditos escritos por ele, o titulado *Sobre a Psicologia Social*. Para tanto, adotou-se como método de pesquisa a análise do discurso: tomou-se como corpus de análise as sete laudas do texto, lidas e relidas exhaustivamente, buscando articular esse escrito a informações relativas ao contexto social, histórico, geográfico, econômico, político e linguístico em que ele foi engendrado. Conceitos operatórios e descrições de enunciados ajudaram a apresentar sistematicamente o texto. Como resultado, foi possível determinar a data em que ele foi escrito (1985); foi possível também apreender as críticas de Garcia à Psicologia Social então em destaque no país, nas escolas de Psicologia: estava em voga o experimento norte-americano de Ash sobre pressão grupal, experimento que, para o autor do texto analisado, confundia erradamente os objetos real, de conhecimento e de percepção; essa confusão estava envolta num véu de ideologia; tornava-se necessário desmontar os conceitos dessa Psicologia Social experimentalista; a disciplina confundia objeto e método por meio de operações de linguagem; ela se sustentava graças à sua metodologia: o experimento; ela manipulava operações de linguagem e, ao mesmo tempo desdenhava os desenvolvimentos da linguística e seus desdobramentos; seu objeto de conhecimento era assim dado ideologicamente num código que é a língua, mas faltava a ela uma teoria de lugares e de representações; foi um texto foucaultiano, de 1975, que autorizou Garcia a desmitificar, desmascarar e identificar o véu de ideologia que então recobria a Psicologia Social. Estes resultados da análise do discurso, contrapostos a informações de contexto da época da escrita das sete laudas, mostram que Garcia estava atualizado com relação aos desenvolvimentos da análise do discurso (AD) francesa, especialmente a pecheuxtiana que enfatiza as condições de produção do discurso, propõe uma teoria de lugares e representações e toma a ideologia como seu objeto de estudo. Ora, representações imaginárias, contexto de fala e condições de produção do discurso não são levados em conta no método experimental então privilegiado em grande parte da Psicologia Social brasileira. A proclamada “crise da Psicologia Social”, também presente no texto de Garcia, só posteriormente à escrita do texto analisado se tornará objeto de discussão no Brasil; apenas nos anos 2000, em discussão transnacional, essa crise será atribuída ao método experimental, com o argumento de que havia sido o experimento de laboratório que teria feito com que a disciplina se distanciasse da realidade e do senso comum. Concluindo, acentua-se que o texto de Garcia, escrito em meados dos anos 1970, antecipa a criação, em 1980, da Associação Brasileira de Psicologia Social e, igualmente, antecipa a postura crítica que viria a ser adotada por essa associação à importação do modelo norte-americano da disciplina.

Palavras-chave: História do Setor de Psicologia Social, Célio Garcia, crítica à Psicologia Social brasileira, método experimental, análise do discurso

### Trajetória Intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações Sociais

José Felipe Vitor Machado

Ana Maria Jacó-Vilela  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho visa compreender a trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá (1941-2016) na Teoria das Representações Sociais (TRS). Celso Pereira de Sá foi um dos mais importantes pesquisadores no âmbito da TRS e suas contribuições são consideradas muito relevantes neste campo. Doutor em Psicologia Social, Celso atuou como professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde 1977 até o seu falecimento em 2016. Nacional e internacionalmente, marcou suas contribuições à TRS ao lado de alguns dos principais autores da área: apresentou suas contribuições à teoria a Serge Moscovici, estudou sob a supervisão de Jean-Claude Abric e produziu pesquisas junto a Denise Jodelet. Sua produção acadêmica tornou-se referência na TRS, e possibilitou seu desenvolvimento em solo brasileiro, em especial: um capítulo de introdução teórico-conceitual, no primeiro livro brasileiro sobre representações sociais, *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social* (1993); um livro sobre abordagem estrutural das representações sociais, *Núcleo Central das Representações Sociais* (1996), responsável pela entrada no Brasil desta abordagem de TRS; e um outro livro com o título, *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais* (1998), referência obrigatória nos programas que se dedicam à pesquisa no campo da TRS. Também foi responsável pela organização de encontros e congressos na área, cabendo ressaltar seu papel como um dos fundadores do “Grupo de Trabalho (GT): Representações Sociais” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Esteve inserido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) durante esta fase de envolvimento com a TRS, enquanto assumia, para além das funções de professor, diferentes funções acadêmicas: a direção do Instituto de Psicologia (1984 a 1987); a direção do Centro de Educação e Humanidades (1988 a 1991); a coordenação do recém criado Mestrado de Psicologia e Práticas Sócio-Culturais (1991 a 1994) e a Vice-Reitoria (2000 a 2003). O método da pesquisa consiste na análise da sua trajetória intelectual a partir de três tipos de fonte: o acervo documental de Celso Pereira de Sá, doado, em 2016, para o Clio-Psyché - Laboratório de História e Memória da Psicologia (UERJ); a produção bibliográfica disposta em seu currículo Lattes; e as entrevistas realizadas com seus amigos e colegas de trabalho. A partir da análise destas fontes, catalogamos 4.900 folhas referentes ao seu acervo, 327 produções acadêmicas de acordo com seu currículo Lattes e realizamos 6 entrevistas. Como resultados, reforça-se que o papel de Celso como receptor e difusor da TRS em solo brasileiro, ao organizar eventos e realizar produções neste campo, possibilitou o fomento da TRS, bem como, material para produção de pesquisas nesta área. Desta forma, suas contribuições foram de suma importância para o desenvolvimento da TRS no Brasil. Destaca-se, igualmente, suas contribuições a UERJ ao assumir funções administrativas e novamente possibilitar o desenvolvimento desta instituição, em especial ao Instituto de Psicologia. Espera-se que essa pesquisa promova um entendimento maior sobre seu trabalho e que amplie, desta forma, o conhecimento de sua trajetória na área da TRS, articulando-se a futuras pesquisas.

Palavras-chave: História da Psicologia; Celso Pereira de Sá; Representações Sociais.

### As trajetórias de Helmuth Ricardo Krüger e Celso Pereira de Sá no campo da Psicologia Social

José Felipe Vitor Machado  
Isabella Oliveira dos Santos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho visa compreender os encontros e desencontros, afetivos e institucionais, entre Helmuth Ricardo Krüger (1936-2020) e Celso Pereira de Sá (1941-2016) no âmbito da Psicologia Social, utilizando como método de pesquisa a análise da trajetória histórica de Krüger e Sá, a partir de seus próprios relatos e entrevistas, bem como a compreensão das suas percepções e escritos diante do campo da Psicologia Social. Seu primeiro contato ocorreu durante a juventude, momento no qual ambos dedicaram-se à carreira militar na Marinha. Após alguns anos, Krüger já cursando Psicologia, indica a Sá a possibilidade da formação, haja vista, o ensino superior noturno, fator necessário aos dois devido à carreira na Marinha. Desta forma, ocorre a inserção de ambos no ensino superior, a qual ficaria marcada pela graduação em Psicologia na Universidade do Estado da Guanabara (UEG), seguida da pós-graduação, mestrado e doutorado, na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Neste período de formação, destaca-se a aproximação de ambos do professor Eliezer Schneider (1916-1998), responsável pelo ensino de Psicologia Social durante suas graduações e, posteriormente, a orientação prestada durante a pós-graduação e a relação estabelecida enquanto colegas de trabalho. Todavia, apesar da confluência ao longo de suas trajetórias, tanto Krüger quanto Sá elegeram distintas vertentes de Psicologia Social em suas pesquisas, respectivamente, uma Psicologia Social psicológica de corrente norte-americana e uma Psicologia Social sociológica de corrente européia. Essa diferenciação encontrada em suas escolhas pode ser interpretada como fruto da orientação de Schneider, o qual, reconhecido pela formação de inúmeros psicólogos, possibilitava na sua teoria e prática a completude da Psicologia Social, num momento marcado pela divergência no campo. Destacam-se como marco desta diferenciação, suas pesquisas e trajetórias acadêmicas, cabendo ressaltar: a aproximação de Krüger do modelo norte-americana, mais especificamente, do estudo das crenças, e a aproximação de Sá do modelo europeu, mais especificamente, do campo das representações sociais, bem como, suas participações na criação de cursos de pós-graduação, a saber, a participação de Sá no curso de pós-graduação Psicologia e Práticas Sócio-Culturais (1991) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e a participação de Krüger na criação do curso de pós-graduação Cognição Social (2011) na Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Como resultados preliminares, destacam-se a visão errônea sobre um possível antagonismo de ambas as partes no que tange à Psicologia Social, bem como a importância desses personagens, tal como foi a de Schneider, ao considerarmos a formação de toda uma geração de psicólogos sociais. Por mais distintas que fossem as correntes teóricas trabalhadas por Celso Sá e Helmuth Krüger, a trajetória de vida, que por consequência atravessa a vivência acadêmica, caminhava em concordância com a proposta pedagógica do professor Schneider - grande mestre para ambos - de construir uma Psicologia plural, capaz de ser produzida onde existir solo fértil para o conhecimento e interesse nas relações humanas implicadas na sociedade.

Palavras-chave: Psicologia Social; Celso Pereira de Sá; Helmuth Ricardo Krüger.

### O social na história do Instituto de Psicologia da UERJ

Isabella Oliveira dos Santos  
Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho é recorte de um pré-projeto de uma pesquisa de mestrado em Psicologia Social em andamento, onde buscamos trilhar um possível caminho da história da Psicologia Social na UERJ. Essa ideia de pesquisa surgiu diante do seguinte questionamento: que Psicologia Social conhecemos,

estudamos e praticamos? Por social como objeto de estudo, entendemos como uma interlocução entre o indivíduo, a sociedade e os resultados obtidos dessa junção (FERREIRA, 2010). Logo, nesta investigação se pretende reconhecer por social tudo aquilo que carrega no nome a Psicologia Social e que, para além disso, retrata o indivíduo como produto e produtor do contexto em que está inserido (LANE, 2012). Diante disso, a escolha por investigar a Psicologia Social do Instituto de Psicologia da UERJ se deu pela curiosidade de entender onde essa área da Psicologia se localizava enquanto disciplina, prática e produção teórica frente a uma universidade que foi impactada diretamente pelos marcos históricos do país, como o início, meio e fim da ditadura empresarial-militar, levando em consideração que tanto a história da já citada universidade como a da própria construção de Psicologia Social desta não foram profundamente investigadas ao longo dos anos desde sua instituição. Dada a abrangência que esse tema pode abarcar, a necessidade de aprofundarmos de modo mais específico e a relevância do questionamento para desnaturalizar práticas hegemônicas (LEMOS et al., 2015), se faz necessário pensar numa problemática que solidifique os objetivos desta pesquisa. Neste sentido, nosso problema orientador é questionar o que foi ensinado e produzido acerca da Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da UERJ entre 1971 (ano da fundação do Instituto de Psicologia e Comunicação Social) e 2001, onde, dentro do intervalo de 30 anos, poderemos então refletir por diversos momentos importantes para a história da Psicologia Brasileira e que influenciou diretamente a área da Psicologia Social, como a ditadura empresarial-militar, seus longos anos de chumbo e a redemocratização do país. Para a construção dessa pesquisa em Psicologia Social, é importante revisitar o caminho percorrido por esta área no Rio de Janeiro. Sá (2007) aponta que a inauguração da disciplina na cidade já citada se deu pela criação de um curso formal vinculado à Universidade do Distrito Federal e o lançamento do livro “Psicologia Social”, ambos de autoria do médico e antropólogo Arthur Ramos, respectivamente em 1935 e 1936. O mesmo autor defende que, ao trazer esses estudos para o Rio de Janeiro, Arthur Ramos inaugura a primeira fase da Psicologia Social no Brasil, sendo esta fortemente vinculada a áreas como direito, medicina e economia. Já na segunda fase proposta por Sá (2007), seu marco esteve atrelado à inauguração dos primeiros cursos de formação em Psicologia entre a década de 50 e 60, onde a Psicologia de forma geral vivia um momento de transição, passando de uma formação vinculada a outras profissões para a regulamentação pela lei Nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, em que passava a ser uma ciência e profissão perante a lei brasileira. Seguindo nesta linha temporal, avançando para além da terceira fase caracterizada pela hegemonia teórica norte-americana, o florescer da Psicologia Social da UERJ acompanha a década da redemocratização do Brasil e o marco do desmembramento do IPCS, se dividindo em Instituto de Psicologia e Faculdade de Comunicação Social. Neste desmembramento, surge então o departamento de Psicologia Social e Institucional, que vai ser uma base para maiores produções sobre o tema. Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar, se valendo do método histórico-documental, documentos produzidos por professores e alunos entre o período dos anos de 1971 e 2001 perpassando a criação do IPCS, o desmembramento e independência do então IP e contemplando os primeiros anos da pós-graduação stricto sensu em Psicologia Social. Neste recorte temporal, a Psicologia Social Brasileira se apresentava flutuante entre a hegemonia norteamericana e o crescente desejo de mudança epistemológica, logo, o executar desta pesquisa poderá trazer uma história que mostre onde a Psicologia da UERJ se situava nesse plano. Conclui-se enfatizando que o estudo historiográfico é de muito valor neste projeto, especialmente para a formação e pesquisa em Psicologia Social, pois não podemos partir tão somente da premissa de uma Psicologia

que queremos construir, mas também do que já fora construído e os impactos que essa construção deixou para a Psicologia atual que estudamos no Brasil.

Palavras-chave: UERJ, Psicologia Social, Formação, História da psicologia

### **Psicologia social Abrapsiana e emancipação humana: alguns apontamentos**

Gervásio de Araújo Marques da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho resulta de uma tese de doutorado em andamento que investiga a categoria de emancipação humana nas publicações da revista *Psicologia e Sociedade (P&S)*, editada pela Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Problematizamos textos da psicologia social que se propõem emancipatórios e/ou utilizam o termo emancipação. Para Marx a emancipação humana é a superação da cisão entre indivíduo e sociedade, não mais separando sua vida privada-individual da sua vida pública-política; e será alcançada pela superação do (a) modo de produção capitalista, que aliena o ser humano do seu trabalho e, assim, do seu ser social; e do (b) próprio Estado, esfera política de reprodução da opressão e exploração. A análise a seguir será delimitada às publicações da psicologia social devido ao seu histórico interesse na relação entre indivíduo e sociedade, central no debate sobre a emancipação humana. A psicologia social emergiu como disciplina sistematizadora de conhecimentos sobre a relação indivíduo e sociedade e sua perspectiva tradicional se desenvolveu fundamentada em um viés individualista, experimental, neutro e apolítico, um instrumento de (re)produção da ordem social. Na década de 1960 na Europa a psicologia social tradicional sofreu críticas. Estas se difundiram no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, período que ficou conhecido como “crise da psicologia social”, quando surgiram e foram adotadas propostas alternativas, que tinham uma concepção histórica e social de ser humano, superaram a exclusividade do experimentalismo e romperam com neutralidade, se posicionando politicamente em defesa da transformação social. No ano de 1980 foi criada a ABRAPSO, resultado do descontentamento com os modelos hegemônicos na psicologia social e em torno da entidade os modelos alternativos da psicologia/psicologia social ganharam força e divulgação. A sua revista, *P&S*, criada em 1986, se tornou um espaço fundamental de divulgação dos debates, textos e eventos. O estudo da relação entre emancipação humana e psicologia social se justifica pelos aspectos já apontados acima: a centralidade da relação entre indivíduo e sociedade e da transformação social. A delimitação em publicações da *P&S* é devido à sua importância para a divulgação de textos críticos no campo psi. O objetivo geral foi compreender como a emancipação foi estudada em artigos científicos publicados na *P&S*. Os objetivos específicos foram: (a) identificar concepções teóricas; (b) que tipo de debate tem sobre o sujeito (ou sujeitos) da emancipação; (c) qual a concepção de psicologia social está associada com o debate sobre emancipação. Este trabalho é um estudo histórico-conceitual e tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, fundamentada no método materialista histórico-dialético. O levantamento bibliográfico foi realizado nas edições de 1986 a 2016, com as palavras-chave: emancipação humana, emancipação, emancipa, transformação social, transformação, que resultou em 219 textos, dos quais selecionamos e analisamos 93. Em 15 textos encontramos concepções de emancipação, e todas se referem à autodeterminação dos sujeitos. Em 08 publicações é a emancipação, adquirida pela conscientização, que levará à transformações sociais. Em 07 textos a emancipação será concretizada depois da transformação social. O primeiro conjunto é o que Marx denomina de emancipação política, pois acredita na autodeterminação sem a superação da sociedade capitalista; e o

segundo conjunto emancipação humana: a transformação social possibilitará a emancipação dos indivíduos. Se poucos textos discutem a emancipação, em todos é possível identificar a posição sobre a transformação social. Quase a metade das publicações (44 ou 47, 3%) defendem que a psicologia/psicologia social deve estar a serviço da transformação social. Em 46 textos (49, 5%) há orientações para mudança em parte(s) do sistema social, mas não apontam para a transformação social. Em 4 publicações (4, 3%) não se questionam o sistema social. Há uma diversidade de abordagens, com destaque para a perspectiva sócio-histórica; a escola de Frankfurt; o materialismo histórico-dialético; e psicologia social comunitária. Em 58 textos (62, 4%) as “maiorias populares” são o sujeito da emancipação; em 35 publicações (37, 6%) não se especifica de quais grupos ou classes partem e buscam favorecer. A chamada psicologia social crítica domina o debate sobre emancipação, pois 90 publicações (96, 8%) explicitam uma ruptura com a psicologia/psicologia social tradicional e sua função ideológico-social de manutenção do status quo. E apenas 3 textos (3, 2%) não apresentam questionamentos à psicologia/psicologia social.

Palavras-chave: psicologia social, Abrapso, emancipação, transformação social, Marx.

### **Estudo teórico-metodológico de duas abordagens da relação entre emoções e linguagem: Engelmann e Vigotski**

Gisele Toassa

Universidade Federal de Goiás

Este trabalho realizará aproximações iniciais, diferenciações gerais e reflexões sobre questões relativas à relação linguagem-afetividade na perspectiva do soviético Lev Semionovich Vigotski (1896-1934) e de Arno Engelmann (1931-1917), autor alemão radicado no Brasil. A pertinência de tal reflexão se realiza devido à importância que ambos os autores atribuem a tal relação. A pesquisa aqui relatada realizou-se como trabalho de conclusão de disciplina ministrada por Arno Engelmann no Programa de Doutorado em Psicologia Experimental no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, adotando a forma do ensaio como forma de documentar os resultados das extensas leituras das obras ambos os autores. Para Engelmann, os nomes de emoções apresentados a pessoas seria o meio de chegar-se, por seu intermédio, a acontecimentos dentro das suas consciências. O objetivo central de sua principal obra é o estabelecimento de métodos linguísticos de investigação de estados subjetivos (ENGELMANN, 1978). Já o cerne da discussão bibliográfica de Vigotski sobre o problema das emoções/sentimentos/afetos está em Vigotski (1933/1999), mas muitas outras obras apresentam considerações sobre o tema em suas relações com a linguagem, conforme analisamos em Toassa (2011), e as quais poderão ser usadas como referência no presente trabalho. Em síntese, podemos tecer as seguintes considerações sobre as semelhanças e

diferenças entre os autores: 1) Vigotski usa vários termos, incluindo emoções/sentimentos/afetos, ao longo de sua obra. Esta variedade condiz com as conclusões da revisão bibliográfica de Engelmann, em certa medida, correspondente às leituras filosóficas realizadas por Vigotski. Engelmann foi além do autor soviético na profundidade de seu resgate da terminologia sobre esse campo, recorrendo à análise de seu campo semântico em diferentes idiomas e áreas do conhecimento, o que o conduziu a uma definição precisa dos estados subjetivos. Em Vigotski, não há uma teoria estruturada sobre termos como emoções e sentimentos, que seria tarefa fundamental ao futuro da psicologia; 2) O uso da mediação verbal é peça-chave de ambas as aproximações metodológicas – de Vigotski e de Engelmann. Este último centrou seus estudos especialmente no relato verbal estimulado de estados subjetivos, ou seja,

na “função nominativa” da palavra, e não no papel da linguagem na regulação do comportamento e no pensamento, aspectos fundamentais em uma abordagem vigotskiana. Tal abordagem enfoca o psiquismo através de múltiplos eixos: genético, estrutural, funcional e semântico. A linguagem introduz um salto qualitativo no comportamento humano: ela não apenas nomeia objetos, mas também muda o pensamento e os sentimentos do sujeito; exerce um efeito estrutural no desenvolvimento, influencia as diversas outras funções psíquicas superiores. Para Vigotski (1931/1995), os estímulos-signos medeiam, mais do que a comunicação, um processo de representação dos estímulos-objeto (as coisas e as pessoas externas à consciência) e o manejo voluntário dos afetos, a princípio, socialmente (entre as pessoas), e, posteriormente, no interior da consciência. Esta ação voluntária acontece mesmo no processo de resposta a questionários, como os de Engelmann (1978): a percepção não é um ato mecânico, que se processa por si mesmo, mas é um vasculhar da consciência, para além de uma simples leitura dos rótulos de estados subjetivos dos sujeitos em língua portuguesa, presentes nas escalas de diferencial semântico propostas pelo autor. Existem várias mediações que influenciam as respostas, tal como ele próprio assinala em seu texto. Com isso, parece-nos que Arno admitiu a extensão e diferenciação das funções da palavra na consciência, de modo similar a Vigotski, para quem é a linguagem que guia e ordena a percepção. Finalizando esta comunicação, destacamos o rigor e a perspicácia de Engelmann em seu esforço – em ampla medida, ignorado – de desenvolver teórica, empírica e metodologicamente uma teoria das emoções (na sua precisa definição dos estados subjetivos) na psicologia brasileira, que, se não chega a contemplar inteiramente as complexas demandas de uma teoria histórico-cultural das emoções (cuja teoria da linguagem é bastante complexa), pode ser por ela utilizada em relação direta com os resultados da pesquisa do autor com uma população falante de língua portuguesa.

Palavras-chave: emoções, Lev Semionovich Vigotski (1896-1934), Arno Engelmann (1931-1917)

## Sessão 7 - Contribuições teórico-metodológicas na História da Psicologia

### Traduções em série: uma proposta de história cultural a partir das transformações do conceito de ikigai

Andre Elias Morelli Ribeiro

Viviane da Silva Gomes

Universidade Federal Fluminense

Após séculos de fechamento, o Japão abriu-se às nações estrangeiras durante a chamada Era Meiji, o que favoreceu o envio de pensadores, filósofos e intelectuais japoneses para estudarem na Europa e nos EUA. É neste momento que a primeira psicologia é importada para o Japão, sob influência inicial de Stanley Hall na década de 1880 e, posteriormente, de Titchener. Após a derrota do Japão na 2ª guerra mundial, o país passa a aceitar de forma muito mais ampla a presença de ideias ocidentais. O behaviorismo torna-se, por um período, a versão mais difundida da psicologia. A rica cultura japonesa, assim como outras nações e povos, desenvolveram saberes sobre o ser humano, sua existência, seu comportamento e outros elementos que, contemporaneamente, poderiam ser entendidos como uma forma de psicologia. A própria psicologia era chamada de shintigaku, ou “filosofia da mente”, numa tradução aproximada, pelos primeiros intelectuais japoneses a visitarem o ocidente no século XIX. O Japão passou a mesclar elementos de sua cultura tradicional com aspectos de outras culturas importadas, e um movimento aparentemente deste tipo foi o que aconteceu com o ikigai. Este trabalho tem por

objetivo mostrar as operações de tradução do ikigai desde sua forma tradicional para a sua conceitualização psicométrica, valendo-se do conceito de tradução de Latour. Ao final, indica-se que a história do ikigai pode ser um exemplo de uma forma de abordar a história cultural da psicologia, buscando origens culturais de conceitos e instrumentos psicológicos e a sua forma científica de apropriação e transformação. O conceito do ikigai surgiu na ilha de Okinawa, no sul do Japão, como um aspecto da religiosidade e da cultura daquela região. Sua tradução exata para o português é impossível, mas pode ser entendido, por proximidade semântica, como algo próximo à noção de bem-estar ou alegria e bem-estar pela sensação de estar vivo. Inicialmente restrito à sua região de origem, o ikigai passa a circular de forma mais ampla naquele país pela publicação do livro *Ikigai ni Tsuite*, de 1966, o primeira obra a sistematizar o ikigai. Escrito pela psiquiatra japonesa Mieko Kamiya, o texto foi escrito durante sua atuação no leprosário de Nagashima, analisando este aspecto tradicional da cultura de Okinawa e dialogando com a pirâmide das necessidades de Abraham Maslow e com a obra do psiquiatra Viktor Frankl. O livro teve rápida aceitação e circulação na população japonesa, transformando-se, em 1971, de tema de pesquisa na psicologia daquele país, naquilo que Mathews denominou por “luta pelo eu japonês”. No início dos anos 2000 o ikigai já era um assunto de debate público, com muitas obras populares sendo comercializados no Japão. É quando a psicóloga japonesa Michiko Kumano construiu um novo conceito de ikigai utilizando técnicas da psicométrica, o que permitiu a inserção do ikigai na discussão internacional sobre o conceito de bem-estar. A partir dos anos 2010 inicia a busca por um teste psicológico capaz de mensurar objetivamente o ikigai, o que acontece em 2019 pelas mãos de Fido, Kotera e Asano, com o *Ikigai-9*. A proposta do instrumento foi avaliar o ikigai através de três dimensões: emoções positivas e otimistas sobre a vida, atitude e ações positivas sobre o futuro, e reconhecimento de sentido sobre a própria existência. Os dados foram correlacionados com estudos sobre depressão, saúde e ansiedade, mostrando que, para a população japonesa, o ikigai, assim como a ciência psicológica, está bastante ligado à saúde mental coletiva. Conforme Latour, a tradução é o deslocamento de uma coisa para outro lugar, o que implica numa transformação e numa defasagem. Ribeiro, em trabalho de 2018, mostrou os quatro sentidos da tradução na Teoria Ator-Rede mas, para os propósitos deste, será necessário produzir um quinto sentido, que é quando ocorre a captura de um conceito circulante cultural para o interior de uma sistematização do tipo psicológica-científica, sendo purificado – ou transformado – visando sua adequação ao método científico. A criação do teste *Ikigai-9* só foi possível após as três traduções do ikigai, feitas por Kamiya, depois Kumano e, por fim, Fido, Kotera e Asano. A história cultural já vem sendo desenvolvida no campo da história da psicologia na forma do estudo da história dos saberes psicológicos. Este esboço de proposta toma um sentido diferente, ao apontar para certos objetos da psicologia científica como constituídos a partir de séries de traduções de dispositivos originalmente do tipo culturais, nem sempre identificados como saberes psicológicos.

Palavras-chave: ikigai, orientalismo, história da psicologia

### **História do behaviorismo no Brasil antes da década de 1960: Um tema negligenciado na historiografia nacional**

Gabriela Godoi Damineli  
Guilherme dos Santos Teixeira Rocha  
Leonardo Grilli Belinotte  
Luanna dos Santos Demitrov

A historiografia da psicologia no Brasil discute pouco o papel dos diferentes behaviorismos na formação do pensamento psicológico nacional. De um lado, temos uma produção considerável sobre a psicologia antes dela se consolidar como profissão reconhecida no país mas que pouco menciona o behaviorismo. De outro, há alguma literatura sobre como a Análise do Comportamento (skinneriana) se desenvolveu no país concomitantemente à profissionalização da psicologia. Nesse segundo conjunto de narrativas, a chegada de Keller na USP em 1961 é apresentada como o marco de introdução da Análise do Comportamento no Brasil, por meio do qual o behaviorismo teria se consolidado e expandido no país. Temos, portanto, uma ampla historiografia que, ou negligencia o behaviorismo no país, ou restringe sua análise à história de uma forma específica de behaviorismo (a Análise do Comportamento) durante e após a década de 1960. Exceções a essa regra são menções pontuais à proposta de Lourenço Filho (Pessotti, 1988; Cirino et al., 2013), uma avaliação das menções ao behaviorismo na Folha de São Paulo (Azoubel & Saconatto, 2020) e uma análise da tradução de um livro de Watson para o português brasileiro (Paixão & Strapasson, 2021). Três hipóteses explicativas para esse padrão são: (1) o entendimento de que o behaviorismo era relativamente desconhecido no Brasil antes da chegada de Keller em 1961; (2) o behaviorismo era conhecido mas considerado irrelevante na psicologia brasileira anterior a sua profissionalização; ou que (3) o behaviorismo era presente e importante na psicologia Brasileira do período, mas foi seletivamente deixado de fora da historiografia nacional. A confirmação da hipótese 1 converteria a quase ausência de menções ao Behaviorismo no Brasil antes da década de 1960 em um pseudoproblema, tornando as hipóteses 2 e 3 irrelevantes. No presente estudo, abordamos diretamente a hipótese 1 a partir de um levantamento da presença do behaviorismo na psicologia nacional antes da década de 1960. A primeira menção ao behaviorismo que encontramos foi em um livro de Arthur Ramos, publicado em 1926. A publicação da primeira tradução de um texto behaviorista para o português brasileiro em 1934 - Educação psicológica da primeira infância - também constitui um marco relevante. Em consulta a 5 periódicos de psicologia publicados no país antes de 1960 (Boletim do Instituto de Psicologia; Arquivos Brasileiros de Psicotécnica do ISOP; Boletim de Psicologia; Boletim da FFLC e Revista de Psicologia Normal e Patológica) foram encontrados 88 textos que mencionam o behaviorismo, dos quais 32 expressavam algum tipo substancial de análise sobre ele. Desses, 13 tomavam alguma forma de Behaviorismo como seu principal tema de análise. Consulta complementar à obra disponível de 46 pioneiros da psicologia brasileira, que consistiu no acesso à 338 textos desses autores permitiu encontrar 43 textos cujos título faziam menção ao behaviorismo ou termos relacionados, sendo que desses 19 incluem apenas breves citações ao Behaviorismo, e outros 22 desenvolvem discussões mais amplas: um livro e uma monografia foram dedicadas inteiramente à discussão do behaviorismo. As obras desses autores foram publicadas majoritariamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas também foram encontradas discussões sobre o behaviorismo por autores mineiros, alagoanos e maranhenses. Por fim, uma consulta a periódicos nacionais não acadêmicos publicados no período analisado permitiu identificar 159 textos que mencionam o behaviorismo no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Recife, no Ceará, no Rio Grande do Norte, no Rio Grande do Sul e no Paraná. Tais menções se referiam a discussões gerais sobre o behaviorismo, mas englobavam também anúncios de cursos, conferências e congressos que incluíam o tema, bem como palestras e conferências, inclusive no exterior - nas quais o behaviorismo era tema

principal - e menções ao behaviorismo presente como conteúdo em editais de concursos e cursos no país. Conclui-se que, ainda que o behaviorismo não seja considerado o tema que dominou a discussão psicológica no Brasil na primeira metade do século XX, ele era claramente um tema importante de discussão entre os intelectuais da época, enfraquecendo a hipótese 1. A avaliação das hipóteses 2 e 3 exigem uma análise qualitativa mais aprofundada tanto dos textos encontrados neste estudo quanto da literatura historiográfica nacional - em curso -, mas constatação de ampla discussão sobre o behaviorismo no Brasil antes da década de 1960 estabelece a importância da retomada desse tema como objeto da historiografia da psicologia nacional.

Palavras-chave: história do behaviorismo; historiografia brasileira; behaviorismo no Brasil.

### Contribuições do pragmatismo para o campo das ciências da cognição

Paula Parada Oliveira  
Geórgia Superti Maia  
Milena Pedrosa Viana Ferreira  
Gustavo Cruz Ferraz  
Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho é produto do projeto de pesquisa “Por uma pragmática da experiência: contribuições pragmatistas para as ciências da cognição”, vinculado ao FHIPSI - Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia e coordenado pelo prof. dr. Gustavo Cruz Ferraz (UFF). O projeto tem como objetivo articular as contribuições clássicas e contemporâneas do pragmatismo às discussões sobre a experiência subjetiva e a cognição corporificada trazidas pelas denominadas perspectivas 4E da cognição, em especial a perspectiva enativa. Neste trabalho, mais especificamente, nos concentraremos nas contribuições de John Dewey sobre a experiência, a fim de ressaltar suas implicações e seu valor heurístico para os estudos contemporâneos da cognição. Apesar de sua obra ser vasta e com interesses de pesquisa atravessando campos disciplinares diversos como a filosofia, a educação, a política, entre outros, suas contribuições sempre mantiveram vínculos e ressonâncias com a psicologia. Partimos do pressuposto que a forma de colocação do problema da experiência presente na obra de Dewey, em seu aspecto concreto e holístico, constitui uma importante ferramenta teórica para a compreensão da dimensão situada, processual e inventiva da cognição. As ciências da cognição se organizaram, a partir da década de 1950, em torno do propósito de articular o acúmulo dos estudos filosóficos sobre o tema às concepções naturalistas de mundo, criando novas ferramentas para o estudo científico da cognição. Contudo, o latente anseio universalista e formalista que guia as produções científicas imersas na tradição racionalista ocidental acabou por conduzir esse processo para um entendimento abstrato de cognição, ou seja, seus princípios de operação seriam invariantes e independentes da realidade concreta na qual estaria imersa. Uma pragmática da experiência, por sua vez, nos parece estratégica pois permite apreender exatamente a dimensão concreta e inventiva da cognição, possibilitando pensar seus modos de operação a partir de seus diversos acoplamentos históricos e singulares. Trazer a dimensão temporal e situada para dentro dos estudos da cognição é abrir espaço para seu caráter processual e plural. Isso é importante pois os debates no interior do campo dos estudos da cognição são mais do que pura divergência entre modelos teóricos; constituem políticas cognitivas distintas que fazem parte dos variados processos que participam da constituição do mundo. Logo, são também um problema político. Isso está fortemente presente na perspectiva enativa. O conceito de enação, de acordo com Francisco

Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch deriva do inglês *to enact*, que significa literalmente “atuar”, “pôr em ato”, “efetuar”. Estes autores, portanto, propõem uma alternativa às posições realistas que supõem a proeminência seja do domínio cognitivo, seja do agente cognitivo, uma vez que, atuar ou enagir o mundo implica em compreender que agente e domínio, ou em outras palavras, sujeito e mundo são engendrados, recíproca e continuamente pela ação cognitiva. Assim sendo, esse processo não

deve ser pensado em um sentido abstrato, mas envolvendo condições materiais e temporais concretas. O foco na relação, ou seja, no histórico processual e aberto dos acoplamentos, permite, assim, observar a multiplicidade e a historicidade dos agentes em suas redes complexas. As performances cognitivas presentes nos mais diversos modos de existência não são apenas manifestações particulares de capacidades gerais, mas sim expressões das múltiplas formas de vida passíveis de serem engendradas. Nesse sentido, é na rejeição do modelo lógico-formal da representação e nas novas possibilidades de pesquisa e reflexão que as contribuições pragmatistas, aqui desenvolvidas em articulação com as discussões contemporâneas da cognição, ganham sua importância e nos convidam a adotar uma relação nova com o mundo e com o conhecimento. Através da criação e não do ajustamento, pela invenção e não pela reprodução. É fundamental, portanto, que os estudos da cognição possam vir a ser mais um vetor de relevância no processo de construção de modos mais plurais e inclusivos de pensamento e existência.

Palavras-chave: experiência, pragmatismo, cognição, enação

### Vivendo e Aprendendo: O que o livro do mundo informa acerca da união corpo-alma

Ingrid Vieira Oliveira Santos  
Thiago Constâncio Ribeiro Pereira  
Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho é fruto da pesquisa “O Corpo nas Teorias Psicológicas”, coordenada pelo Prof. Dr. Thiago Constâncio Ribeiro Pereira, e vinculada ao FHIPsi - Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia. O objetivo da pesquisa é compreender o conceito e o papel dado ao corpo nas teorias psicológicas ao longo da história da psicologia. Em sua primeira etapa, realizada durante os anos de 2021 e 2022, a pesquisa contemplou as ideias do filósofo R. Descartes (1596-1650). Em que pese sua ampla e reconhecida importância para a história da filosofia e das ciências, incluindo a psicologia, as narrativas sobre o pensamento psicológico de Descartes apresentam diversas lacunas e caricaturas. Uma delas relaciona-se ao seu método de produção de conhecimento sobre a união entre corpo e alma. Isto deriva principalmente de uma ênfase no dualismo estabelecido em sua obra mais conhecida, as *Meditações* (1641), a despeito de outras importantes ideias e obras de seu pensamento psicológico. Mostra-se, assim, que mesmo a teoria de um autor exaustivamente estudado ao longo de séculos, como Descartes, ainda pode reservar novidades. O que buscamos compreender, portanto, é o método de produção de conhecimento acerca da união entre a alma e o corpo na teoria psicológica de Descartes. Com isto, nos propomos a contribuir com o processo de construção da história da psicologia apresentando um assunto que, sobretudo no Brasil, tem sido pouco abordado. Foram contempladas, além da literatura secundária, as obras *Discurso do Método* (1637), *Meditações* (1641), *As Paixões da Alma* (1649) e a *Correspondência entre Descartes e a Princesa Elisabeth da Boémia* (1643-1649). Essas obras diferem em estilo, e mais do que a escolha pela forma de apresentação das ideias, essa diferença aponta para a variedade de métodos do pensamento cartesiano. Nas *Meditações*, cujo propósito é

demonstrar “a distinção real entre a alma e o corpo do homem”, o filósofo se lança no método meditativo e convida o leitor a fazer o mesmo, para que possa alcançar toda a suspensão de valores, e posterior reconfiguração do quadro básico de ideias para a elaboração de uma ciência confiável. Nas outras obras existem outros convites, pois o que está em cena já não é apenas a compreensão de corpo e alma separadamente, mas a de uma terceira coisa: a união entre corpo e alma. No Discurso do Método, que se ocupa fundamentalmente do conhecimento da natureza, da qual a união faz parte, Descartes afirma que tão logo teve a possibilidade de abandonar seus estudos formais, lançou-se ao “livro do mundo”, pois estava determinado a encontrar a ciência que não poderia ser encontrada senão nele mesmo. Seguindo este mesmo espírito, em carta a Elisabeth, Descartes diz explicitamente que se ela busca entender a união, o ideal não seria utilizar o método das Meditações, mas adentrar o campo da vida prática. Nas Paixões da Alma, que resultam das conversações com Elisabeth, Descartes faz descrições psicofisiológicas de cada uma das paixões, e em todos os casos, dá instruções de como manejá-las visando a boa convivência em sociedade. Em resumo, ainda que em formatos distintos, o convite feito por Descartes quando se trata de conhecer a união vai sempre na mesma direção: observar a si mesmo e aos outros para julgar e agir melhor nas relações cotidianas. O que Descartes faz, portanto, é convocar o leitor a observar as coisas simples, atentar-se às conversações do dia a dia e ao modo de agir das pessoas, e a viajar e aprender na experiência diária como viver bem em comunidade. Condensa-se isso no termo moral, no qual este estudo pretende se debruçar para apresentar as considerações de Descartes sobre o método de produção de conhecimento da união entre a alma e o corpo. Conclui-se que as teorias de Descartes contribuíram para a construção de saberes sobre a forma de produzir conhecimento psicológico e também para o debate que se seguiu dentro deste campo. Notamos também que, embora seus estudos sobre o humano sejam marcados por um certo recorte histórico, uma pesquisa mais abrangente e aprofundada das obras de Descartes pode trazer para o debate novidades que suscitem uma melhor compreensão da ciência psicológica e que colaborem para a sua construção histórico-filosófica.

Palavras-chave: Método, Moral, União corpo-alma, René Descartes, História da Psicologia

### **A Derrocada do Estruturalismo Titcheneriano: Uma Nova Hipótese de Explicação**

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O presente trabalho analisa três hipóteses acerca da causa da derrocada do Estruturalismo de Edward Bradford Titchener, aponta possíveis falhas e propõe uma nova hipótese. A primeira hipótese analisada é a mais corrente e tradicional: a derrocada do Estruturalismo teria se dado por conta de sua inutilidade prática em um momento de modernização e conflitos bélicos, no qual a Psicologia teria sido convocada a resolver problemas de ordem prática; nesse contexto, o Funcionalismo, a Testagem Mental e o Behaviorismo teriam ganho proeminência por terem sido capazes de responder adequadamente às demandas práticas sociais, ao contrário do Estruturalismo, que teria sido superado por ter mantido sua postura de ciência pura. A segunda hipótese analisada é a de Deborah J. Coon: o processo de industrialização nos EUA teria estabelecido um “ideal tecnocientífico” que demandava uma maior quantificação e padronização, dentre outras esferas, nos procedimentos metodológicos das ciências; no caso da Psicologia, Titchener teria sido aquele que tentou adequar da forma mais rígida possível o método da introspecção a tal ideal, renegando a introspecção filosófica e impondo padrões rígidos para o treinamento e o desempenho da introspecção experimental; contudo, o esforço de Titchener teria sido

em vão, na medida em que os resultados obtidos pela introspecção experimental nunca chegaram a se estabilizar, o que teria ficado claro na controvérsia do Pensamento Sem-Imagem; assim, o próprio ideal tecnocientífico que teria dado proeminência a Titchener em certo momento o teria derrubado e dado lugar a outros projetos que foram capazes de levar adiante as demandas de tal ideal, como o Behaviorismo, a Testagem Mental e a Psicologia Industrial. A terceira hipótese analisada é a de Christopher Green, que se vale da história da objetividade desenvolvida por Lorraine Daston e Peter Galison, segundo a qual há o surgimento, na metade do século XIX, de um novo ideal de objetividade - a objetividade mecânica - que tem como ideal de representação a fotografia automatizada e que demanda, dos sujeitos humanos, uma supressão ativa da vontade para que a representação do mundo em seus ínfimos detalhes possa ser realizada. Segundo Green, Titchener teria sido o responsável por tentar convencer os psicólogos de sua época de que a introspecção era um hábito, portanto, completamente mecanizada, que o relato do introspeccionista era tão objetivo quanto uma fotografia e que os defeitos da introspecção enquanto um método eram os mesmos que os presentes em uma câmera fotográfica; entretanto, o discurso de Titchener não teria sido convincente o bastante para salvar o Estruturalismo por ter se restringido meramente a analogias, enquanto outros projetos de Psicologia da época, como o Funcionalismo e o Behaviorismo, se valeram de técnicas efetivamente mecânicas em suas pesquisas: gráfico, fotografias e filmagens. As três hipóteses são consideradas insuficientes: a primeira não explica por que a derrocada ter tido que esperar até a morte de Titchener em 1927, se as demandas bélicas e de modernização já estavam presentes pelo menos desde a década de 1910; a segunda não explica por que o antigo problema dos resultados incompatíveis das introspecções ter desencadeado a derrocada do Estruturalismo apenas em certo momento, e não antes; a terceira, pelo quadro conceitual utilizado e pelo modo como Titchener é enquadrado nele. Por fim, apresenta-se uma nova hipótese a partir do enfoque da Teoria Ator-Rede, evitando apelar a grandes forças contextuais determinantes: a derrocada do Estruturalismo se deu pelo desaparecimento de um ator fundamental e imprescindível, o próprio fundador da escola, Edward Bradford Titchener. Nesse sentido, enfatiza-se o papel central que Titchener possuía em termos de articulação e viabilização do Estruturalismo: desenvolveu um sistema próprio de treinamento em introspecção experimental, que possibilitava formar alunos em sua escola de pensamento; orientava de perto os trabalhos de seus alunos de modo a refletir as ideias do Estruturalismo e combater seus opositores; como editor do *American Journal of Psychology*, viabilizou um canal de veiculação e divulgação das ideias do Estruturalismo; e, como organizador do grupo fechado nomeado “Os Experimentalistas”, possibilitava manter o Estruturalismo dentro dos debates contemporâneos concernentes à psicologia experimental. Entretanto, não tendo preparado nenhum sucessor para ocupar sua posição multifacetada de articulação, este ficou vago, de modo que toda a rede se desalinhou completamente, resultando na derrocada do Estruturalismo. |

Palavras-chave: Estruturalismo, Edward Bradford Titchener, História da Psicologia Estadunidense.

## As Críticas da “Nova História da Psicologia” nos EUA e a Historiografia Brasileira da Psicologia

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Gunther Mafra Guimarães

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

André Elias Morelli Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A “Nova História da Psicologia” (NHP), enquanto movimento historiográfico, surgiu nos Estados Unidos da América (EUA) na década de 1970 tendo como principal ponto de inflexão uma forte crítica a aspectos centrais do que ela própria nomeou “historiografia tradicional”, isto é, da historiografia da Psicologia proposta até então. Partindo da crítica extensiva realizada em 1966 pelo historiador da ciência Robert Young às narrativas no campo das ciências do comportamento, uma série de autores, dentre eles Franz Samelson, Ben Harris e Laurel Furumoto, buscaram estabelecer novas bases para a produção acadêmica em História da Psicologia que possibilitariam uma abordagem mais crítica dos autores, ideias e acontecimentos da história da psicologia. O presente trabalho tem como objetivo apresentar as críticas da NHP à história tradicional e analisar, de forma crítica, sua aplicabilidade à historiografia brasileira da psicologia. A análise desta partiu de um levantamento não sistemático das principais produções acadêmicas brasileiras na história da psicologia. Foram analisados textos da NHP a fim de identificar as principais críticas feitas por ela à historiografia tradicional e, desta análise, encontrou-se seis críticas principais: 1) presentismo, isto é, a abordagem do passado a partir de critérios e pontos de vista do presente; 2) uso estratégico da história, principalmente com fins de legitimação no presente de perspectivas psicológicas particulares, como certas ideias, autores, metodologias, entre outros; 3) uso excessivo de fontes secundárias, resultando na produção e perpetuação de imprecisões nos relatos históricos; 4) foco em grandes homens, ideias e acontecimentos, resultando em simplificações na narrativa histórica e na incapacidade de entender os elementos do passado em seu contexto próprio; 5) exclusão de minorias, resultando na ilusão de que a história da Psicologia foi, desde sempre, conduzida por homens e brancos; 6) e centralismo nos EUA, resultando na invisibilização de empreendimentos no campo da psicologia fora daquele país, ou mesmo em sua distorção. A partir dessas críticas, buscamos avaliar a pertinência das mesmas para pensar a historiografia brasileira da Psicologia. No que toca o presentismo, diferentes autores brasileiros identificam temas, traços ou mesmo formas de psicologia que antecipariam a psicologia científica, sem haver correspondente apresentação das relações entre estes elementos do passado com as psicologias correntes. O uso estratégico da história pode ser encontrado, por exemplo, em texto de Lourenço Filho onde se identificam modalidades da psicologia que podem ser legitimadas conforme o discurso científico da época em que foram produzidos. Outros textos produzem o que Samelson chamou de “mito de origem”, onde se identifica raízes longínquas supostamente vinculadas a grandes acontecimentos históricos de práticas contemporâneas da psicologia. O uso excessivo de fontes secundárias, apesar de avanços contemporâneos, ainda é bastante comum, principalmente nos primeiros textos brasileiros no campo. O foco em grandes nomes, ideias e acontecimentos é considerado relevante para a própria constituição da história brasileira da psicologia, já que grande parte de suas narrativas se organizam em torno da celebração de grandes feitos de pioneiros. No tema das minorias, a historiografia brasileira, além de contar com grandes historiadoras da psicologia mulheres, produz cada vez mais trabalhos relevantes na

área. O centralismo nos EUA, aparentemente, se dá principalmente na área do ensino, com predomínio de manuais de origem estadunidense, apesar do crescimento dos materiais nacionais com foco maior para a psicologia brasileira. As críticas de Young serviram de inspiração para a constituição da NHP e de críticas sobre a historiografia tradicional. Como conclusão, temos que várias dessas críticas se mostram aplicáveis à produção brasileira, porém as especificidades da pesquisa acadêmica nacional não permitem a mera aplicação direta das críticas gestadas nos EUA e dirigidas à historiografia tradicional estadunidense, o que implica a necessidade de um trabalho crítico nacional que analise as peculiaridades da constituição, no Brasil, do campo da história da psicologia, investigação imprescindível para o aperfeiçoamento da área.

Palavras-chave: nova história da psicologia, historiografia crítica, historiografia brasileira da psicologia.

## Sessão 8 - Psicologia e Psiquiatria e seus atravessamentos históricos

### Controvérsias do Campo Psi: Psicologia Clínica e Psiquiatria nos Arquivos Brasileiros de Psicologia (1949-1968)

Roberta Garcia Alves  
Anna Carolina Rodrigues Capilé  
Izabella Tognini Corrêa  
Rodrigo Lopes Miranda  
Universidade Católica Dom Bosco

É sabido que a formação e a profissão de psicólogo, no Brasil, foram regulamentadas em 1962 a partir da promulgação da Lei No. 4.119. Entretanto, a tramitação dessa lei decorreu por, aproximadamente, dez anos a partir de debates e tensões entre diferentes atores sociais envolvidos com a produção e a prática da Psicologia. Nesse sentido, muitas pesquisas se ocuparam em entender as transformações sociais, os perfis formativos e as discussões que foram geradas após essa regulamentação até então. Entretanto, poucos estudos históricos se ocuparam em entender as condições que antecederam tais regulamentações e, portanto, auxiliaram a configurar a formação e a profissão de psicólogo no Brasil. Nessa direção, esta pesquisa objetivou descrever e analisar características de produções veiculadas nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, categorizados como Psicologia Clínica, circulantes durante sua existência entre os anos de 1949 a 1968. Ele concorre a uma melhor compreensão dos debates das disciplinas Psi — Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise —, na conformação da clínica como um campo de atuação da Psicologia. O percurso metodológico deu-se pela coleta e tabulação dos documentos que constituíram o banco de dados e pela realização da Análise Documental a partir do *software* Iramuteq, o qual foi responsável por gerar Grafos de Similitude. A partir da análise de tais materiais, percebemos que a representação daquilo que se entende por clínica e suas práticas se referem a estudos de casos clínicos, os quais circundam dois fatores sobrepostos: a) as pesquisas realizadas pressupunham a prática clínica ferramenta terapêutica; e b) que os casos ali presentes apresentavam algum nível de dificuldade para tratamento. Vimos, também, as personagens participantes da prática psicológica, bem como os instrumentos psicométricos por eles estudados e utilizados, e a ampliação dos serviços em psicologia para demais campos de atuação e setores industriais, com ênfase nas tópicas de estudo de caso, prática semiológica e serviço de saúde mental. Num contexto geral, estudo de caso interligou-se à criação de planos para se investigar e compreender traços, atitudes,

sentimentos, caráter e demais aspectos da vida humana. Estas investigações não se limitaram a explorar relações interpessoais e experiências privatizadas. Observamos, também, a forte presença do médico psiquiatra realizando tanto estudos de caso e acompanhamento de pacientes quanto pesquisas voltadas aos testes e técnicas psicoterapêuticas, dando a entender a construção de uma clínica psiquiátrica semiológica. Desse modo, esses profissionais estudariam principalmente os sinais e sintomas dos transtornos mentais, assim como comorbidades, estabelecendo critérios de normalidade e de doença a partir de estudos comparativos e aplicação dos testes de inteligência (e.g., Binet-Simon) e personalidade (e.g., Rorschach, P.M.K., Teste da Árvore) individualmente ou entre grupos. Com relação ao serviço de saúde mental, os dados apontam para a atuação de profissionais da saúde mental nas áreas industrial, educacional e de orientação profissional ou vocacional. Todavia, essa prática seria incindível da observação comportamental e da avaliação psicológica. A partir dessas três tópicos, depreendemos que em um momento anterior à regulamentação da Psicologia ainda estavam sendo delineadas práticas privadas dentro da clínica, distinguíveis entre psiquiatras e psicólogos, ainda com uma forte presença do médico no panorama da higiene mental e do psicodiagnóstico. Nesse processo de constituição de uma prática psicológica brasileira, vimos a emergência da psicometria com um foco maior na pesquisa, no treinamento de profissionais e na sistematização das técnicas aplicadas em consultório a fim de tornar mais precisos diagnóstico e tratamento. Nestes, conciliaram-se técnicas objetivistas e subjetivistas, de modo a salientar a abertura para uma prática psicossocial a partir das trocas de conhecimento entre agentes dos campos Psi e estudos multidisciplinares.

Palavras-chave: Psicologia clínica; Estudo de caso; Saúde Mental; Semiologia.

### **A relação entre as práticas institucionais em saúde mental e a literatura testemunhal**

Nataly Soares de Araujo Neves

Ingrid Vorsatz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho se trata de um recorte da minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ). Na qual me proponho a investigar de que forma os relatos testemunhais de dois escritores brasileiros que vivenciaram internações manicomialis em diferentes momentos do século XX podem contribuir para a problematização das atuais práticas institucionais na área de Saúde Mental. Um dos autores utilizados é Lima Barreto (1881-1992). Este foi internado diversas vezes durante sua vida. Dentre suas internações, a que ocorreu no ano de 1919 no Hospital Nacional dos Alienados, a pedido de seu irmão, culminou na obra *Diário do Hospício*, publicada de forma póstuma no ano de em 1953. A segunda autora é Maura Lopes Cançado (1929-1993), que também enfrentou diferentes internações psiquiátricas. Junto ao seu livro *O Hospício é Deus* (1965) a escritora pôde narrar o período entre o final do ano de 1959 e início de 1960 no Hospital Gustavo Riedel. Devido a amplitude e complexidade do tema, objetivo promover uma reflexão acerca do valor do relato testemunhal no campo das ciências humanas, mais especificamente da psicologia e da psicanálise. Dessa forma, a pesquisa se desenvolve a partir da questão norteadora: de que forma a literatura de testemunho pode vir a contribuir para as discussões das práticas institucionais na área de saúde mental? Visando respondê-la recorro à psicanálise, enquanto subsídio teórico, para fundamentar e discutir as reflexões acerca da relação estabelecida por Sigmund Freud com a literatura na própria constituição da teoria da clínica

psicanalítica. Em uma época em que predominavam as ideias hegemônicas positivistas na psiquiatria, voltada para investigação anatomofisiológica, Freud dedicou-se ao estudo do psiquismo. Com isso, produziu um verdadeiro corte epistemológico ao fundamentar o conceito do inconsciente enquanto determinante da vida psíquica, revolucionando ao criar uma nova ciência no início do século XX. Desde o primeiro momento, não apenas a literatura esteve presente em seus escritos, como o fundador da psicanálise recorreu à literatura e ao poeta (*Dichter*) na fundamentação teórico-conceitual desta disciplina. Em relação à literatura do testemunho, esta é interpretada distintamente de outros gêneros literários. Diversos autores compreendem a literatura testemunhal enquanto um gênero literário no qual indivíduos inseridos em um determinado espaço e tempo, no interior de um determinado universo sociocultural, narram uma experiência memorialística e que é comumente relacionada a um evento histórico. Neste contexto, o presente trabalho busca promover uma reflexão acerca das práticas institucionais a fim de atrair atenção ao tema e contribuir a futuros debates a quem possa se interessar. Para tanto, a metodologia qualitativa é a mais adequada, por discutir aquilo que é imensurável, privilegiando a análise subjetiva do objeto estudado. De modo mais específico, a pesquisa adota a metodologia de revisão bibliográfica narrativa, também nomeada de revisão narrativa da literatura. Esta consiste na análise da literatura publicada em diferentes formas, como em livros, artigos científicos, entrevistas e outros moldes de publicação. A referida metodologia permite ao pesquisador um amplo acesso a uma determinada temática escolhida.

Palavras chave: psicanálise, psicologia, literatura testemunhal.

### **Los psiquiatras de la Beneficencia de Cundinamarca (Colombia) en las encrucijadas de los saberes psi. Una lectura historiográfica de la gestión de las enfermedades mentales durante el periodo 1950-1970**

María del Carmen Castrillón Valderrutén  
Universidad del Valle-Colombia

Esta propuesta se enfoca en el papel de la psiquiatría en la producción de conocimiento y gestión de las enfermedades mentales, durante 1950-1970, periodo de importantes cambios institucionales en el ámbito público de la salud y la higiene en el país. De modo particular, pretende exponer algunos rasgos historiográficos predominantes que fungieron como contextos específicos de la producción de conocimiento de los psiquiatras y también busca caracterizar su ejercicio profesional en algunas instituciones de atención de los enfermos mentales, específicamente, los administrados por la Beneficencia de Cundinamarca. Tanto el conocimiento especializado de la psiquiatría como las prácticas profesionales pasan por el filtro de configuraciones culturales e institucionales, que dan cuerpo a los discursos sobre la enfermedad mental, los diagnósticos, las terapias, pero también sobre la propia sociedad. El despliegue de conocimientos especializados en la práctica psiquiátrica, constituye un espacio analítico importante para ver signos de modernización de la salud pública en pugna con algunas retóricas manicomiales, tan caras a la atención de las enfermedades mentales en el país. Desde finales del Siglo XX, el horizonte historiográfico para estudiar el campo de la psiquiatría, viene ampliando sus intereses de investigación, dando espacio significativo al mundo cultural de las prácticas científicas. De esta manera, la psiquiatría se asume como una construcción social, sujeta a los avatares históricos y subjetivos de quienes las encarnan, en este caso, médicos-psiquiatras, cuyo arquetipo ya no se sustenta en la imagen del científico autónomo, dueño de una verdad incuestionable. La imagen y autoridad del científico, se encuentran atravesados por modelos de socialización complejos, que traen consigo

intereses y estrategias tanto personales como profesionales, sujetos a competencias y negociaciones . En estos modelos de socialización científica, otros conocimientos de los campos psi, como los provenientes de la psicología y el psicoanálisis, se abren paso con estrategias discursivas y con prácticas especializadas que, al igual que la psiquiatría, buscan legitimar enfoques, objetos y métodos para gestionar las enfermedades mentales. Bajo este enfoque analítico, la historia crítica de la psiquiatría – en contraposición a una historia panegirista y positivista- estaría atravesada por la indagación de los discursos científicos dentro de un escenario de secularización del conocimiento (y también de sus instituciones), en el cual los conceptos y enfoques psi, se asumen como objetos culturales, las posiciones profesionales se observan en las dinámicas institucionales de la especialización y división del trabajo, así como de los intereses del poder político y de la cultura hegemónica. La producción y gestión del conocimiento psiquiátrico en los establecimientos de atención de los enfermos mentales en la Beneficencia de Cundinamarca durante el periodo estudiado, estuvo antecedida de un proceso lento de cambios en la asistencia pública, desde la segunda mitad del siglo XIX (Cuando se crea la Junta de la Beneficencia), que se va tornando más clara a partir de los gobiernos liberales de la década del 30 del siglo XX en Colombia. Si bien este camino hacia una administración pública se vio impulsado por los debates y agendas políticas que promulgaban una secularización en la atención de los enfermos mentales, las capacidades financieras y técnicas del Estado, exigían que se relativizara su rol centralizador y omnipresente. De tal manera, los cambios institucionales orientados a una “secularización” de la administración de los establecimientos siempre estuvieron atravesados por el rol fuerte de las instituciones privadas (especialmente religiosas) y por la incorporación lenta y muchas veces intermitente de los conocimientos teóricos y experticias clínico-terapéuticas en boga en los campos psi en América Latina. Aún así, entre 1950 y 1970, la retórica de la modernización es preponderante, toda vez que se materializa un conjunto de políticas sanitarias en el país y una diversificación de sus instituciones públicas con apoyos técnicos y financieros extranjeros. En el campo de la formación médica y la atención hospitalaria, dos misiones académicas estadounidenses fueron determinantes: la Misión Médica Unitaria (Misión Humphreys, 1948) y la Misión Lapham (1953), ambas direccionadas a recomponer la enseñanza y aprendizaje bajo el modelo flexneriano. Los establecimientos psiquiátricos (asilos, hospitales), serían los espacios privilegiados para el despliegue de estos saberes psicopatológicos adquiridos por los psiquiatras en las facultades de medicina (nacionales e internacionales); aquí, los psiquiatras destilaban los casos clínicos y patológicos, objetos de estudio para la escritura de tesis y documentos similares. Y en el tejido de estos saberes, incursionaban profesionales de la psicología y del trabajo social, de quienes se esperaba un fortalecimiento de mecanismos terapéuticos ambulatorios (consulta externa, hospital día), en el marco del conocimiento interdisciplinario y preventivo orientado por los lineamientos técnicos de la OMS (Informes de 1950, 1953, 1957). Las fuentes de información de esta investigación son los documentos elaborados por la Beneficencia de Cundinamarca, en particular los informes anuales de la Junta General, presentados a la Asamblea Departamental, en los cuales se presentan los balances de la gestión de todos los establecimientos administrados por esta institución (enfermos mentales, mendigos, niños huérfanos, etc.). En estos informes los psiquiatras describen su gestión clínica y sus recomendaciones institucionales y administrativas. También se revisaron documentos especializados escritos por los mismos psiquiatras sobre su ejercicio profesional (publicados en revistas o presentados en congresos). El diseño metodológico fue documental, toda vez que las fuentes primarias son las publicaciones de la Junta; su tratamiento se dio mediante la definición de un corpus, que permitió crear unas rejillas de

categorización de las dimensiones de estudio y de esta manera, crear datos significantes sobre el des(encuentro) de los saberes psi en un periodo de modernización de la salud pública en el país.

Palavras-chave: Profesionalización de saberes psi; psiquiatria en Colombia, modernización de la salud pública, Beneficencia de Cundinamarca.

### Uma História da Rede de Atenção Psicossocial, em Campo Grande – MS

Ana Camila Marcelo

Rodrigo Lopes Miranda

Universidade Católica Dom Bosco

Ao longo dos anos, o conceito de saúde modificou-se, refletindo na conjuntura social, econômica, política e cultural de determinado povo, ou seja, a saúde não tem o mesmo sentido para todas as pessoas, ao longo do tempo. Assim, esse conceito dependerá da época, do lugar, da classe social, bem como dos valores individuais e das concepções científicas, religiosas e filosóficas. Uma das chaves de mudança dos conceitos, na saúde mental, foi a Reforma Psiquiátrica, que trouxe inúmeras modificações na forma de abordagem e de percepção, em relação às doenças psiquiátricas, da mesma forma que proporcionou olhar não só para as práxis do passado e do presente, mas também a falar sobre a saúde mental, no Brasil. E, por meio dela, revisitou-se e se cunhou um novo olhar em relação à saúde mental, potencializando e tentando remediar erros conceituais do passado. Nesse sentido, este trabalho pretende apresentar resultados parciais de uma pesquisa historiográfica, em andamento, cujo objetivo é descrever e analisar aspectos da conformação do Sistema de Saúde Mental, em Campo Grande-MS. Metodologicamente, essa é uma pesquisa em História Social da Psicologia, apropriando-se de estratégias da História Oral e da Análise Documental, a partir de fontes orais e textuais dos usuários e funcionários do sistema de saúde mental de Campo Grande-MS. Até o momento, foram entrevistadas duas profissionais do sistema de Saúde Mental de Campo Grande – MS. Os resultados nos proporcionam uma compreensão parcial dos aspectos de conformação da Rede de Atenção Psicossocial – RAPs, entre os anos de 2008 e 2021, período em que essas funcionárias estiveram presentes no Sistema de Saúde de Campo Grande-MS. A implantação da RAPs trabalha visando os cuidados de prevenção e tratamento da saúde mental, com o intuito de estender a saúde mental e os cuidados de saúde para além da internação e da clínica asilar. Considerando esse período, do qual as entrevistadas fizeram parte como colaboradoras da rede, houve modificações que são consideradas grandes avanços como, por exemplo, a abertura de residências terapêuticas em Campo Grande, a modificação e a ampliação dos CAPS e a acessibilidade para diálogos e debates (e.g., prevenção de suicídio), o que antes não acontecia. Atualmente, considera-se que a RAPs tem se expandido, tem sido mais assistida e debatida. Contemporaneamente, as plenárias municipais têm discutido sobre como o serviço de Saúde Mental era ofertado antes, considerando a década de 1970, na qual a prática era a de institucionalização de pessoas com transtornos mentais. À época, esse serviço de prevenção e tratamento não existia. Hoje, ele tem sido ofertado, com o intuito de ampliar essa rede de atenção psicossocial. Apesar dos avanços dentro da rede, a implementação da RAPs exige um esforço constante da Secretaria de Saúde Mental do Estado e do Município, assim como dos profissionais de saúde que apoiam e trabalham em prol da expansão da rede. Ainda hoje, a RAPs sofre uma resistência por parte dos gestores e, também, dos profissionais, uma vez que a cultura asilar é vista com mais eficiência e o olhar ampliado da rede sofre um descrédito considerável por falta de conhecimento ou, por vezes, falta de incentivo do Ministério

da Saúde. Espera-se que a coleta e a análise dos resultados configurem-se no entendimento dos aspectos de conformação da Rede de Atenção Psicossocial – RAPs e que, dessa forma, possam fornecer dados que ajudem os gestores e os usuários.

Palavras-chave: História da Psicologia; História Social da Psicologia; Saúde Mental; Rede de Atenção Psicossocial; Saúde Mental, no Brasil.

### A psicologia do século XIX a partir da Ellen White

Hugo de Nilson Damasceno

Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho discute algumas das relações tecidas entre a religião e a Psicologia por Ellen Gould Harmon White (1827 - 1915) e consiste num desdobramento da tese “Ellen White e a Psicologia nos jornais *The Health Reformer* e *Good Health*” desenvolvida durante o doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Uerj. Na tese realizamos um levantamento dos artigos publicados por Ellen nestes jornais, que encontram-se digitalizados no site <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/Forms/AllFolders.aspx> e utilizamos o método conhecido como Análise do Discurso para lidar com as fontes acessadas. Ellen White foi uma escritora estadunidense, que se notabilizou pela sua vasta produção bibliográfica e, também, por ter sido a fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX. Ao longo de sua trajetória, Ellen publicou cerca de 100 mil páginas entre livros e artigos que foram publicados em periódicos estadunidenses, como o *The Health Reformer* e *Good Health*. Nestes artigos, Ellen discorreu sobre temas relacionados a diversas áreas do conhecimento, como a Teologia, a Medicina e, sobretudo, a Psicologia, que será objeto desta discussão. Ressalte-se que os escritos de Ellen são adotados até hoje como recomendações espirituais pelos membros da IASD e, deste modo, nos questionamos a respeito de como se referiu à Psicologia. Ao longo de sua produção, observamos que Ellen se referiu à psicologia, geralmente, por meio de críticas que fez à hipnose e ao magnetismo animal. Franz Anton Mesmer (1734-1815) é considerado o precursor da hipnose. Sendo natural da Suábia – atualmente território pertencente à Alemanha – Mesmer se notabilizou como médico e músico, além de ter formação acadêmica no campo da teologia e da filosofia. No campo da Medicina ressaltou-se a tese “*Dissertatio physico-medica de planetarum influxu*”, defendida por ele, em 1766, na Universidade de Viena. De acordo com Mesmer, os elementos do universo, como os corpos humanos, estavam permeados por fluídos magnéticos, cujos desequilíbrios desencadeariam doenças, tais como a histeria. A partir desta compreensão, propôs a cura através da utilização de ímãs e outros objetos destinados à manipulação da energização e, buscando atender a muitas pessoas, desenvolveu “o blaquet, ou cuba de saúde, montagem de garrafas enfileiradas imersas em água, ligadas a cabos condutores que, por sua vez, eram aplicados nos doentes”. Segundo Leahey os tratamentos de Mesmer “*consistían en sesiones espeluznantes de espiritismo en que vestía ropajes místicos y blandía una varita mágica de hierro*”, sendo que utilizava o magnetismo animal como meio para compreender a telepatia e a clarividência. Na década de 1770, Mesmer compreendeu que a cura não seria promovida pelo ímã, mas pelo contato do paciente com o magnetizador, pressupondo então o magnetismo animal como inerente ao humano, concebendo a noção da influência exercida entre uma pessoa e outra enquanto uma força da natureza. A mansão de Landstrasse, em Viena, local onde residiu Mesmer, era repleta de fios, ímãs

e cubas, onde desenvolveu suas propostas terapêuticas. No prefácio da obra “Primeiros escritos”, publicada por Ellen em 1882, a hipnose foi descrita como um “sono” e foi considerada “perigosa”. Ressalte-se que o prefácio desta obra foi escrito por James Springer White (1821-1881) que, além de ter sido esposo de Ellen, foi editor dos periódicos em que Ellen mais publicou artigos. Nesta obra, Ellen se referiu à hipnose por meio de expressões como “magnetizar” ou, ainda, através de críticas, das quais sinaliza-se: “Muitos dos opositores à verdade de Deus maquam o mal em suas camas e durante o dia promovem seus ímpios conselhos”. A hipnose foi assunto frequente nos escritos de Ellen, de modo que, em outras publicações, a hipnose foi descrita como “a teoria de mente controlar a mente”, bem como o processo em que alguém “submete a mente e a vontade” aos domínios de outra pessoa. No entanto, sinaliza-se que Ellen geralmente criticou à hipnose e, sendo assim, referiu-se a ela como “uma ciência pela qual as agências satânicas trabalham” e, então, o Diabo enganaria as pessoas por meio dessa técnica. A partir da pesquisa que realizamos, notamos que Ellen se opôs à psicologia da época a partir de sua crença e, sinalizou isto, através de conceitos bíblicos que permearam as suas considerações acerca da psicologia. Esta foi a principal forma de comunicação que estabeleceu com a Psicologia da época. Entretanto, nos artigos que publicou naqueles jornais, Ellen não se referiu à Psicologia científica de seu tempo. Seu pensamento mais se aproximou da Higiene Mental, movimento que se organizou nos Estados Unidos, no século XX.

Palavras-chave: Ellen White; mesmerismo; hipnose; religião.

### Os presos políticos nos manicômios durante o período da ditadura empresarial-militar

Letícia Oliveira Silva

Juberto Antonio Massud de Souza

UERJ

O trabalho a ser apresentado é pesquisa em desenvolvimento de monografia em psicologia desenvolvida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Tem como objetivo principal desvelar quem foram e quais as características dos presos políticos que foram internados em manicômios durante a ditadura empresarial-militar como forma de perseguição operada pelo terrorismo de estado. Para tal, consideramos que o processo de perseguição a opositores à época encontrou uma política de repressão que teve como necessidade a utilização de espaços para internação compulsória de parte daqueles que se opuseram ao golpe militar preventivo de 1964. As internações em hospitais psiquiátricos e clínicas particulares, paralelamente às práticas já conhecidas como encarceramento e tortura nas instituições prisionais e de justiça, aparecem, então, como uma forma encontrada pelo Estado de aplastar a atuação de resistência à ditadura empresarial-militar, numa nítida perseguição política a estes indivíduos. Esse momento das *práticas psi* na particularidade da ditadura brasileira foi impulsionada pela chamada modernização conservadora do Estado brasileiro, empreendida por generais militares e que foi financiada com capital norte-americano, e se refletiu em práticas desenvolvidas por profissionais de saúde. Como consequência, existiu o alargamento de espaços institucionais com o objetivo de contenção de opositores em meio ao processo de recrudescimento ditatorial imposto pelos generais militares. Durante as décadas de 1960 e 1970, as instituições psiquiátricas públicas e privadas se fortaleceram recebendo subsídios governamentais para sua estruturação e manutenção. O Instituto de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps), instituição do Ministério da Previdência e Assistência Social, foi o responsável por direcionar recursos para a saúde mental, cumprindo com o

projeto político-econômico implantado à época de privatização dos serviços públicos e destinação dos recursos do Estado ao financiamento da rede privada. Saturado de múltiplas contradições, este processo culminou com a perseguição, articulada com a eliminação física de opositores, que se estendeu como política do terrorismo de estado dentro das instituições sociais. Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético, resgatamos algumas trajetórias de parte dos presos políticos perseguidos pelos seus posicionamentos contestatórios à época, a partir de casos representativos. Utilizamos diferentes técnicas de pesquisa. Inicialmente, uma revisão bibliográfica da temática. Em seguida, bancos de dados dos jornais da época, disponíveis na Biblioteca Nacional Digital. Isto nos deu o material empírico, possibilitando compreender algumas das histórias a partir de como foram publicadas à época pela imprensa. Em seguida, direcionamo-nos para a análise de fontes primárias de documentos disponibilizados no Memórias Reveladas. Isso nos permitiu o acesso a conjuntos documentais que auxiliaram a reconstrução histórica de nossos sujeitos da pesquisa. Ainda, utilizamos uma entrevista com uma partícipe deste processo. Ao final, e como resultado parcial, concluímos que para o processo de alargamento da repressão, através do enraizamento do terrorismo de estado e a crescente necessidade de neutralização de opositores, foi necessário a utilização dos manicômios durante os anos aqui considerados.

Palavras-chave: Manicômios; história da psicologia; ditadura militar; materialismo histórico-dialético.

## Sessão 9 - Psicanálise e História da Psicologia

### A Neurose de Guerra e o Quinto Congresso Internacional Psicanalítico de Budapeste de 1918

Pedro Felipe Neves de Muñoz

Silvia Correia

Pontifícia Universidade Católica do Rio Janeiro

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a psicanálise na década de 1910, que tomou como objeto de análise os impactos da neurose guerra para o conhecimento e para o movimento psicanalítico. Nossa investigação tem como eixo central o Quinto Congresso Internacional Psicanalítico de 1918, realizado na cidade de Budapeste. Em virtude da eclosão da Primeira Guerra Mundial, o movimento psicanalítico viveu um período de paralisia no que se refere aos congressos. Além disso, os membros da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) acabaram sendo separados pelos blocos beligerantes. A sociabilidade se restringiu às revistas do movimento psicanalítico e a troca de correspondências. Em alguns casos, foram realizados encontros pessoais. Sigmund Freud e Sándor Ferenczi, por exemplo, aproximaram-se durante esse período. Exceto por Freud, que já tinha uma idade avançada, os membros do movimento psicanalítico desempenharam funções no esforço de guerra. A maior parte dos amigos de Freud do comitê secreto se tornaram médicos militares, como Ferenczi, Karl Abraham e Max Eitingon. Com isso, eles tiveram contato com um dos grandes dramas da frente de batalha: a neurose de guerra. A experiência com os soldados produziu mudanças profundas na psicanálise, seja do ponto de vista teórico (surgimento de novos conceitos, como no caso da descoberta da pulsão de morte por Freud), seja do ponto de vista da prática. Adaptações foram necessárias, de modo a permitir o tratamento dos soldados (muitos oriundos das classes populares e operárias). Tais soldados, diagnosticados com neurose e histeria de guerra, amontoavam-se nas enfermarias e compreendiam dezenas de milhares de casos entre as potências centrais. Além do tratamento gratuito,

não era possível tratar todos da mesma forma que no consultório particular dos psicanalistas. Além disso, haja vista os questionamentos ao tratamento médico, a psicanálise se apresentou como uma alternativa que despertou o interesse das autoridades militares das potências centrais. Isso se materializou durante o Quinto Congresso Psicanalítico de 1918, primeiramente planejado para a cidade de Breslau, mas que foi realizado na cidade de Budapeste, local que emergia como um centro promissor para a psicanálise, segundo Freud. Nossa análise dialoga com os estudos culturais da Grande Guerra e com a história intelectual, pois através dessa metodologia busca investigar os espaços psicanalíticos de sociabilidade, como a Associação Psicanalítica Internacional e seus congressos, de modo a compreender os impactos da Primeira Guerra Mundial e do debate acerca da Neurose de Guerra para a psicanálise. Em nossa comunicação, focaremos o trabalho apresentado por Karl Abraham e sua atuação no período. Após emprendermos uma profunda revisão historiográfica, observamos que poucas publicações tratam diretamente e detalhadamente do congresso de Budapeste de 1918. Este trabalho preenche lacunas e sintetiza contribuições anteriores sobre o congresso, conectando as historiografias da psicanálise e da Primeira Guerra Mundial. Com isso, almejamos demonstrar que o congresso de Budapeste foi um marco para a psicanálise, devido ao primeiro reconhecimento governamental do tratamento psicanalítico, às mudanças teóricas produzidas pela neurose de guerra e pelas mudanças institucionais na Associação Psicanalítica Internacional, como a expansão e democratização do tratamento psicanalítico. Um exemplo é a fundação da Policlínica de Psicanálise de Berlim, em 1920, onde Karl Abraham desempenhou um papel de liderança.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; História Intelectual; Congresso Científicos; Neurose de Guerra; Psicanálise

### A remissão freudiana ao conto *O homem da areia* na construção da noção do infamiliar (*das Unheimliche*)

Sabrina Varella Soares

Rafaela Antunes Fernandes Petrone

Rafaella Nóbrega Esch de Andrade

Ingrid Vorsatz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho é fruto da inserção da autora como bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa intitulado Freud e a ciência da literatura - interdisciplinaridade na fundamentação teórico-conceitual da psicanálise, conduzido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem como objetivo investigar os elementos que Sigmund Freud recolhe da obra do escritor alemão E.T.A. Hoffmann a fim de construir a noção de infamiliar (*das Unheimliche*), considerando a sua relevância para a questão da interdisciplinaridade entre o campo da psicanálise e o da literatura. Consideramos relevante discutir brevemente a problemática referente à tradução do conceito de infamiliar (*das Unheimliche*) para a língua portuguesa, ainda que nosso objetivo não seja o de problematizar a questão da tradução dos conceitos psicanalíticos na obra freudiana, ou ainda na história da psicologia. Para tanto, foi realizada uma revisão crítica de parte da literatura psicanalítica referente ao tema, bem como uma breve análise do conto *O homem da areia* (1815), do escritor alemão E.T.A. Hoffmann. Freud aponta o infamiliar (*das Unheimliche*) como um fenômeno que se apresenta de modo perturbador, a um só tempo íntimo e alheio. Confere ao adjetivo *unheimlich* (infamiliar), comum no idioma alemão, o estatuto de um substantivo, apresentando-o como uma noção psicanalítica no ensaio intitulado O infamiliar (*das*

*Unheimliche*), de 1919. Este substantivo abarca um vasto campo semântico, de difícil versão para outros idiomas. Embora tenha a partícula de negação (un-), este termo pode ter o mesmo significado que o seu oposto, *heimlich* (familiar). A despeito de ter sido traduzido para a língua portuguesa por "o estranho" ou ainda "o inquietante", adotamos o neologismo "infamiliar" proposto por uma recente publicação do referido ensaio freudiano. Esta escolha deve-se ao fato de que o termo infamiliar poderia ter um sentido próximo ao termo alemão, comportando tanto a sensação de familiaridade diante de algo ou de alguém, quanto preservando o sentido oposto, isto é, daquilo que porta uma dimensão de desconhecimento, por vezes assustadora. Freud identifica uma referência ao conto mencionado de E.T.A Hoffmann no estudo do psiquiatra alemão Ernest Jentsch sobre a experiência perturbadora que o termo *unheimlich* denota. Diferentemente do psiquiatra, que associa esta experiência a uma incerteza intelectual quanto à natureza de determinados personagens, Freud considera que tal efeito se deve à figura que intitula o conto: o homem da areia (*der Sandmann*). A narrativa aborda o temor do personagem Nathanael em relação a esta figura, apresentada por sua babá como aquele que arranca os olhos das crianças que resistem a dormir. O personagem o teria identificado ao advogado Coppelius, cujas características se associavam à imagem que tinha desta figura lendária. Certo dia, a partir de um estrondo, o jovem encontra o seu pai morto no gabinete após trabalhar com o advogado, atribuindo a ele a responsabilidade por este acontecimento. Na idade adulta, depara-se com um vendedor de barômetros chamado Coppola, que acredita ser Coppelius, o advogado que não encontrara desde então. Este encontro o deixa perturbado, fazendo com que chegue a ponto de quase assassinar a sua noiva. Segundo Freud, a ameaça de ter os olhos arrancados é um equivalente simbólico à ameaça da perda do falo, presente no complexo de castração recalcado na infância. No conto, a figura do advogado, posteriormente representada pelo vendedor de barômetros, atualiza o complexo de castração na medida em que esta pode ser equiparada à imago paterna presente no referido complexo, caracterizando o que Freud nomeou de retorno do recalcado. O conto também descreve o episódio em que o jovem se apaixona por Olímpia, negligenciando a sua natureza enquanto um autômato. Embora Freud reconheça que Olímpia possa causar o efeito de infamiliar, não a considera como o principal elemento produtor de tal efeito na obra literária. Freud aponta que *das Unheimliche* também pode estar relacionado à confirmação de crenças animistas, como na existência de seres fantásticos e nas possíveis influências do pensamento em acontecimentos no mundo externo. A figura de Olímpia se apresenta como algo desta ordem, uma vez que lhes são dadas características humanas. Apesar de Freud chegar ao referido conto de Hoffmann a partir do estudo de Jentsch, com base no conhecimento de outras obras do escritor o considera como inigualável mestre do infamiliar, atribuindo um estatuto privilegiado à obra do autor na construção da noção psicanalítica. Dessa forma, é sobretudo a partir da figura do homem da areia do referido conto que Freud chega à sua principal formulação sobre a noção de *das Unheimliche*, a saber, o infamiliar emerge do âmago do familiar recalcado e, portanto, inconsciente.

Palavras-chave: Psicanálise, Literatura, Infamiliar (*das Unheimliche*)

### Um breve percurso da angústia na teoria freudiana

Catarina Miranda de Barros  
Ingrid Vorsatz  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Desde os primórdios da psicanálise a problemática da angústia esteve presente nos escritos de Freud. O fundador da psicanálise identificou, desde o início de seu percurso, ainda no período pré-psicanalítico, o importante papel da angústia no adoecimento neurótico. Estando no cerne da clínica das neuroses, este afeto (Affekt) exigiu a investigação de Freud durante toda sua trajetória e, portanto, esteve em constante modificação em sua obra, desde o período pré-psicanalítico até seus últimos escritos, tornando-se um dos principais temas de investigação da psicanálise. Levando em consideração o importante papel desempenhado pela angústia na clínica psicanalítica, o objetivo deste trabalho é, a partir de uma revisão bibliográfica referente à problemática da angústia, traçar o percurso feito por Freud no que diz respeito à teoria da angústia, contemplando suas modificações ao longo do tempo. As primeiras menções à angústia já se encontravam na correspondência de Freud a Wilhelm Fliess nos anos 1890. A suspeita de Freud era a de que a etiologia da angústia estaria relacionada à inibição da função sexual. O principal escrito deste período é o Rascunho E, intitulado “Como se origina a angústia”, de 1894. Neste escrito, Freud relata a Fliess que a relação entre a angústia e a sexualidade estaria evidente, pois um elemento comum teria sido encontrado por ele em seus pacientes: a abstinência sexual. Em todos os casos, haveria um bloqueio de descarga responsável pelo acúmulo de tensão sexual, e a hipótese de Freud era de que a angústia teria emergido por transformação da tensão sexual acumulada. Em seus primeiros escritos publicados, Freud observou no artigo intitulado “Obsessões e fobias” (1894) a preponderância do estado da angústia nas formações fóbicas. Na tentativa de categorizar a neurose de angústia, publica um artigo com o mesmo título em 1895. Conforme anteriormente formulado no “Rascunho E” mencionado acima, Freud mais uma vez considera as inibições sexuais como os fatores originários da neurose de angústia. As considerações sobre os processos fóbicos são retomadas por meio do caso clínico conhecido como “Análise de uma fobia de um menino de cinco anos” (1909). Neste escrito, Freud não trata as fobias como processos patológicos independentes pois, segundo o mesmo, as fobias se incluíam no quadro da neurose, mais especificamente na histeria de angústia. A histeria de angústia seria uma neurose em que o sintoma central é o da fobia. Nesse caso, a libido não é convertida a exemplo da histeria de conversão, mas posta em liberdade na forma de angústia. A libido, por estar desvinculada de um objeto, produz intensa angústia. Desse modo, as fobias são uma defesa frente à angústia. As formulações de Freud acerca da angústia são retomadas na Conferência XXV de 1916, intitulada “A angústia”. Esta conferência consiste numa organização da problemática da angústia, que vinha em pleno desenvolvimento desde a descrição do caso clínico do pequeno Hans. Freud teoriza a angústia como um afeto (Affekt) que é consequência do recalque. A novidade neste escrito é justamente o componente do recalque, que é incluído na formação da angústia. Além disso, Freud faz a distinção entre dois tipos de angústia: a realista e a neurótica. A angústia realista seria uma reação frente ao perigo, enquanto a angústia neurótica estaria relacionada a um perigo interno que seria identificado pelo Eu, perigo este que está relacionado à libido e que não é reconhecido conscientemente. Com as elaborações acerca da segunda tópica do aparelho psíquico, explicitada no artigo intitulado “O Eu e o Id” (1923), bem como nas formulações acerca das pulsões no ensaio “Além do Princípio do Prazer” (1920), a teoria da angústia foi reformulada por Freud. Essas reformulações são discutidas no artigo intitulado “Inibição, sintoma e angústia” (1926). Nesse momento, a angústia é definida como sinal, emitido pelo Eu. Além disso, o papel do recalque também é modificado, e a angústia passa a ser considerada um afeto anterior ao e causador do recalque, e não mais o seu resultado. Dessa forma, a preocupação freudiana em compreender teoricamente a angústia permeia todas as grandes fases da sua obra. Sendo um afeto que percorre toda a obra freudiana, a angústia se relaciona intimamente com outras temáticas e conceitos

fundamentais da psicanálise como o recalque, a libido, as fobias, a clínica das neuroses, o temor da castração, entre outras. É notável a relevância do afeto da angústia tanto para a teorização não apenas das neuroses, quanto da teoria da clínica psicanalítica como um todo, visto que Freud encontrou esse afeto na base do sofrimento de seus pacientes.

Palavras-chave: Angústia; Psicanálise; Sigmund Freud.

### A noção de realidade psíquica: sua construção e sua especificidade na psicanálise

Arthur Teixeira Pereira

Ingrid Vorsatz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho objetiva problematizar a noção de realidade psíquica formulada por Sigmund Freud e discutir sua especificidade. A metodologia adotada consiste na revisão narrativa crítica de literatura, que caracteriza uma modalidade de pesquisa qualitativa que opera por meio da análise da literatura especializada publicada em livros, artigos científicos, verbetes e outras obras, selecionada segundo a pertinência em relação ao tema eleito pelo autor. Optou-se por este tipo de revisão por permitir construir uma síntese narrativa sobre um determinado tema a partir de diferentes autores. Trata-se de um tema importante para o campo da psicanálise, pois, segundo Freud, é com a realidade psíquica que o psicanalista se depara em sua prática clínica. Partimos da seguinte questão: o que é a noção de realidade psíquica de acordo com Freud e qual é sua especificidade na psicanálise? A noção de realidade psíquica tem sua origem relacionada ao abandono da teoria da sedução, de acordo com a qual a etiologia da histeria estaria associada a experiências sexuais precoces ocorridas na infância. A partir dos relatos dos pacientes, Freud atribuiu a gênese da histeria à cena de sedução, em que o paciente teria sido exposto à sedução por parte de um adulto, ou ainda de uma criança mais velha. Freud articula o acontecimento sexual na infância ao surgimento do trauma relacionado a ele na adolescência ou na fase adulta, apresentando a hipótese da teoria do trauma como sendo constituído em dois tempos. No primeiro tempo a criança teria ocorrido a cena de sedução; já no segundo tempo, na puberdade, o trauma é constituído, retroativamente. Na carta datada de 21 de setembro de 1987 ao amigo e médico alemão Wilhelm Fliess, Freud afirma não acreditar mais em sua neurotica (teoria das neuroses), pois constata ser impossível que em todos os casos de histeria o pai fosse um perverso. Posteriormente, Freud extraiu de sua experiência clínica a conclusão de que o que está em jogo na cena de sedução diz respeito à realidade psíquica, distinta da realidade material. Conclui que, embora a realidade material tenha sua importância, a realidade psíquica é decisiva para o tratamento psicanalítico. A fantasia é um conceito importante no que diz respeito a esta problemática, uma vez que ela é correlata à realidade psíquica, conforme destacado por Jacques Lacan, na esteira da proposição de Freud. Ressalta-se que o presente trabalho tem como referencial a teoria da clínica freudiana, além dos avanços promovidos por Lacan, cujo percurso teórico foi fiel à fundamentação de Freud; os demais autores são alinhados às proposições de Freud e Lacan. No artigo intitulado “O poeta e o fantasiar”, de 1908, Freud analisa o brincar na infância, apontando que na brincadeira a criança cria seu próprio mundo, instituindo uma nova ordem diferente da realidade em que vive. Ressalta que a criança leva a sério sua brincadeira, investindo nesta uma quantidade significativa de afeto (Affekt), concluindo que o oposto da brincadeira é a realidade, não a seriedade. Freud equipara o brincar da criança e o fantasiar na fase adulta, afirmando que a fantasia diz respeito à realidade psíquica, não à realidade material. É importante destacar duas designações

distintas do termo ‘realidade’ no idioma alemão e utilizadas por Freud, a saber, Realität e Wirklichkeit. A primeira se refere à realidade material - ou seja, factual -, ao passo que a segunda seria relativa à noção psicanalítica de fantasia. Em uma conferência proferida para um público leigo na Universidade de Viena em 1917, intitulada “Os caminhos da formação de sintomas”, Freud verifica que, ainda que os relatos dos pacientes fossem supostamente falsos, ou parcialmente verdadeiros, as experiências relatadas tinham efeitos reais. Ou seja, as cenas de sedução eram experienciadas pelos pacientes como reais, tendo como consequência a formação dos sintomas na neurose. Esta efetividade diz respeito à especificidade da realidade psíquica, que é a fantasia, operante no sistema inconsciente na neurose.

Palavras-chave: realidade psíquica, fantasia, efetividade, psicanálise.

### **A cultura em questão: As vicissitudes do conceito de Mal Estar freudiano, a crítica Nietzscheana e seus desenlaces na atualidade**

Mauro Silva de Carvalho  
Universidade Veiga de Almeida

No percurso de sua elaboração teórica Freud afirmara nunca ter lido a obra de Nietzsche para não ser influenciado pelo pensamento do filósofo alemão. A despeito de suas afirmações, pode-se constatar, em vários momentos de sua obra, uma série de citações diretas ou indiretas ao constructo teórico Nietzscheano, em especial nos pressupostos básicos irão nortear o desenvolvimento da sua dissertação sobre a Cultura (1930) e a definição da mesma como uma fonte necessária de “Mal Estar” surgido a partir das renúncias libidinais envolvidas no processo de fortalecimento/afirmação da mesma. No contexto desta reflexão freudiana, fica evidente a retomada da hipótese que Nietzsche desenvolve em 1887 em sua “Genealogia da Moral”, onde a “cultura” (regras, normas e valores presentes na vida comunitária) é definida como um mal, uma forma de opressão que visa a limitar a expressão de Vontade de Potência (aquí traduzida, de forma sintética, como correlato da ideia de desejo) do homem na sua relação com o mundo. Influenciados pelas teses de Darwin sobre a evolução das espécies, no entanto, os dois pensadores irão divergir quanto as vicissitudes do processo cultural. Se para Freud ele se manifesta como uma forma evolutiva de expressão do processo histórico, que tem como sintomatologia o surgimento um “Mal Estar” surgido da impossibilidade de atender ou se adaptar adequadamente as crescentes e incessantes demandas da cultura (restando ao homem como possibilidade elaboração das angústias decorrentes deste processo a aceitação incontestemente -resignando-se- a via da sublimação ou, em última instância, pelo o direcionamento de suas questões para a nascente clínica psicanalítica), para Nietzsche, em sua radicalidade, a cultura assume a forma de uma doença que se manifesta pela expressão de uma moralidade que, tornada prevalente, visa submeter aqueles que se insubordinam contra o conjunto de valores aceitos pelo entorno social como naturais e necessários. O destino da cultura para Nietzsche, em dissonância com as teses freudianas que pregam a adaptação incontestemente da mesma, seria a transvaloração dos valores que a regem, uma forma de saúde só alcançada através da superação do homem, ou seja, pelo abandono radical dos preceitos que constituem a noção de sujeito (as quais ainda reconhecemos: a centralidade da consciência, o primado da razão, o desejo e sua relação com a culpa, etc, ) seguida da assunção do “Super Homem”, aquele que cria valores para si, estabelecendo como paradigma a responsabilização ética e não mais a culpabilização moral baseada numa transcendência representada pela ideia de cultura A despeito das críticas sobre o caráter universal atribuído as suas exegeses e da ideia de sociedade retratada em sua obra, é inegável que as teses culturais

de Freud contribuíram substancialmente para a compreensão da relação do homem com a sociedade na modernidade. Com o advento do século XXI, a assunção da lógica neoliberal e o enfraquecimento/modificação dos valores socio/históricos/culturais presentes na época em que Freud escrevera em sua obra (em especial ao relacionados a sexualidade, gênero, família, trabalho, dentre outros) faz-se necessário, ao revisitar sua obra, questionarmos a pertinência de seus enunciados no contemporâneo. A partir de dialogicidade temática presente na formulação teórica dos autores sobre os temas em questão, o pensamento nietzschiano será utilizado a partir de seu potencial crítico e analítico, interrogando as formulações freudiana a partir do potencial interpelativo de suas análises sobre os vetores culturais da atualidade, questionando sua relevância, pertinência, possibilidades de interpretação de novas formas de expressão de sintomas decorrentes do processo cultural e da criação de novas possibilidades de se relacionar com o mesmo. Como resultado de uma pesquisa mais ampla - tese doutoramento recentemente defendida-, pretende-se apontar, ao fim destas análises, para possíveis chaves de interpretação da cultura de nosso tempo e da sintomatologia que ela faz surgir, construindo marcos teóricos marcados pelo hibridismo, capazes de interpelar a cultura ao mesmo tempo que conjura diferentes possibilidades de enfrentamento as novas formas de manifestação do “Mal Estar” na atualidade.

Palavras-chave: Freud, Cultura, Mal Estar.

### Uma revisão do olhar em Freud a partir de Luce Irigaray

Gabriela Vieira Brasil de Araújo  
Mary Emily Mattoso Silva Suzano  
Roberto de Oliveira Preu  
Universidade Federal Fluminense

O presente estudo é fruto da pesquisa “Corpo e Sexualidade nas Encruzilhadas da História da Psicologia e da História Social”, desenvolvida durante os anos de 2020 a 2022, coordenada pelo Prof. Dr. Roberto de Oliveira Preu e vinculada ao FHIPsi - Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia, da UFF. Nesse estudo, é feita uma revisão bibliográfica das obras de Luce Irigaray, especialmente: *Speculum: de l’&#39;autre femme* (1974) e *Este Sexo que não é só um Sexo* (2017); analisamos ainda bibliografias secundárias que tratam da autora. Com essas obras, partimos da concepção de que a psicanálise é herdeira de uma representação ocidental que privilegia o olhar e que isso se encontra explícito, principalmente, nas elaborações freudianas. Apresentaremos que, em Freud, é a primazia do visual o que garante a primazia do falo, uma vez que este primado fálico se configura em termos da observação de existência e de ausência do falo. Freud formula que no estágio da organização genital infantil há masculino, mas não há feminino, ou seja, para ele, não ter o falo equivale a não ser. No entanto, não-toda a psicanálise pensa nestes termos, o que é o caso de Luce Irigaray, que elabora uma teoria crítica à primazia do ver e propõe outras possibilidades. Filósofa, linguista e psicanalista, Luce Irigaray desafia o pensamento ocidental hegemônico a partir da perspectiva da diferença sexual. Pois, se a principal preocupação da filosofia tem sido a emergência do sujeito, Irigaray irá se ocupar de mostrar que esse sujeito não é universal ou sem gênero, mas é, de fato, masculino. Nosso propósito aqui não é colocar em análise todo o horizonte teórico que se enquadrasse nestes termos masculinos, porque o horizonte seria amplo demais para o escopo dessa pesquisa, pretendemos sim tratar especificamente da psicanálise freudiana, no que diz respeito ao seu viés masculino que prioriza

o visual. Com a autora, localizamos uma ausência do feminino na psicanálise, ou seja, na psicanálise freudiana não existem dois sexos e não existe, portanto, uma diferença sexual, existe apenas o masculino e o inverso deste, como em uma representação especular. Apesar de toda a contribuição da autora para a Psicanálise, Irigaray tem sido deixada de lado desse campo, inclusive formalmente, com a sua expulsão do círculo de psicanálise que frequentava e a perda de seu cargo de professora em Vincennes após a publicação de *Speculum: de l'&#39;autre femme*. Assim, com a apresentação das contribuições da autora para uma revisão do olhar no interior da psicanálise e abertura para outras possibilidades, esperamos também fazer um resgate da autora para a história da psicanálise. Pretendemos demonstrar que as considerações de Irigaray sobre a possibilidade de uma diferença sexual pretendem irromper as barreiras rígidas da lógica fálica que represam a fluidez de possibilidades outras. A primazia do visual é um dos componentes desta barreira, já que, como será apresentado, o olhar sustenta a centralidade do masculino. Para apresentar essa hipótese, recorreremos a duas obras importantes da autora: *Speculum: de l'&#39;autre femme* (1974) e *Este Sexo que não é só um Sexo* (2017). Nessas obras, são tecidas contribuições importantes não só para a crítica e para a possibilidade de se colocar em questão o olhar fálico, mas, também, para encontrar outras possibilidades no campo da percepção, como o toque. O toque, conforme Irigaray, positiva todo(s) o(s) corpo(s), de modo que não há mais diferença entre quem vê e quem é visto, porque ambos se tocam. Mesmo assim, a hipótese da conclusão é a de que Irigaray não troca simplesmente a primazia do olhar pela consideração do toque, uma mera inversão assim seria agir como eles, como os homens. Irigaray, por sua vez, pretende incluir todo o corpo em sua formulação. Para tanto, pretendemos o seguinte percurso para apresentação do tema: primeiramente, resgatamos as noções de Freud sobre o complexo de Édipo e o complexo de castração que, na medida em que elegem a primazia do falo, dependem do amparo visual. Após isto, passamos ao texto freudiano do Inquietante, que entendemos fazer uma relevante equiparação do falo, elemento essencial na configuração freudiana da sexualidade, ao olho. Ao trazer as contribuições de Irigaray para o tema, identificamos que a primazia do ver na leitura tradicional da psicanálise estaria atrelada ao privilégio de uma compreensão falocêntrica a diferença sexual. Com a autora, demonstramos como a descrição do feminino gera outras possibilidades na formulação psicanalítica, bem como outras possibilidades no campo dos sentidos e das percepções. Pretendemos, finalmente, destacar como Luce Irigaray contribui para a história psicanalítica ao se alinhar na órbita de uma outra compreensão do ver e seus desdobramentos, ao subverter a lógica escopofílica propondo uma crítica ao modo supostamente natural com o qual o sentido visual havia sido privilegiado pela psicanálise.

Palavras-Chave: Luce Irigaray, Psicanálise, Feminismo, História da Psicologia, Sigmund Freud.

## Sessão 10 - Interfaces da Psicologia com a infância e a educação no Brasil

### Orientação Vital na Faculdade Dom Bosco: análise preliminar de um serviço – décadas de 1950 a 1960

Julia Fiuza Franco Monteiro Prado

Denner Luiz da Silva

Universidade Federal de São João del-Rei

A presente investigação ocorre no âmbito de um dos acervos documentais do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia (CDPHP) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), mais especificamente o Acervo do Laboratório de Psicologia da Faculdade Dom Bosco

de Filosofia Ciências e Letras, fundada na mesma cidade em 1954. Entre os documentos foram identificados laudos de “Orientação Vital”, um serviço prestado entre as décadas de 1950 e 1960. Objetivamos identificar e descrever, do ponto de vista da história da psicologia brasileira, os aspectos relacionados ao serviço de Orientação Vital no recorte temporal investigado. Vários desdobramentos importantes advieram do laboratório. Entre eles: o Instituto de Psicologia e Pedagogia (IPP), o Centro de Estudos Pedagógicos (CEP), o Serviço de Orientação Educacional e Profissional (SOEP), o Centro de Pesquisas e os Círculos de Pais - modos organizativos diversos que utilizavam dos espaços do Laboratório - inicialmente três salas no segundo andar da Faculdade Dom Bosco - para efetuar suas atividades. O serviço que recebeu maior destaque foi o de Orientação Profissional, cuja procura constituía um resultado da modernização pela qual o país passava durante os anos 50 e 60, principalmente no âmbito do mercado de trabalho. Sob o mesmo contexto, encontrava-se o serviço de Orientação Vital, pouco conhecido e difundido na área da psicologia. Na presente análise preliminar, visamos identificar e delimitar adequadamente os laudos, idade dos sujeitos, gênero, proveniência, testes utilizados, dentre outros indicadores, compondo uma Tabela descritiva. Foi realizada a organização desses documentos, separando cada uma das pastas em linhas que correspondem a estante e caixa em que está, data em que o serviço foi prestado, identidade do paciente identificada por iniciais, data de nascimento etc. Como resultado, ao total foram categorizadas 399 pastas com seus respectivos laudos. A média de idade dos usuários desse serviço é de vinte três anos. Também foi calculada a média com relação ao gênero, mostrou que a maioria dos usuários do serviço eram mulheres, sendo 216, enquanto a quantidade de homens fora de 183. Portanto, posteriormente à essa análise preliminar e à leitura do conteúdo de algumas das pastas, constatou-se, até o momento, que a Orientação Vital consistia em um serviço no qual conversas eram dirigidas pelos profissionais, com o objetivo de auxiliar o usuário na tomada de decisão diante da vida em sua condição geral, considerando que, para isso, é necessário integrar suas habilidades e potencialidades. Além disso, os profissionais aplicavam testes disponíveis no Laboratório de Psicologia com o intuito de auxiliar na identificação das habilidades e potencialidades. Dessa forma, foi possível concluir que a Orientação Vital se difere da Orientação Profissional por não possuir o interesse focado no aconselhamento da vida profissional, ou seja, adesão ou não a uma ou mais profissões. Sob outra perspectiva, é fundamental evidenciar que, assim como a Orientação Profissional, a Orientação Vital mostra-se um elemento importante que faz parte da História da Psicologia Brasileira.

Palavras-chave: História da psicologia, Orientação Vital, Documentação Histórica, Acervo histórico de psicologia

### **Mito da educação “inovadora”: neoliberalismo escolar e o papel da psicologia crítica**

Giuliana Volfzon Mordente

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A importância do acesso ao direito à educação, assim como as críticas ao modelo escolar vigente, são alvos de muitos debates e análises. Embarcando no movimento de colocar em dúvida os fundamentos que ordenam as formas de vida, refletimos sobre a vida que opera sob lógicas produtivistas, de opressão e desigualdade. Como pensar a prática e legitimar o nosso exercício enquanto psicólogas atuantes no campo da educação? Neste trabalho, ao afirmar o direito à educação crítica e de qualidade e ao problematizar os efeitos subjetivantes produzidos por uma educação neoliberal,

convocamos a retomada da possibilidade de sermos afetados em um campo de atuação que aposta na potência de uma vida digna. No Brasil, o discurso da chamada educação “inovadora” dialoga diretamente com o crescente movimento do neoliberalismo escolar. Em seu desenvolvimento cada vez mais consolidado, a educação “inovadora” se apresenta como uma rede de relações entre diversas entidades que trabalham com “novas” abordagens de educação. Incorpora-se formatos de ensino e demandas historicamente do campo da educação democrática, porém sem qualquer perspectiva de transformação estrutural. Trata-se de instituições que abriram mão do formato tradicional das salas de aula com carteiras enfileiradas, embora permaneçam operando na manutenção da ordem social e das estruturas dominadoras de poder. Desse modo, mudar os métodos de ensino não é o suficiente para mudar a dimensão ético-política da educação. O conceito de sobrecodificação capitalística de Guattari e Rolnik é pertinente para analisar os processos de capturas das pedagogias progressistas que, assim como toda e qualquer diferença, são esvaziadas, recodificadas e reordenadas segundo os códigos dominantes. Contestamos as mudanças “inovadoras” que atendem exclusivamente a determinados grupos dominantes e que se limitam apenas ao desenvolvimento de uma modernização tecnológica e empresarial atrelada ao discurso neoliberal, continuando a perpetuar processos históricos de escolarização desigual, assim como noções de progresso coloniais e eurocentradas. Questionamos os discursos que anunciam a política de reforma escolar apenas como uma “modernização” que tornará a escola mais eficiente, recusando qualquer dimensão ideológica e política nessa estratégia, a partir de uma suposta neutralidade. Em diálogo com a educação “inovadora”, o neoliberalismo escolar caracteriza-se pela implementação da racionalidade do capital em lei social geral, produzindo um modelo escolar que considera a educação um bem privado. É a sujeição da escola à lógica econômica, como um serviço prestado às empresas. A educação torna-se um fator de atração de capital, um mercado promissor para as empresas, aliada ao enunciado de administração escolar “eficaz” sustentado pela esfera privada. Investigamos as nuances destes discursos, a fim de nos posicionarmos no horizonte de uma educação transformadora. Assim, este trabalho objetiva articular reflexões sobre uma educação democrática, crítica e libertadora com as discussões contemporâneas sobre educação “inovadora”. Enquanto objetivos específicos, problematizamos os processos de captura e sobrecodificação capitalística de metodologias de ensino progressistas, anunciando como a política de inovação neoliberal se atualiza enquanto tática de controle subjetivo; e analisamos os efeitos do crescente movimento de neoliberalismo escolar sustentado pelos grandes conglomerados educacionais. Para essa investigação, como metodologia de pesquisa, nos pautamos na pesquisa bibliográfica em portais de periódicos acadêmicos, em notícias de jornais de grande circulação e no levantamento de postagens, vídeos e informações de sites e redes sociais dos conglomerados de educação básica do país. Visamos a aproximação do campo da educação a partir da escolha de uma psicologia social não hegemônica, que se posiciona contrária às estratégias de exclusão que cumprem funções reguladoras e adaptativas, associadas aos interesses das classes dominantes. Afirmamos uma psicologia crítica que luta por um compromisso de transformação social, rompendo com perspectivas individualistas, a-históricas, etnocêntricas e positivistas. Propomos práticas e reconstruções teóricas comprometidas com as maiorias populares e com o combate e desmantelamento das modalidades de dominação. Apostamos que a potência de agir emerge a partir da multiplicidade de encontros. As subjetividades produzidas hoje nas escolas não deveriam ser apartadas das grupais e coletivas. Como desindividualizar, singularizar e criar linhas de fuga nessa esteira produtiva? Como podemos diferenciar uma educação democrática,

crítica e libertadora de uma educação neoliberal, em tempos em que tudo parece o mesmo? Palavras-chave: neoliberalismo; educação; inovação; psicologia educacional

### A Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais em jornais de Barbacena entre 1962 e 1978

Rodolfo Luís Leite Batista  
Eduardo Henrique Marques de Oliveira  
Gabriela Viveiros Dornelas  
Isabela Corine Celestino Nogueira  
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Esta comunicação apresenta um desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso Olhares impressos: um estudo histórico sobre a assistência a infância e adolescência a partir dos jornais de Barbacena (1975-1980), apresentado no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos em dezembro de 2021. Este trabalho objetiva identificar como alguns jornais de Barbacena descreviam Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais (Abae) em seus aspectos administrativos e as práticas de assistência destinadas aos excepcionais entre 1962 e 1978. Além de seu habitual papel como meio de comunicação numa comunidade, os jornais disseminam informações a respeito de diferentes temas e oferecem as perspectivas de uma sociedade sobre questões do cotidiano. Ao lado do rádio e da televisão, eles se tornaram um dos principais meios de comunicação para a divulgação de notícias ao longo do século passado. Tendo em vista a importância dos jornais, os autores se interessaram pelas formas como a assistência e a educação prestadas pela Abae eram noticiadas por alguns periódicos de Barbacena, Minas Gerais. Desse modo, procuraram conhecer a história dessa entidade e a presença da Psicologia Educacional em seu cotidiano. Em 1962, a Abae foi fundada por um grupo de pais de crianças com síndrome de Down, liderados por Ítalo Sogno, Léa Paulucci Cascapera e Túlio Octávio de Araújo Lima. Eles procuravam criar um espaço para a promoção de assistência médica, pedagógica, psicológica e social para o público infanto-juvenil excepcional. Esse recorte temporal compreende o período entre o ano de criação da entidade em questão e o ano de publicação da última reportagem a respeito da entidade antes dos anos 1980 – década marcada por transformações em entidades para pessoas excepcionais. Para alcançar o objetivo da pesquisa, os autores empreenderam uma pesquisa histórica de caráter descritivo. Inicialmente, realizaram uma revisão bibliográfica a respeito da história da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, da Educação Especial e da Psicologia Educacional. Essa estratégia metodológica se mostrou bastante importante, visto que permitiu aos pesquisadores conhecer informações relevantes que poderiam ter passado despercebidas apenas com a leitura dos documentos. Em seguida, coletaram informações nos jornais recolhidos no Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Para isso, os pesquisadores folhearam todos os periódicos acumulados e transcreveram os textos de interesse para a pesquisa. A partir da leitura das informações recolhidas, foram construídas duas tabelas: a primeira delas sistematizava nome do jornal, título do texto, data de publicação e gênero textual. Esse procedimento permitiu a identificação de múltiplas vozes e as diferentes funções cumpridas pelos jornais barbacenenses. A segunda tabela reuniu os objetivos e as características administrativo-financeiras da Abae e informações acerca das relações entre Psicologia e Educação ali empreendidas. A análise realizada mostra a intenção da entidade de utilizar os impressos para a divulgação de sua presença e atuação em Barbacena e região. Os jornais registraram aquilo que a Abae estava disposta a realizar pelos ditos excepcionais da época. Em suas ações, a

entidade contava com a participação da própria comunidade local por meio de auxílio financeiro; parcerias com empresas e instituições de cunho educativo e estimulando a participação da comunidade em reuniões para a tomada de decisões administrativas. Os jornais evidenciam ainda a preocupação em prestar assistência não-caritativa, formando uma rede de colaboração mútua com diversos grupos intelectuais brasileiros e estrangeiros para o desenvolvimento científico-profissional. Nesse sentido, vale salientar a presença da Psicologia, cujos conhecimentos eram aplicados em favor do desenvolvimento e da educação do excepcional. Na Abae, a Psicologia era utilizada com finalidade diagnóstica, terapêutica e orientativo-formativa. Espera-se que o conhecimento histórico produzido por esta investigação possa servir para outros trabalhos acadêmicos, bem como meio de promoção e divulgação de informações sobre a história das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais e do papel exercido pela Psicologia nessas instituições.

Palavras-chave: História da Psicologia; assistência aos excepcionais; jornais; Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais.

### **As práticas psicológicas e a participação da família na Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais entre 1962 e 1971**

Rodolfo Luís Leite Batista  
Maria Eduarda Copatti Lopes  
Sabrina Cristina de Oliveira

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

No Brasil, as relações entre Psicologia e Educação são um objeto de estudo privilegiado para a História da Psicologia em razão de sua importância para a constituição desses domínios de conhecimento. Investigar as práticas psicológicas empreendidas em instituições permite compreender o processo histórico que engendrou a Psicologia como profissão no país. Esta comunicação apresenta um recorte de pesquisa de Iniciação Científica em que se investiga o Serviço de Orientação Psicopedagógica da Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais entre 1962 e 1971. Nela, objetivamos analisar as práticas psicológicas profissionais destinadas às famílias de pessoas excepcionais atendidas e caracterizar a participação dessas famílias no cotidiano dessa entidade. A Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais foi fundada em 1962 a partir da iniciativa de um grupo de educadores e pais de crianças com Síndrome de Down. Naquele momento, a associação procurava prestar atendimentos voltados para pessoas com deficiência, dificuldades de aprendizagem e de integração social – para as quais utilizava o conceito de ‘excepcional’. O uso desse termo remonta ao trabalho da psicóloga e educadora russo-brasileira Helena Antipoff e buscava abarcar os indivíduos que se encontravam com desenvolvimento distinto daquele entendido como normal, a saber: os infradotados e os superdotados. A literatura consultada mostra que a noção de excepcionalidade procurava atenuar denominação depreciativas, tais como ‘crianças anormais’, ‘imbecis e ‘idiotas’, pondo fim ao processo de estigmatização desse público. A instituição se consolidou com a Educação dos Excepcionais prevista pela primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada em 1961. Para esta pesquisa, realizou-se uma revisão de literatura para contextualização das práticas psicológicas profissionais na época e, posteriormente, a análise de documentos administrativos e prontuários arquivados pela instituição. Algumas entrevistas com antigos profissionais da associação foram utilizadas como estratégia metodológica complementar. Nos prontuários, foram identificados encaminhamentos advindos de familiares dos usuários. Outro elemento percebido diz respeito ao

motivo das consultas realizadas na instituição que trazem problemas relativos à conduta e ao comportamento dos assistidos em contexto familiar. Esses problemas são descritos com expressões como: ‘problema de conduta’ e ‘atitude às ordens’, [criança] ‘criadora de problemas’ e [com] ‘dificuldade de socializar-se’. Havia também os ditos problemas relativos à organização familiar registrado como ‘desajustamento familiar’. Nos documentos administrativos, foram encontrados relatos acerca da participação de mães, pais e/ou responsáveis no acompanhamento de excepcionais. Esses relatos mostram que as famílias eram incentivadas a participar da assistência, prestando informações importantes para a compreensão do caso e a proposta de tratamento – por exemplo, histórico do desenvolvimento da criança e características de seu ambiente familiar e social. Além disso, foi identificado que os funcionários da instituição também discutiam conhecimentos relativos às deficiências, a fim de orientar e sanar as dúvidas apresentadas pelas famílias dos assistidos. Espera-se que esta investigação permita entender o envolvimento da família no acompanhamento da assistência prestada ao excepcional, bem como identificar e caracterizar as práticas psicológicas profissionais destinadas às famílias. Em consideração aos poucos estudos dedicados à história da Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais, esta comunicação também contribui para a pesquisa histórica a respeito da presença de profissionais da Psicologia em contexto local.

Palavras-chave: História da Psicologia; prática psicológica; família; excepcional; Associação Barbacenense de Assistência aos Excepcionais.

### "Queixa escolar": origem, circulação e apropriação do conceito no campo da Psicologia Escolar e Educacional

Renato Batista da Silva  
Marilene Proença Rebello de Souza  
Universidade de São Paulo

Este trabalho tem por objeto de estudo o termo “queixa escolar” no Brasil. Constata-se que o uso do termo “queixa escolar” tornou-se presente no campo da Psicologia Escolar e Educacional a partir do final do século XX para designar os encaminhamentos de educandos do sistema escolar formal feitos, em geral, por profissionais da Educação para atendimento psicológico, relacionado a dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de ser amplamente utilizada em produções e por profissionais da área, a origem desta expressão no campo ainda é pouco investigada. O interesse de pesquisa que move a presente investigação é o de compreender o desenvolvimento histórico das diferentes apropriações do uso desta expressão, “queixa escolar”, no campo teórico-prático da Psicologia Escolar e Educacional. Este interesse pode ser traduzido, de forma ampliada, em algumas perguntas norteadoras, quais sejam: 1) como se deu a origem da formulação da conceituação da expressão “queixa escolar”?; 2) Como a expressão “queixa escolar” circulou pelos meios acadêmico-científicos no país e como foi apropriada por profissionais e pesquisadores ao longo do tempo?; 3) Como tem sido sistematizado o atendimento às queixas escolares no Brasil?; 4) Que concepções e fundamentações teóricas embasam os modelos de intervenção em queixas escolares que têm sido construídos e ensinados? Para tanto, apresenta como objetivo geral investigar e analisar a origem, a circulação e o processo de apropriação do termo “queixa escolar” no campo teórico-prático da Psicologia Escolar e Educacional. Esta pesquisa se inspira no materialismo histórico-dialético como método de investigação. Isto implica em buscar compreender o movimento e transformação do objeto a partir de uma análise histórica de sua origem e

constituição, considerando os elementos da totalidade, processualidade (historicidade), contradições e mediações. A coleta de dados está sendo feita por meio de técnicas de pesquisa documental e bibliográfica. Como fontes de dados, utiliza-se artigos, teses, dissertações, livros e anais de congressos na área de Psicologia Escolar no período de 1990 a 2021, buscando identificar como o termo comparece na literatura especializada da área. Para a análise de dados, esta pesquisa se vale das categorias historiográficas de “circulação” e “apropriação”. Como resultados preliminares, destacam-se os seguintes aspectos: a) confirma-se a origem deste termo no grupo de psicólogas e docentes do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, na década de 1990; b) a expressão parece estar relacionada ao vocabulário do campo da saúde, a partir de uma apropriação para o campo escolar; c) o uso desta expressão está relacionado ao movimento de crítica em Psicologia Escolar que ocorreu a partir dos anos 1980; d) nos anos seguintes, ampliou-se a utilização e apropriação do termo no meio acadêmico-científico; e) foram identificados seis grupos acadêmico-científicos que apresentam propostas relacionadas ao termo “queixa escolar”. Por fim, considera-se que este trabalho contribua para compreender a diversidade de apropriações da expressão “queixa escolar” e seus desdobramentos no Brasil.

Palavras-chave: Queixa Escolar; Psicologia Escolar e Educacional; História da Psicologia; Circulação; Apropriação.

### **Palácios da miséria: a institucionalização da infância no Brasil desde a colônia até a república**

Daniel Arruda de Lima

Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho consiste na análise sobre os modelos discursivos predominantes nas instituições erigidas para receber crianças afastadas do convívio familiar, com recorte temporal delimitado entre os anos de 1500 e 2000, o que abrange desde o período colonial até o processo de redemocratização do país, após a promulgação da Constituição Federal de 1988. Neste trajeto, buscamos identificar a participação da psicologia, mesmo antes da sua organização científica ou regulamentação profissional, na atenção às infâncias mais vulneráveis. Nosso objetivo, portanto, é organizar um panorama histórico sobre a institucionalização de crianças afastadas do convívio familiar mediante o encaminhamento para educandários, abrigos, orfanados, casa dos expostos etc. Como recurso metodológico, optamos pela realização de uma revisão literária no intuito de identificar o que já foi produzido sobre o tema. Dessa forma, encontramos três modelos discursivos no período analisado: caritativo, filantrópico e de bem-estar social. Em linhas gerais, é possível identificar e descrever o contexto de emergência de cada um deles, entendendo que a demarcação dos períodos históricos não deve ser confundida com a superação de uma ou outra forma de lidar com a situação. Em verdade, os três modelos ainda existem e, por vezes, disputam um mesmo espaço. 1) o modelo caritativo se baseia no ideal cristão de amor ao próximo e está presente desde a invasão portuguesa em 1500, quando foi difundido através dos clérigos jesuítas. Com o passar do tempo, notou-se que as ações empreendidas pelas instituições de caridade eram insuficientes para resolver o problema com a infância, a saber: o alto índice de mortalidade das crianças deixadas para o cuidado de religiosos ou em serviços administrados por religiosos. 2) o modelo filantrópico emergiu no século XIX, marcado pelo estabelecimento do método científico em substituição aos fundamentos da igreja. Este modelo se

alinhas com o pensamento liberal e foi enfaticamente defendido pelos magistrados, que se baseavam no discurso da classe médica, a mandatária da ciência e protagonista no projeto de desenvolvimento da nação. Pouco a pouco, os temas da pobreza, até então concentrados na igreja, foram ganhando espaço nas discussões da elite intelectual brasileira em consonância aos ideais da república. Nesse contexto, a família pobre passou a ser alvo do discurso moralista do estado, que julgava sua capacidade para cuidar dos filhos. 3) o modelo de bem-estar social adveio no bojo de uma série de reformulações jurídicas que refletem o robustecimento do poder judiciário e os avanços nos marcos legais brasileiros, em diálogo com diretrizes internacionais desde início do século XX. Contudo, a mudança real no discurso somente ocorreu a partir da década de 1990, com os avanços democráticos decorrentes da nova constituinte. Gradativamente, as psicólogas passaram a ocupar os espaços de planejamento, implantação e avaliação das políticas sociais. Porém, a categoria precisou reconhecer que a simples aplicação do arcabouço teórico e metodológico já existente não seria suficiente para o atendimento a um público tão distinto daquele com o qual a psicologia costumava lidar, o que constitui um grande desafio para as psicólogas ainda hoje. Por se tratar do excerto de uma pesquisa de mestrado em andamento, as informações apresentadas neste trabalho referem-se aos primeiros achados da investigação, situada no campo da história da Psicologia Social. Nesta revisão inicial dos dados, encontramos indícios de um possível determinante racial no perfil das crianças institucionalizadas, destacando crianças indígenas e aquelas descendentes de mulheres africanas escravizadas ou recém “libertas”.

Palavras-chave: história da psicologia, infância, instituições.

## Sessão 11 - História da Psicologia no Brasil e seus atores

### Notas historiográficas sobre a psicologia clínica no Brasil: A partir de Elso Arruda (1945-1985)

Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota  
Rodrigo Lopes Miranda  
Unigran Capital

Em meados do século XX, a Psicologia Clínica, e, particularmente, a Psicoterapia, se fortaleceram como práticas da Psicologia no Brasil. Registros históricos desvelam aspectos da conformação de tal campo, sobretudo pela presença de profissionais de diferentes áreas do Campo Psi – e.g., psiquiatras, psicólogos e psicanalistas –, os quais estariam envolvidos em controvérsias relativas aos aspectos legais, metodológicos, de aplicação, no intuito de solucionar problemas de ajustamentos. Essa pesquisa propôs a construção de uma narrativa historiográfica das controvérsias estabelecidas nas práticas das clínicas Psi, ao analisarmos produções intelectuais de Elso Arruda. Acreditamos que analisar os debates no campo Psi, sobretudo da personagem, propicia-nos revelar aspectos da conformação da Psicologia Clínica, no país. Metodologicamente, essa é uma investigação historiográfica, com uso de estratégias do gênero biográfico e biografia contextualizada, por meio do emprego de ferramentas para ler os dados e os conceitos advindas da História das Ciências, da compreensão de circulação dos fatos científicos de Bruno Latour e controvérsias, advindas dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia – ESTC. Para análise e interpretação das fontes primárias foi proposta a ideia de análise documental. Utilizamos como fontes primárias textuais produções de autoria de Elso Arruda publicadas nos três períodos de veiculação dos Arquivos Brasileiros de Psicologia; 06 livros de autoria da personagem, configurando o recorte temporal de 1940 a 1985; e acessamos o acervo digital

brasileiro – Hemeroteca. Nessa perspectiva, as fontes sinalizaram controvérsias entre dois modelos psiquiátricos, à época. Os quais produziram tensionamentos entre psiquiatras que se nominavam de modernos, na contramão dos que seriam clássicos, denominados por Arruda como modelo psiquiátrico clássico e modelo moderna psiquiatria. Identificamos ainda, um alargamento do modelo psiquiátrico clássico por parte de alguns psiquiatras envolvidos com o campo das práticas da clínica Psi, ao absorver aspectos psicológicos (subjetividade), ao abrir a possibilidade de compreender o sofrimento subjetivo a partir da noção anímico-existencial e sociais. Podemos considerar a proposta de leitura fenomenológica da totalidade anímico-existencial como uma anomalia, ou seja, uma novidade que se apresentou para aqueles que seguiam um modelo clássico. No entanto, as fontes sinalizaram uma estratégia adotada por aqueles envolvidos com modelo psiquiátrico clássico, para lidar com as exceções do seu sistema, teria sido a tentativa de incorporação daquilo que não era observável em alterações anatomo-fisiológicas do corpo humano. Por esse motivo foi observado apenas um alargamento do modelo clássico. Por outro lado, as fontes apontaram que, a psiquiatria que estaria se considerando moderna estaria preocupada com uma assistência de base na prevenção e reabilitação. Dessa forma, tal alargamento produziu controvérsias também no campo da assistência à saúde mental, com foco na prevenção, reabilitação e promoção. Nessa direção, as práticas das clínicas Psi precisariam ser repensadas. Pois até então cabia a Psicologia o papel de auxiliar a Psiquiatria com seus métodos e técnicas psicológicas no campo clínico. No entanto, com uma assistência terapêutica visando a prevenção, promoção e reabilitação, para além de curar e fazer diagnóstico, a Psicologia poderia passar a atuar no campo das práticas clínicas na saúde mental. Identificar essa expansão sinalizou aspectos da conformação da Psicologia Clínica como campo de atuação operando de forma auxiliar da atuação do psiquiatra, oferecendo métodos e técnicas psicológicas para diagnósticos e tratamento psiquiátricos. Por fim, a pesquisa permitiu inferir que a Psicologia clínica teve sua conformação relacionada diretamente com a práxis clínica da Psiquiatria. E dessa forma, identificamos elementos do fazer psicológico na prática das clínicas Psi que nos desvelam tensionamentos no campo da Saúde Mental, pelo menos entre a Psiquiatria e Psicologia, bem como aspectos da conformação da Psicologia Clínica, no país.

Palavras-chave: história da psicologia, história da psiquiatria, história da psicanálise, saúde mental.

### Considerações para o reconhecimento de Elisabeth da Boêmia na História da Psicologia

Mary Emily Mattoso Silva Suzano

Gabriela Vieira Brasil de Araújo

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira

Universidade Federal Fluminense (UFF)

O presente estudo é fruto da pesquisa “O Corpo nas Teorias Psicológicas”, desenvolvida durante os anos de 2021 e 2022, coordenada pelo Prof. Dr. Thiago Constâncio Ribeiro Pereira e vinculada ao FHIPsi - Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia. Durante a primeira fase da pesquisa foi contemplada a obra do filósofo R. Descartes (1596-1650), e constatada a necessidade histórico-epistemológica de incluir em nosso escopo a sua correspondência com a Princesa Elisabeth da Boêmia (1618-1680), desenvolvida no período de 1643-1649. Por não ter publicado nenhum trabalho próprio, e por não ter textos de conhecimento público para além das correspondências com Descartes, Elisabeth foi muitas vezes reconhecida apenas como mais uma cartesiana e amiga do famoso filósofo. No entanto,

apesar do sistemático esquecimento da filósofa enquanto protagonista de seu próprio pensamento, Elisabeth merece aparecer na história da psicologia como uma personagem de extrema importância para o estudo da união entre corpo e alma, bem como das paixões. Seu olhar arguto para a metafísica cartesiana e suas inquietações com as paixões, algumas vezes atravessadas por questões de gênero, fomentaram debates que ainda hoje estão presentes no estudo da filosofia e da psicologia. Dessa forma, urge o reconhecimento da importância e de uma teoria própria a Elisabeth, que ecoam em suas inquietações e discordâncias com o seu amigo filósofo. Apostamos na sua contribuição para a discussão de temas como as paixões e a relação entre corpo e alma, pouco explorados em função de seu obscurecimento pelo suposto dualismo cartesiano. O objetivo do presente estudo é, portanto, oferecer algumas considerações para o reconhecimento de Elisabeth no desenvolvimento das ideias psicológicas do século XVII, em particular no que se refere à união entre corpo e alma e às paixões da alma. Para isto, será contemplada a sua correspondência com Descartes, além da literatura secundária. Notamos, em primeiro lugar, a relevância do recurso epistolar para o desenvolvimento das ideias dos pensadores. Em particular, reconhecemos que a escrita epistolar se apresenta enquanto um recurso possível às mulheres para a elaboração de seus pensamentos em suas épocas e condições, assim como para o reconhecimento específico da figura de Elisabeth da Boêmia no interior da história da filosofia e da psicologia. Ademais, foi através desse recurso que Descartes e Elisabeth trataram de temas fundamentais, como a relação entre corpo e alma, as paixões da alma, a vida prática, e etc. É importante destacar que Elisabeth dedicou sua vida aos estudos, principalmente no campo da filosofia, o que a colocou frente a Descartes não apenas numa posição de aluna, mas de alguém capaz de mobilizar questões e hipóteses importantes. Sua resistência ao aceitar as explicações cartesianas sobre a interação entre a alma e o corpo possibilitou um olhar mútuo para o composto da união. Este reconhecimento da união, percebida através da vida prática, foi tematizado por Elisabeth ao compartilhar seus processos de adoecimento e tristeza, atravessados por questões religiosas, de gênero, e referentes ao seu título de princesa. O frequente debate acerca da moral e das paixões nas correspondências foi posteriormente melhor elaborado por Descartes em seu tratado *As Paixões da Alma* (1649). É possível até mesmo sugerir que o estilo socrático de Elisabeth, e sua oposição ao otimismo de Descartes ao conduzir o debate, foram responsáveis por promover uma maturação do trabalho do filósofo, observada nas *Paixões*. Compreendemos haver aqui um estudo que, além de contribuir com noções caras à história do desenvolvimento das ideias psicológicas, é também sensível ao estudo das mulheres na história da filosofia e da psicologia ao menos em dois eixos: o primeiro, meta-historiográfico e epistemológico, no reconhecimento do recurso epistolar; o segundo, historiográfico, no resgate de personagens femininas relevantes para a história da psicologia.

Palavras-Chave: Elisabeth da Boêmia, História e Filosofia da Psicologia, Epistolografia, Relação Corpo-Alma, Paixões.

## Popularização da Psicologia enquanto ciência: Emilio Mira y López na imprensa Brasileira entre 1940 e 1960

Filipe Degani-Carneiro  
José Felipe Vitor Machado  
Laura Araújo Delarue dos Santos  
Lucía Rodríguez González

Este trabalho visa compreender o papel de Emilio Mira y López na popularização da Psicologia dentro da imprensa brasileira entre as décadas de 1940 e 1960. Mira y López é uma personagem de elevada importância no estudo histórico da institucionalização e profissionalização da Psicologia no Brasil. Foi criador do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) (1947), da revista *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* (1949) e da Associação Brasileira de Psicotécnica (1949), entidade autora do anteprojeto de regulamentação da profissão de psicólogo, redundando na lei 4119, de 27 de agosto de 1962. Entre as décadas de 1940 a 1960, Mira y López e o ISOP agregaram grande número de profissionais interessados no estudo e treinamento profissional em Psicologia, divulgando o saber psicológico e dando visibilidade à Psicologia enquanto campo profissional emergente. Além de sua relevante trajetória profissional, uma face pouco explorada pela historiografia é a sua atuação enquanto “intelectual público” e divulgador da Psicologia. Mira y López transitava por distintos círculos da elite política, empresarial e acadêmica, ministrando cursos, conferências e outros eventos de natureza técnico-científica que atraía a imprensa local das distintas cidades do Brasil e outros países latino-americanos que visitava. Também era frequentemente convidado por veículos da imprensa, enquanto especialista “psi”, para comentar acerca de fatos do cotidiano e do noticiário político. Considerando esse contexto, realizamos uma pesquisa acerca das publicações de/sobre Emilio Mira y López na imprensa, tendo por objetivo analisar os discursos psicológicos dirigidos ao grande público nas suas intervenções na imprensa das décadas de 1940 a 1960. A análise das temáticas frequentes em tais atividades de popularização da ciência busca relacioná-las com elementos do contexto histórico da época, examinando as relações de tal atividade com o processo de difusão, autonomização e institucionalização da Psicologia como profissão no Brasil no mesmo período. O material pesquisado compõe os Arquivos Alice e Emilio Mira y López, que integram desde 2016 a coleção da biblioteca do Laboratório Clio-Psyché e da Rede Sirius de Bibliotecas da UERJ. Este arquivo foi mantido ao longo dos últimos anos por Alice Mira, que após o falecimento de seu marido dedicou-se à guarda de documentos referentes à sua “vida pública” – artigos, entrevistas ou citações em jornais. Além dos originais físicos, os cadernos foram digitalizados pela FGV, a pedido da família, desejosa de uma cópia. Graças a isto, foi possível realizar sua catalogação, ao longo da suspensão das atividades presenciais nos anos de 2020 e 2021. Dentre os arquivos, trabalhamos com 9 Cadernos contendo recortes de jornais e outros documentos sobre a vida e trabalho de Emilio Mira y López. Nos cadernos em específico, predominam recortes de publicações, autorais ou não, de Mira y López na imprensa de distintos países em que esteve. A catalogação já realizada localizou 2411 documentos, dentre os quais 1538 foram classificados como Publicações na Imprensa. Também foi realizada uma classificação mais detalhada quanto aos temas presentes, dentre os quais se destacam: Eventos Científicos (553), Infância e Juventude (124), Instituto de Seleção e Orientação Profissional (112), Psicopatologia (73), Motoristas de trânsito (79), etc. Como resultados da análise desses 9 cadernos, alguns documentos já analisados apontam interessantes caminhos de investigação e sua trajetória evidencia uma atitude de difusão e popularização da Psicologia enquanto uma ciência capaz de

proporcionar aplicações úteis aos mais variados campos da vida humana, seja em escala micro (nas relações familiares, na vida íntima), seja na análise dos embates políticos nacionais e internacionais.

Palavras-chave: História da Psicologia, Psicologia no Brasil, Emilio Mira Y López, Popularização Científica, Imprensa.

### **Pelas memórias de um pioneiro: a trajetória de Waldir dos Santos Costa na história da Psicologia no Amazonas**

Selma Barboza Perdomo

Universidade do Estado do Amazonas

A compreensão da trajetória de Waldir dos Santos Costa, nesta investigação, passou pelas instituições que contribuíram para sua formação como psicólogo e por seus espaços de atuação, ao implantar os primeiros serviços de Psicologia do Amazonas e se dedicar a favor da regulamentação da profissão neste estado, durante o período de 1973 a 2018, enquanto assumiu a gestão de instituições, exerceu o magistério e liderou movimentos associativos. Trata-se de um estudo biográfico, cujas narrativas deste sujeito e de sua rede de sociabilidade foram fontes privilegiadas de pesquisa. Nesse sentido, a História Oral, compreendida nesta pesquisa como método, se refere a um espaço de contato e influências interdisciplinares, em escalas e níveis locais e regionais, com ênfase nos fenômenos e eventos que permitem, mediante a oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos e sociais. Para interrogar os depoimentos e documentos selecionados em arquivos pessoais e várias instituições de guarda, buscamos pistas de sua presença profissional, acadêmica e de organização dos psicólogos da cidade de Manaus. Unidos deste material, recorreremos a Halbwachs (2003), Bosi (2004) e Kotre (1997), por suas contribuições à compreensão da memória; Bourdieu (2006, 2010) e Certeau (2017), com o entendimento da construção de um campo de atuação e da história; Sirinelli (2006), em relação à concepção de geração; Alberti (2013, 2019), para a apreensão das narrativas. Para refletir a respeito dos documentos guardados por este sujeito, recorreremos a Mignot e Cunha (2006), quando entendem os arquivos pessoais de intelectuais da educação como uma forma de escrita de si, que permite pensar na importância de uma memória de papel para o reconhecimento de diferentes propostas e práticas. Waldir dos Santos Costa (1939-2019) foi um psicólogo amazonense, nasceu na cidade de Manaus onde estudou até o ensino ginasial. Mudou-se para o estado de Pernambuco e depois para a cidade de Lorena-SP, locais onde se preparou para ser padre. Graduou-se em Filosofia, Pedagogia Salesiana, Letras e, após desistir do sacerdócio, decidiu cursar Psicologia. Retornou a Manaus em 1973 e, a partir de então, dedicou-se a implementar o Serviço Médico e Psicológico no Departamento de Trânsito do Amazonas (DETRAN-AM), local onde trabalhou até o ano de 2018. Atuou junto à categoria regulamentadora de psicólogos amazonenses, organizou e coordenou o curso de graduação de Psicologia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A partir disso, esse estudo buscou interrogar: Quais espaços, pessoas e processos fizeram parte das memórias de Waldir dos Santos Costa, especialmente sobre seu itinerário intelectual no desenvolvimento do campo da Psicologia no Amazonas? Na arquitetura escrita são interpretados dos aspectos de sua formação ao legado deixado por este sujeito em sua rede de sociabilidade intelectual. As memórias de Waldir dos Santos Costa ajudam a tornar inteligível parte importante da história da Psicologia no Amazonas e, na dialética entre o individual e social, juntamente com sua rede de sociabilidade intelectual, compreende-se que ele fomentou novas realidades sociais às dimensões referentes a esta área profissional ao inaugurar serviços específicos para a atuação do psicólogo, atuando na distinção desta categoria; na dimensão institucional,

ao atuar junto aos mecanismos de regulamentação da profissão, desde a Associação de Psicólogos Amazonenses (1979) até a constituição do Conselho Regional de Psicologia (CRP/20) em 2011; e na dimensão educacional ao inaugurar e coordenar o curso de Psicologia na Universidade Federal do Amazonas, em 1995, único curso de oferta pública no estado até a atualidade, portanto, atuou na democratização da formação superior em Psicologia. A partir dessa operação historiográfica, compreende-se que a preservação da memória e a função de consolidar a experiência social podem fortalecer os pilares da identidade de uma profissão. Além disso o presente trabalho pretende contribuir para a preservação da memória deste protagonista e, sobretudo, para o conhecimento de alguns aspectos da história da Psicologia no Amazonas, ainda insuficiente na historiografia deste campo nesta região.

Palavras-chave: Waldir dos Santos Costa. História da Psicologia. Historiografia da Psicologia no Amazonas.

### **“Mirando” Freud: a Psicanálise na obra de Emilio Mira y López**

Fernando Ben Oliveira da Silva

Ana Maria Jacó-Vilela

Filipe Degani-Carneiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Emílio Mira y López (1896-1964), catalão, médico psiquiatra, professor de psicologia e atuante em psicotécnica na primeira metade do século XX, deixou muitas obras e publicações no campo da psicologia. Sua relevância no processo de institucionalização e regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil, a partir de seu trabalho à frente do Instituto de Seleção e Orientação e Profissional (ISOP), desde 1947, é bastante assinalada na historiografia da Psicologia no Brasil. Uma reconhecida marca de sua produção intelectual é seu ecletismo, posto que Mira y López versava sobre os mais diversos temas, dentre os quais: infância e adolescência, psicoterapia, higiene mental, psicologia jurídica, avaliação psicológica – com ênfase no Psicodiagnóstico Miocinético (PMK), teste por ele criado. Contudo, a psicanálise merece atenção neste contexto, pois foi Mira o primeiro tradutor das obras de Freud na Espanha, bem como publicou livros direcionados ao assunto e se pronunciou também na mídia se servindo deste saber *psi*. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as concepções acerca da teoria psicanalítica e da obra de Sigmund Freud presentes na obra de Emilio Mira y López. Para tanto, foram considerados quatro de seus livros que tratam diretamente sobre a psicanálise, a saber: a) "El psicanálise" (1926), publicado em catalão; b) "Manual de psicoterapia" (1942), originalmente publicado na Argentina (onde Mira viveu de 1940-44) e publicado em português em 1949; c) "Los fundamentos del psicoanálisis" (1943), também traduzido para o português em 1949; e d) "Doctrinas Psicoanalíticas: exposición y valoración crítica" (1963), traduzido e publicado pela Fundação Getúlio Vargas no mesmo ano. Foram também analisados alguns documentos do Acervo Alice e Emilio Mira y López, que integram os Arquivos do Laboratório Clio-Psyché (UERJ): notadamente, 9 Cadernos contendo recortes de jornais, publicações e outros documentos referentes à trajetória de Mira y López (1896-1964), a partir de 1939 – início de seu exílio, ao final da Guerra Civil Espanhola – até 1964, ano de sua morte. Os documentos encontrados no acervo possuem imensa variedade temática, abrangendo não somente a atuação de Mira y López em eventos científico-acadêmicos como também artigos, colunas e entrevistas publicadas em veículos de imprensa, que marcam sua intensa participação no debate público, voltada para a divulgação e a popularização da

psicologia, saber que se institucionalizava científica e profissionalmente no Brasil nesse período. Ao “mirar” Freud e a psicanálise através da perspectiva de Emilio Mira y Lopez, observa-se em algumas passagens uma interpretação não-literal da Psicanálise que normalmente pode ser também percebida na obra seus estudiosos e defensores, como Durval Marcondes, Jacques Lacan, entre outros. Em "El psicanálise" (1926), Mira demonstra em sua tese a importância da psicanálise na atuação médico psiquiátrica. No “Manual de psicoterapia” (1942) a psicanálise, como único constructo teórico, se apresenta em um papel secundário na atuação do psicoterapeuta. Bem como, é percebido em “Los fundamentos del psicoanálisis” (1943), por exemplo, Mira y López realizando inúmeras críticas aos seguidores da psicanálise e Freud, rendendo-lhe como um grande pesquisador, mas advertindo contra um endeusamento de sua figura. Lembra os leitores que o conceito de inconsciente já existia anteriormente, assim como outros conceitos psicanalíticos. Defende na obra "Doctrinas Psicoanalíticas: exposición y valoración crítica" (1963), uma psicanálise mais livre, aberta para questionamentos e refutações. Nas publicações na imprensa integrantes dos Arquivos Clio-Psyché (UERJ), por exemplo, Mira y López é citado no Correio do Amanhã em 1960, por ocasião da fala do então Ministro do STF Nelson Hungria, que dissera em um congresso que a psiquiatria não cura e a psicologia não é ciência. O discurso de Mira y López é apresentado em contraponto ao do Ministro e, nessa ocasião (como em algumas outras), foi referido não apenas como especialista em Psicologia, mas como “psicanalista”. Ainda que se trate de um momento em que os saberes *psi* estavam se institucionalizando e, por vezes, eram confundidos pelo senso comum, é evidente que a psicanálise freudiana estava presente no arcabouço teórico-conceitual das atividades de Mira y López de divulgação e popularização da ciência psicológica.

Palavras-chave: História da Psicologia no Brasil, Psicanálise, Emilio Mira y Lopez, Popularização Científica, Imprensa.

### **Maria Brasília Leme Lopes: Contribuições para a Psicologia no Brasil (1928-1936)**

Luiz Eduardo Prado da Fonseca  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Brasília Leme Lopes (1906 – 1996) foi uma médica e psicóloga que contribuiu imensamente para o avanço da ciência brasileira. Muito conhecida pela sua atuação no campo da hemoterapia, ramo da Medicina que se utiliza do sangue humano no tratamento de doenças, Leme Lopes também destacou-se como defensora da presença das mulheres na ciência. Participou da fundação da Associação Brasileira de Mulheres Médicas (ABMM), tendo-a presidido entre 1966 e 1971. Por conta destas contribuições, foi reconhecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na sexta edição do projeto “Pioneiras da Ciência no Brasil”, originalmente publicada em 2016, que conta com uma breve biografia e suas principais produções. Este trabalho visa retomar a parte de sua obra que é menos conhecida e explorada, a saber, quando trabalhou com a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), no Rio de Janeiro, no laboratório de psicologia da referida instituição. Anteriormente tendo se formado como professora na Escola Normal da Prefeitura do antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro, travou contatos com a Liga de 1928 até 1936, quando sua obra volta-se para a Medicina após sua formação como médica na Universidade do Brasil. Sabe-se, atualmente, de pelo menos três trabalhos de sua autoria, sozinha ou em conjunto com outra pessoa: “Sugestões para o Emprego dos Tests”, de 1928, “Pesquisas sobre a Memória de Fixação” de 1930, e “A atenção

concentrada explorada pelo Teste de Cancelamento”, em 1932, todos publicados na revista da LBHM, “Archivos Brasileiros de Hygiene Mental”. Com base no levantamento da biografia de Leme Lopes disponível no site do CNPq, esta pesquisa tentará retomar um pouco da trajetória desta pesquisadora, utilizando-se da consulta aos volumes dos “Archivos Brasileiros de Hygiene Mental”, bem como uma pesquisa histórica em bases que possuam publicações da Liga durante o período definido. Atualmente em andamento, um levantamento nos jornais da época, através da consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, pretende traçar a trajetória de Leme Lopes de professora municipal até o fim de sua participação no laboratório da LBHM. Os resultados preliminares apontam para possibilidades de pesquisa na investigação sobre o funcionamento da Clínica de Eufrenia, operada pela LBHM após sua fundação em 15 de dezembro de 1931, localizada no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Leme Lopes foi a psicologista-chefe do laboratório, que visava “prevenir as doenças nervosas na infância, corrigir as reações psíquicas anormais e sublimar o caráter da juventude”, segundo publicação da Liga nos “Archivos Brasileiros de Hygiene Mental” de 1932. Por fim, encaminhando esta pesquisa para desenvolvimentos futuros, há a possibilidade de investigação de uma ocorrência até então não mencionada na bibliografia da história da psicologia no Brasil. Trata-se da criação de um aparelho idealizado por Plínio Olinto, à época psiquiatra-chefe do Serviço de Profilaxia Mental da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, para medir a atenção de trabalhadores de diversas profissões. Tal aparelho, cuja conceituação teórica e descrição prática constam no trabalho “Aptidão de Atenção”, publicado por Olinto em 1930 nos Anais da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, teria sido construído por Maria Brasília Leme Lopes e seria intitulado “Prosexímetro”. Este trabalho visa publicizar este aparelho e o esforço de Leme Lopes, até então desconhecidos pelo campo de história da psicologia no Brasil.

Palavras-chave: Maria Brasília Leme Lopes, Liga Brasileira de Higiene Mental, Prosexímetro

## Sessão 12 - Loucura e saberes psi em interface histórica

### A coleção bibliográfica de obras especiais do Instituto de Psiquiatria da UFRJ como fonte para a história dos saberes Psi.

Cátia Maria Mathias

Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz

O presente trabalho é parte de um projeto de pesquisa que está em andamento no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz e também está presente na dissertação de mestrado defendida pela autora no mesmo programa. Com o objetivo de conhecer um pouco da história dos saberes Psi no Brasil, optamos por investigar as origens da formação, características e singularidades de parte da coleção de Obras Especiais da Biblioteca do Instituto de Psiquiatria – IPUB/UFRJ. Vale mencionar que o Instituto de Psiquiatria se originou do Pavilhão de Observação do Hospício Nacional de Alienados (HNA), instituição relacionada com a Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e com o referido Hospício. O ponto de partida desta investigação é o ano de 1894, data na qual o Pavilhão iniciou suas atividades. O recorte final será o ano de 1938, quando o Pavilhão de Observação foi incorporado pela Universidade do Brasil, atual UFRJ, passando a denominar-se Instituto de Psiquiatria. Identificar o acervo que foi adquirido durante esse período (1894-1938), além de evidenciar o referencial bibliográfico formado para dar suporte as atividades teórico e práticas do setor, nos ajudou a refletir sobre alguns aspectos da

história da psiquiatria no Rio de Janeiro, por meio do ponto de vista da história do livro. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizado um levantamento no primeiro livro de tomo da Biblioteca do IPUB/UFRJ – documento onde eram registrados os livros que deram entrada na instituição. Também foram identificados e selecionados, diretamente nas estantes da Biblioteca, os livros da coleção de obras especiais do IPUB/UFRJ que originalmente compunham o acervo do antigo Pavilhão e obras que pertenceram a bibliotecas particulares de professores, alunos e psiquiatras relacionados tanto com a Clínica Psiquiátrica da FMRJ como com o Hospício de Alienado, vistos que estes tinham marcas de proveniência (carimbos, assinaturas, data e local onde a obra foi adquirida, dedicatórias, etc.), indicando sua origem. Para compreender a relação entre o Pavilhão e os livros iremos dialogar com os conceitos circuito de comunicação do livro, de Robert Darnton (2010); de lugar de ciência, de David N. Livingstone (2003); e de capital simbólico, de Pierre Bourdieu (2007). Os resultados parciais desta pesquisa revelaram que na coleção bibliográfica de obras especiais do Instituto de Psiquiatria da UFRJ existem livros com carimbo institucional do Pavilhão, da Biblioteca do Hospício de Alienados e de livros que pertenceram a docentes e médicos como, por exemplo: Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969), Adalto Junqueira Botelho (1895-1963) e Fábio de Azevedo Sodré (1891-1967). Embora a maioria das obras sejam no idioma francês, verificamos que no decorrer das primeiras décadas do século XX, obras em alemão, inglês, italiano, espanhol e em português se fizeram presentes de forma mais significativa. As traduções também fazem parte do acervo e merecem ser analisadas com cuidado. Quanto as temáticas dos livros, pelo fato do Pavilhão ser uma instituição de ensino na qual a prática médico psiquiátrica era atividade fundamental, parte do acervo é constituída por manuais e livros textos. Também percebemos a presença de livros relacionados a nosologia e as terapêuticas das doenças mentais. Os livros de psicologia possuem significativa presença nessa coleção, e, apesar do Pavilhão possuir um gabinete de psicologia experimental, constata-se que parte dessas obras provêm das bibliotecas particulares dos antigos docentes, médicos e estudantes. O acervo bibliográfico formado no Pavilhão de Observação foi construído de acordo com os interesses e linhas teóricas da instituição ou em sintonia com os objetivos dos antigos proprietários dos livros. No entanto, vale destacar que, independentemente da origem do acervo, a conjuntura econômica, política, social e cultural do país naquele período influenciou a formação desses acervos. Ao utilizar fontes pouco usuais na história da psiquiatria, como por exemplo, o livro de tomo e a coleção bibliográfica do Pavilhão de Observação, esperamos vir a contribuir com um novo enfoque sobre alguns pontos da história dessa especialidade médica, principalmente ao estabelecer um diálogo entre a História da Psiquiatria e a História do Livro no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: História da Psiquiatria, História do Livro Médico, Pavilhão de Observação do HNA.

### O uso de testes psicológicos na psiquiatria no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX

Pedro Henrique Leal Cardoso  
Luccas da Silveira Marques  
Ana Beatriz Andrade da Silva  
Ana Maria Jacó-Vilela  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O Hospício Nacional de Alienados, criado no Rio de Janeiro em 1841 e nomeado Hospício Pedro II, era a principal instituição de internação e tratamento da loucura no final do século XIX e início do século XX. Com a criação da cátedra de Clínica Psiquiátrica em 1881, é notório um crescimento do interesse pelos saberes e técnicas psicológicas, sendo estas o objeto de estudo de diversas teses nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, e entre elas se destaca a tese de Henrique Belford Roxo, considerada o primeiro trabalho de psicologia experimental no Brasil. A partir do início do século XX, a pesquisa e prática psicológicas cariocas começaram a receber bastante influências da psiquiatria organicista alemã de Emil Kraepelin, através da figura de Juliano Moreira, diretor do HNA de 1903 a 1930. Com a criação do Pavilhão de Observações (PO), porta de entrada do HNA, iniciou-se a aplicação e experimentação das teorias de Kraepelin na assistência aos internos, em substituição gradual do alienismo francês. Descortinava-se, dessa maneira, uma prática psiquiátrica que visava reformar estruturalmente os conhecimentos e as instituições de psiquiatria brasileiras, de modo a fornecer-lhes maior cientificidade, de acordo com os novos paradigmas da época. Para tal, foi fundamental a utilização dos laboratórios enquanto instrumento de investigação, a fim de atestar a proximidade entre a psiquiatria e o caráter objetivo da medicina geral. Mediante diversos estudos acerca do tema, enfatiza-se que há uma lacuna na literatura sobre a institucionalização da Psicologia no Brasil, na qual a apropriação dos saberes e técnicas psicológicas pela ciência médica não é explorada. À vista disso, é de extrema importância e relevância para o campo explorar este espaço ainda pouco conhecido. Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo investigar a utilização dos saberes e técnicas psicológicas, notadamente os testes, no HNA. A metodologia empregada é a revisão bibliográfica sobre o tema e pesquisa documental, que visa o levantamento e catalogação de testes psicológicos e outros dados pertinentes à pesquisa, nos prontuários do HNA, localizados no Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. Tendo como recorte temporal o período de 1905 a 1944, a pesquisa documental dá continuidade à investigação anterior feita a partir dos prontuários do Pavilhão de Observações do HNA, que se encontram guardados na Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A investigação em andamento, feita em equipe, optou por iniciar pelo último ano de existência do HNA, 1944. Os resultados parciais possibilitaram identificar o uso de testes psicológicos por médicos do Centro Psiquiátrico Nacional (CPN) no Engenho de Dentro, na primeira metade da década de 1940. Os testes encontrados estão associados ao laboratório de psicologia experimental do Hospital de Neuropsiquiatria Infantil (HNPI) deste centro, onde se destaca a ampla utilização de testes em crianças. Este Hospital foi inaugurado em 1942, tendo um ambulatório de psiquiatria Infanto-Juvenil. Identificou-se pela literatura, que a criação desta instituição deu início ao processo de transferência dos internos do Hospício Pedro II na Praia Vermelha, para o CPN, a partir da transferência das crianças e adolescentes internados no Pavilhão Bourneville. A pesquisa inicial também possibilitou a identificação de uma ficha de provas psicométricas, com 42 diferentes testes, onde os médicos da instituição deveriam preencher os resultados encontrados. A análise provisória dos dados encontrados confirma que a psicologia continuou sendo utilizada pela psiquiatria brasileira durante a primeira metade do século XX, apontando especificamente uma utilização no campo neuropsiquiátrico infanto-juvenil. Espera-se, com o avanço da pesquisa, contribuir para o preenchimento da lacuna existente na historiografia da psicologia brasileira, estabelecendo o modo como foi apropriada e utilizada nas instituições médico-psiquiátricas do século XX.

Palavras-chave: Psicologia no Brasil; História da Psicologia; Testes Psicológicos, Hospício Nacional de Alienados; Infância.

### As primeiras gerações de psicólogos da Bahia: entre convergências e divergências com o campo médico psiquiátrico

Rosane Maria Souza e Silva  
Instituto Federal da Bahia

O presente trabalho visa traçar um panorama sobre o desenvolvimento da psicologia na Bahia e suas trocas com o campo da medicina, no período entre o século XIX e primeira metade do século XX. Para isso, pretende-se apresentar uma breve contextualização sobre a história da FMB e sobre o processo de recepção de teorias e ideias psicológicas entre o final do século XIX e início do século XX; analisar o papel da Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas da FMB, como espaço de formação e capacitação acadêmica no campo *psi* nas primeiras décadas do século XX; e demonstrar a forte presença dos médicos psiquiatras no corpo docente do curso de graduação da UFBA. Trata-se de uma investigação que se fundamenta no campo da História Social da Ciência, realizada por meio de pesquisa bibliográfica e documental, cujas fontes primárias foram obtidas nos arquivos da UFBA. Na Bahia, a relação da psicologia com a medicina recua no tempo até o século XIX, quando da fundação da atualmente denominada Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (FMB/UFBA). As teses produzidas pelos estudantes de medicina em final de curso para obtenção do título de doutor ou para aprovação em concursos eram obrigatórias entre 1832 e 1928 e, muitas delas, trataram sobre questões psicológicas, ainda antes, portanto, da criação da cátedra de Clínica Psiquiátrica em 1881. Ao longo das primeiras décadas do século XX, destaca-se o papel da Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas da FMB, que promoveu cursos voltados para área de psicologia, com profissionais convidados, tais como: Técnicas de Entrevista, ministrado pela então técnica do ISOP, Mariana Alvim; Psicodiagnóstico Miocinético; Psicodiagnóstico de Rorschach e Teste de Apercepção Temática de Murray, ministrados pela professora Giscele Mattos. Mira y López também ministrou conferências, dirigiu seminários com um programa regular de formação e treinamento nas habilidades psicoterapêuticas e cooperou com a instalação do Centro de Orientação Infância juvenil, vinculado à Clínica Psiquiátrica. O poder hegemônico que a medicina teve na Bahia se espalhou também no curso de graduação em psicologia da UFBA e a história de João Inácio de Mendonça é emblemática nesse sentido. Mendonça era médico formado na FMB e professor catedrático de psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Foi ele o criador do projeto de instalação do curso de psicologia da UFBA e se defrontou com o forte corporativismo dos seus colegas médicos, dentro das instâncias superiores da universidade, conforme se evidenciou no processo de aprovação do curso, na década de 1960. Logo após a criação do curso, em 1968, a relação institucional entre o Departamento de Psiquiatria da FMB e o Departamento de Psicologia se estreitou com a chegada de dois professores colocados à disposição do departamento de psicologia e, ao final da década de 1970, o departamento contava com um contingente em torno de 30%, de médicos psiquiatras, que ministravam disciplinas diversas, além de Estágio Supervisionado, cujas aulas práticas eram realizadas nas instituições psiquiátricas, asilares e judiciárias da cidade de Salvador. A cidade de Salvador possuía, à época, cinco instituições de médio e grande porte: o Hospital Juliano Moreira, o Sanatório Bahia, a Casa de Saúde Santa Mônica, a Casa de Saúde Ana Nery e o Sanatório São Paulo. Os estágios também aconteciam nos ambulatórios Mário Leal e o Osvaldo Camargo, a Clínica particular AMEPE, o Manicômio Judiciário

e a Penitenciária Estadual Lemos de Brito. Os médicos psiquiatras tiveram também uma expressiva atuação na gestão do Departamento e na Direção da FFCH durante a década de 1970. Os resultados indicam o modo como se estabeleceu a relação de proximidade entre os campos médico e psicológico na Bahia, as forças que convergiram para a recepção de teorias e ideias psicológicas, a formação de uma importante tradição médico psiquiátrica que contribuiu para formar um ambiente favorável à consolidação da Psicologia, na Bahia, ao tempo em que revela a forte hegemonia social e força política organizada no âmbito institucional, só suplantados a partir da segunda metade da década de 1980, quando novos arranjos levaram à extrapolação do institucional e à autonomia social da psicologia e a formação de novos espaços de cunho terapêutico e clínicos no cenário baiano.

Palavras-chave: História da psicologia na Bahia; História da psiquiatria na Bahia; Faculdade de Medicina da Bahia.

### Dos porões da Santa Casa de Misericórdia a Assistência a Alienados em Minas Gerais

Aline Moreira Gonçalves

Marcos Vieira Silva

Universidade Federal de São João del-Rei

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em psicologia em andamento. A pesquisa de doutorado, surgiu no intuito de dar continuidade a uma investigação iniciada durante a pesquisa de mestrado da autora, que teve como título “Dos porões ao hospício: a participação das Santas Casas de Misericórdia na assistência aos alienados em Minas Gerais, no século XIX”. A dissertação teve como objetivo geral, investigar a participação das Santas Casas de Misericórdia na assistência aos alienados em Minas Gerais, no século XIX. Ao fim do processo de investigação e conclusão do trabalho de mestrado, verificou-se que os objetivos exploratórios e descritivos da dissertação foram concluídos. Contudo, fazia-se ainda necessário analisar e aprofundar a investigação referente a algumas temáticas suscitadas durante o processo de investigação inicial e aprofundar algumas outras análises iniciadas no processo anterior. A atual pesquisa tem como objetivo geral investigar a configuração e os desdobramentos do projeto caritativo-religioso de assistência aos alienados que existiu na Santa Casa de Misericórdia de São João del Rei-MG, durante o século XIX e início do século XX. Pretende-se desenvolver a compreensão dos aspectos que circundam as Santas Casas de Misericórdia enquanto instituições presentes no Brasil, desde o início do Brasil Colônia, na atuação a assistência aos alienados. As Santas Casas de Misericórdia fizeram parte do legado caritativo-assistencial do império português trazido ao Brasil e a todos os demais países por ele colonizados. As Santas Casas de Misericórdia além de serem uma das primeiras instituições do Brasil, também foram responsáveis pelo modelo primeiro de assistência à saúde e à loucura no Brasil, especificamente, em Minas Gerais. Contudo, a dimensão destas instituições é tida apenas como pano de fundo em relação à sua participação na assistência à saúde por um ponto de vista caritativo e, sobretudo, a assistência aos alienados no Brasil. É importante ressaltar que, embora as Santas Casas de Misericórdia enquanto instituições sejam mantenedoras de uma multiplicidade de significados, sejam eles religiosos, sociais, políticos e\ou econômicos, são figuras tidas como pouco relevantes no processo de construção da história de assistência aos alienados no Brasil, especificamente no que diz respeito ao estado de Minas Gerais. Contudo, não se pode dizer o mesmo em relação à participação da cidade de São João del-Rei na assistência aos alienados no decorrer do século XIX. Uma vez que, com a modernização das sociedades e a tomada da loucura por

meio do campo psiquiátrico, a loucura passa a ser interrogada não como uma doença, mas como o sintoma de uma sociedade. E é neste processo de assunção do louco a objeto da modernidade, que nos deparamos com questões cruciais que norteiam essa pesquisa de doutorado e sua relevância. Assim pretende-se responder algumas das questões que nos inquietam. Sejam elas: por que e como a Santa Casa da Misericórdia de São João del Rei se deparou com o cuidado e/ou a assistência aos alienados já no século XIX? Qual a importância da retirada e/ou da manutenção da assistência aos alienados naquele momento histórico? Qual o papel do alienado na sociedade são-joanense? O que o Hospital Colônia de Barbacena representou para a modernização de um país que acabara de se tornar república? Analisar o fim do projeto de assistência aos alienados na cidade de São João del-Rei, durante o século XIX e início do século XX, bem como, sua relação com a construção da Assistência a Alienados na cidade mineira de Barbacena, no ano de 1903. O estudo proposto trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso com abordagem historiográfica e documental. Sendo assim, a escolha por realizar uma pesquisa qualitativa nos permite aprofundar as investigações sobre diferentes realidades, nos mais diversos contextos, dentro do campo da psicologia. Especialmente, no campo da história da psicologia social.

Palavras-chave: assistência aos alienados; Santas Casas de Misericórdia; história da psiquiatria

### Os discursos psicológicos no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro no século XX

Letícia Oliveira Silva

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A passagem do século XIX para o XX no Brasil foi movida por um turbilhão de eventos sociais que refletiram nos rumos da Psiquiatria e do Direito no século XX. Neste período surgiu a primeira instituição psiquiátrica-penal da América Latina, o Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro (MJRJ). O MJRJ possuía um duplo objetivo - custodiar e tratar - e destinava-se a receber uma nova categoria de indivíduos, os ditos loucos criminosos. Sem a responsabilidade moral dos criminosos comuns, os doentes mentais eram isentos de pena e ao MJRJ cabia a sanção das medidas de segurança, que objetivavam segregar, reeducar e, sobretudo, prevenir a reincidência do delito. Heitor Carrilho foi o primeiro diretor do MJRJ e manteve-se no cargo até o ano de sua morte. Ao lado de Juliano Moreira (1873-1933), o psiquiatra foi também responsável pela criação, em 1930, dos *Archivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro*, um periódico de grande importância na difusão do conhecimento psicológico, psiquiátrico e penal. O caráter formativo do periódico apontava o papel do manicômio para além da lógica totalizante, se destacando como um centro de estudos e pesquisas e de produção científica, enquanto publicava os *Archivos*, em prol de um projeto médico-jurídico específico. Por um lado, o MJ era a instituição responsável pela detenção dos indivíduos infratores de crime e, por outro, era de sua atribuição também promover o tratamento, a profilaxia e, se possível, a cura da loucura. Para tal, a atuação médico-legal lançou mão de diversas categorias psicopatológicas que sustentavam as intervenções, dentre as quais a noção de periculosidade, inimputabilidade e a medida de segurança. O MJ, então, foi forjado através da superposição de dois modelos: o jurídico-punitivo e o psiquiátrico-terapêutico, sendo o primeiro totalizante, que incorporava e impunha limites ao segundo. Posto isto, o objetivo desta pesquisa é investigar os discursos psicológicos na instituição médico-penal ao longo do século XX, identificando os personagens responsáveis pela produção e disseminação desse saber

científico. Considerando o caráter historiográfico desta pesquisa a metodologia utilizada é interpretativa com base na análise do discurso considerando o contexto sócio-histórico no qual determinado saber foi produzido, para quem o discurso se dirige e também como ocorreu a circulação desses saberes. A análise documental é uma ferramenta essencial na pesquisa histórica, pois permite conhecer e interpretar o objeto proposto. Nesta investigação, parte-se de um acervo documental para desvelar a história de uma importante instituição médico-penal para entender, assim, a própria história dos saberes psicológicos inseridos na ciência médica. Dessa forma, esta pesquisa se relaciona com o evento por trazer discussões sobre os arquivos historicizados que produzem não só a possibilidade da construção de novas narrativas, mas também permitem uma reflexão crítica dos discursos e práticas que incidiram no passado e que também constituem o presente. É importante ressaltar que essa é uma pesquisa em andamento e um ponto a ser compartilhado é a experiência das pesquisadoras relativo ao levantamento documental em tempos da pandemia da Covid-19. A obtenção de materiais ficou restrita ao meio virtual, dificultando especialmente a obtenção de exemplares dos *Archivos do Manicômio Judiciário*, uma das principais fontes de investigação. Dada a impossibilidade de acessar fisicamente o acervo documental disponibilizado em instituições públicas que conservam a história do MJRJ, foi necessário buscar novos encaminhamentos para o levantamento das fontes primárias, uma vez que os *Archivos* não se encontram em plataformas virtuais. Até o presente momento, foram sistematizados 9 números dos *Archivos*, que cobrem os anos entre 1930 e 1935, contendo artigos, laudos e documentos psiquiátrico-legais e noticiários. Espera-se, a partir da análise do material levantado, a produção de artigos a fim de contribuir com as discussões no campo da pesquisa histórica e da Psicologia.

Palavras-chave: História da Psicologia; Manicômio Judiciário; Heitor Carrilho; discursos psicológicos.

### **A belle époque suburbana: a criação do primeiro ambulatório de profilaxia da América Latina no Rio de Janeiro**

Rafaela Antunes Fernandes Petrone

Renata Patricia Forain de Valentim

Pedro Henrique Abreu da Silva

Vitor Oliveira Braga

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho tem como finalidade compreender como a população carioca suburbana da primeira metade do século XX foi diretamente impactada pela criação do Ambulatório Rivadavia Corrêa. Criado no dia 13 de junho de 1920, por Gustavo Riedel, o Ambulatório foi instalado no mesmo espaço que a Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, na zona norte do Rio de Janeiro. Dispondo de atividades preventivas em psiquiatria e em outras áreas da medicina, eram exercidos nessa nova instituição atendimentos médicos, farmacêuticos e cirúrgicos que tinham como finalidade desafogar o alto número de pessoas que buscavam atendimento na Colônia. Fundamentado em preceitos higiênicos e eugênicos, o Ambulatório se tornou uma referência importante nos atendimentos públicos nesse território, além de um significativo veículo de propagação das novas diretrizes institucionais republicanas. Com isso, o novo dispositivo terapêutico, amplamente utilizado pela sociedade, excedeu os limites do âmbito médico e psiquiátrico, interligando questões como pobreza, raça, republicanismo e trabalho nas práticas clínicas que eram ofertadas à população. Nesse sentido, torna-se importante ressaltar que, durante as duas primeiras décadas do século XX, várias ideias que possuíam uma relação direta com a

degenerescência estavam sendo amplamente debatidas na sociedade - ao ponto de influenciarem as medidas sanitárias definidas pelos médicos. Esses profissionais da saúde acreditavam que os principais problemas encontrados no contexto brasileiro eram frutos de uma genética ruim, fruto da miscigenação e naturalmente deficitária, sem a robustez que era exigida para construir um país forte e desenvolvido. Desse modo, o ambulatório surgia como local considerado ideal para a profilaxia das doenças mentais e nervosas, evitando, assim, a propagação de características entendidas, segundo padrões eugênicos, como indesejáveis e até incuráveis. Para acompanhar esse enlace do discurso psiquiátrico com questões sociais, recorreremos à fontes primárias, jornais publicados durante a Primeira República, e à revisão bibliográfica. Foi utilizada como ferramenta de análise o conceito de Marcador Social, que reflete sobre as distinções criadas pela sociedade, que se associam e constroem hierarquias. Estando pautada em questões do subúrbio carioca, a investigação mostrou que a imprensa republicana acompanhou, a inauguração do ambulatório, detalhando sua construção, a composição de uma instituição com uma variedade de profissionais especializados acessíveis à população e o pequeno investimento financeiro do governo. Os serviços do Ambulatório Rivadávia Corrêa eram destinados a quem dispusesse de um atestado de pobreza outorgado por um delegado de polícia, um padre ou um médico do próprio bairro, que entregava à pessoa um cartão com o registro de sua condição financeira, o que dava direito aos serviços prestados pelo ambulatório. Eram atendidos mais de 5000 pacientes mensalmente, evidenciando a grande repercussão da instituição na população pobre do Rio de Janeiro e como suas práticas terapêuticas incidiam sobre aqueles que de modo costumeiro eram deixados à margem da sociedade. Gustavo Riedel também exerceu um importante papel ao elaborar e fundar o ambulatório, pois conseguiu fortalecer seu objetivo de propagar o higienismo e a eugenia, concomitante ao seu intento de criar um novo dispositivo de assistência. O Ambulatório Rivadávia Corrêa pode ser considerado não apenas como uma instituição destinada ao atendimento público da população com poucos recursos financeiros, mas um lugar em que práticas eugênicas e higiênicas confluíam com o saber médico, assim como os marcadores sociais.

Palavras-Chave: Primeira República, Ambulatório Rivadávia Corrêa, Gustavo Riedel, Eugenia, Higienismo

## ÍNDICE REMISSIVO DE AUTORES

### A

Adriana Amaral do Espírito Santo, II, 8, 9, 16, 22, 45  
Adriana Benevides Soares, 14, 29  
Alessandra Silveira Ferreira, 7, 16, 36  
Aline Moreira Gonçalves, 14, 20, 111  
Amanda Pinho Nunes da Silva Pereira, 8, 17, 54  
Ana Beatriz Andrade da Silva, 14, 20, 108  
Ana Camila Marcelo, 12, 19, 83  
Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota, 13, 20, 100  
Ana Maria Jacó-Vilela, I, II, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 18, 20, 22, 61, 62, 66, 67, 84, 99, 105, 108  
Andre Elias Morelli Ribeiro, 8, 11, 17, 18, 46, 71  
André Elias Morelli Ribeiro, 9, 11, 18, 27, 78  
Anna Carolina Rodrigues Capilé, 11, 18, 79  
Arthur Arruda Leal Ferreira, 9, 27  
Arthur Teixeira Pereira, 12, 19, 90

### B

Bruno Angelo Strapasson, 11, 18, 73  
Bruno Meloni Esturião, 8, 16, 42

### C

Carlos Alberto Rincón Oñate, 8, 17, 53  
Carolina Esteves Alves, 8, 16, 40, 41  
Catarina Miranda de Barros, 12, 19, 88  
Cátia Maria Mathias, 14, 20, 107  
Cesar Augusto Cobellas de Medeiros, 29  
Conrado Neves Sathler, 8, 16, 39  
Cristiana Facchinetti, 7, 21

### D

Daniel Arruda de Lima, II, 8, 13, 16, 20, 99  
Denner Luiz da Silva, 13, 19, 93  
Deolinda Armani Turci, 10, 17, 62  
Diego Luiz dos Santos, 10, 17, 60

### E

Ede Conceição Bispo Cerqueira, 8, 17, 49  
Eduardo Carli de Moraes, 7, 16, 38  
Eduardo Henrique Marques de Oliveira, 13, 19, 96  
Esmael Alves de Oliveira, 8, 16, 39

### F

Fernanda Britto Pinheiro Cerqueira, 10, 17, 63  
Fernando Andres Polanco, 10, 17, 30, 57, 58  
Fernando Ben Oliveira da Silva, II, 13, 20, 105  
Filipe Degani-Carneiro, I, II, 13, 14, 20, 103, 105

### G

Gabriel Vieira Cândido, 6, 31  
Gabriela dos Santos Melo Bonfim, 8, 17, 48  
Gabriela Godoi Damineli, 11, 18, 72  
Gabriela Vieira Brasil de Araújo, 12, 13, 19, 20, 92, 101  
Gabriela Viveiros Dornelas, 13, 19, 96  
Geórgia Superti Maia, 11, 18, 74  
Gervásio de Araújo Marques da Silva, 11, 18, 69  
Gisele Toassa, 11, 18, 70  
Giuliana Volfzon Mordente, 8, 13, 17, 19, 48, 94  
Guilherme dos Santos Teixeira Rocha, 11, 18, 72  
Gunther Mafra Guimarães, 11, 18, 78  
Gustavo Cruz Ferraz, 11, 18, 74

### H

Hugo de Nilson Damasceno, 12, 19, 84  
Hugo Klappenbach, 14, 25  
Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa, 9, 27

### I

Ingrid de Mello Vorsatz, 8, 17, 54  
Ingrid Vieira Oliveira Santos, 18, 75  
Ingrid Vorsatz, 7, 8, 11, 12, 16, 19, 36, 44, 80, 87, 88, 90  
Isabela Corine Celestino Nogueira, 13, 19, 96  
Isabella Oliveira dos Santos, II, 11, 18, 66, 67  
Isadora Almeida Dutra, 7, 16, 35  
Isadora Alves da Costa Santos, 7, 16, 33  
Izabella Tognini Corrêa, 11, 18, 79

### J

Jade Vellinha Lemos, 8, 16, 44  
Javiér Bandrés, 14, 25  
Jefferson de Souza Bernardes, 23  
Joan Sebastian Soto Triana, 8, 17, 55  
José Felipe Vitor Machado, II, 11, 13, 14, 18, 20, 65, 66, 103  
Josiane Sueli Beria, 10, 17, 58  
Josiane Sueli Béria, 10, 17, 57  
Juberto Antonio Massud de Souza, 9, 12, 17, 19, 26, 56, 85  
Julia Fiuza Franco Monteiro Prado, 13, 19, 93  
Julia Ravizzini Pereira, 7, 16, 33

### K

Kathleen dos Santos Galvão, 8, 16, 42  
Kely Cristina Garcia Vilena, 7, 16, 32

### L

Laura Araújo Delarue dos Santos, II, 13, 20, 103

Leonardo Grilli Belinotte, 11, 18, 72  
Letícia Oliveira Silva, II, 9, 12, 14, 17, 18, 19, 20, 56, 85,  
112  
Luanna dos Santos Demitrov, 11, 18, 72  
Lucas Bourdette Ferreira, 8, 17, 48  
Luccas da Silveira Marques, II, 14, 20, 108  
Lucía Rodríguez González, 13, 20, 103  
Luisa Barros Bonelli, 7, 16, 35  
Luiz Eduardo Prado da Fonseca, 8, 11, 13, 16, 18, 20, 43,  
78, 106

## M

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos,  
II, 14, 20, 112  
Marcos Vieira Silva, 14, 20, 111  
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos, 9, 11, 18, 27,  
76, 78  
María Andrea Piñeda, 23  
Maria Cláudia Novaes Messias, 9, 10, 17, 26, 61  
Maria de Lourdes Peluso, Carolyne Machado, 40  
María del Carmen Castrillón Valderrutén, 12, 19, 81  
Maria Eduarda Copatti Lopes, 13, 19, 97  
Maria Eduarda de Melo Jardim, 14, 29  
Maria Luzia Rocha da Silva, 14, 29  
Marilene Proença Rebello de Souza, 13, 20, 98  
Marília Novais da Mata Machado, 10, 18, 65  
Mary Emily Mattoso Silva Suzano, 12, 13, 19, 20, 92,  
101  
Matheus Coutinho dos Santos Alves, 7, 16, 33, 41  
Maurício Coutinho Pereira, 8, 17, 48  
Mauro Silva de Carvalho, 12, 19, 91  
Maycon Rodrigo da Silveira Torres, 7, 16, 33  
Milena Pedrosa Viana Ferreira, 7, 11, 16, 18, 34, 74

## N

Nataly Soares de Araujo Neves, 11, 19, 80

## O

Omar Bravo, 9, 26

## P

Paloma Suellen Paiola, 11, 18, 73  
Paula Parada Oliveira, 11, 18, 74  
Paulo Roberto Soares da Silva Alves, 14, 29

Paulo Vitor Goulart Gama, 8, 17, 48  
Pedro Felipe Neves de Muñoz, 12, 19, 86  
Pedro Henrique Abreu da Silva, 14, 20, 113  
Pedro Henrique Leal Cardoso, 14, 20, 108  
Pina Marsico, 12, 21

## R

Rafael Peçanha da Costa e Raphael Alves Cardoso, 8, 16,  
45  
Rafaela Antunes Fernandes Petrone, 12, 14, 19, 20, 87,  
113  
Rafaella Nóbrega Esch de Andrade, 7, 12, 16, 19, 36, 87  
Raiane Barreto Teixeira Gonçalves Pereira, 8, 17, 51  
Rejane Ribeiro, 14, 29  
Renata Patrícia Forain de Valentim, 14, 20, 113  
Renato Batista da Silva, 13, 20, 98  
Roberta Garcia Alves, 11, 18, 79  
Roberto de Oliveira Preu, 7, 12, 16, 19, 35, 92  
Rodolfo Luís Leite Batista, I, 9, 13, 19, 29, 96, 97  
Rodrigo Lopes Miranda, I, II, 6, 7, 11, 12, 13, 16, 18, 19,  
20, 21, 30, 32, 79, 83, 100  
Rosane Maria Souza e Silva, 9, 14, 20, 22, 110

## S

Sabrina Cristina de Oliveira, 13, 19, 97  
Sabrina Varella Soares, 12, 19, 87  
Selma Barboza Perdomo, 13, 20, 104  
Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes, 8, 17, 49, 50  
Sílvia Correia, 12, 19, 86

## T

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira, 7, 13, 16, 18, 20, 34,  
75, 101

## V

Vanessa Carine Gil de Alcântara, 8, 16, 41  
Vitor Oliveira Braga, 14, 20, 113  
Viviane da Silva Gomes, 11, 18, 71

## Y

Yasmin Castro, 8, 16, 41  
Yuri Pereira Antunes Vieira, 11, 18, 78